MEMORIAS
HISTORICAS
DE
ANECDOTAS, FRASES,
IAXIMAS, E SUCCESSOS MARAVILHOSOS.

Extrahidas dos melhores Authores, assim sagrados, como profanos.

PRIMEIRA PARTE.

LISBOA

a Offic. da ACADEMIA REAL DAS SCIENC.

ANNO MDCCLXXXVI.

Com licença da Real Mesa Censoria.

MEMORIAS HISTORICAS.

1 A Pobreza de apparecer desconfia. *Diogenes.*

2 No Tribunal do Amor se naõ encontraõ conselheiros. *Menandro.*

3 Auzonio diz: Ingratas graças saõ as agarosas, e duplicados os agradecimentos pressados.

4 Certo Author diz: Que discreto, e briιante modo he de obrigar o poupar as petiões, a quem se ha de conceder os despachos ellas.

5 Diz, que antipodas vontades, isto he õ as contrarias.

6 Os inimigos encobertos foraõ sempre,

por deſconhecidos, os mais arriſcados. *Euripides.*

7 O famoſo Retratiſta Prothogenes, natural da Ilha de Rhodes, era muito eſtimado do Rei do Egypto Protholomeo: Eſte o deſpedio do ſeu ſerviço, e que naõ tornaſſe á ſua preſença, por intrigas de inimigos, ou invejoſos, que nunca ſe achaõ os Palacios iſentos delles. Embarcando-ſe elle para Rhodes ſua Patria, no Porto de Alexandria, lhe ſobreveio huma furioſa tempeſtade, que o obrigou a arribar ao dito Porto.

Na arribada quizeraõ ſeus emulos armar-lhe huma traiçaõ, para o que mandaraõ hum homem com hum fingido recado, que o Re[i] o chamava. Elle dando-lhe credito, tornou [á] preſença do Soberano: Eſte incolerizado, lh[e] diſſe: como ſe atrevera a apparecer na ſua pre[-]ſença? Elle ſe juſtificou com o recado, qu[e] certo homem, da parte de Sua Mageſtade lh[e] tinha dado; que elle o naõ conhecia, mas qu[e] veria, ſe com hum carvaõ o podia retrata[r]. Fè-lo taõ deſtramente, que em hum inſtant[e] foi conhecido, e juntamente a maldade d[os] contrarios, o que obrigou o Monarca a reſt[i-]tuir Prothogenes á ſua graça, &c.

8 Aſ

8 Assim como para os Estados, naõ ha cousa de maior detrimento, que a guerra, da qual se originaõ pestes, fomes, perdas de Commercio, ruinas dos Campos, &c. assim naõ ha cousa mais proveitosa, que a doce paz. *Plataõ.*

Affirma o Orador Cicero, que a cousa mais suave, o titulo mais plausivel, a iguaria mais gostosa, e de mais estimaçaõ entre os homens nada he, como o bom nome, &c.

9 Foi sempre a fortuna grande pintora de passagens, que assim de longes, como de pertos, de vistas primeiras, e segundas compoem esta formosa perspectiva do Mundo. Donde he para notar, que aquelles baixos materiaes, que em si naõ saõ outra cousa, que taboas, pannos, terras, e azeites, de que a pintura se serve, ella os realça, levanta, e illustra de tal modo, que agora nos parecem altos montes, outra vez soberbos edificios, talvez rios caudelosos, e outras fresquissimos bosques, &c. *D. Fr. Manoel, &c.*

10 Dizia hum Sabio. Que cousa mais, e mais brilhante, e de proveito á creatura, que a lingua? Ella he o laço da civilidade; a chave das sciencias; o orgaõ da verdade, e da ra-

razaõ. Por ella ſe edificaõ as Cidades, e ſe pulem; e ſe inſtruem, e perſuadem; reina nas Aſſembléas, e ſe adquire a primeira de todas as ſciencias, que he o louvar a Deos, &c.

Que couſa peior pois, diz, que a meſma lingua má: he a mãi de todas as diſcordias, debates, diſputas; ſuſtenta proceſſos injuſtos, diſcordias, e guerras; erros, calumnias, diviſões, &c.

11 Que era de maior eſtimaçaõ qualquer paz poſſuida, que a mais glorioſa victoria eſperada. *Tito Livio.*

12 A juſtiça ſe pinta com balanças, e eſpada, para que pezando primeiro, poſſa depois melhor executar o golpe.

13 A maior penſaõ do cativeiro he ficar ſugeito ao querer, e vontade de outrem. *S. Jer.*

14 He a noite officina de temores, terrores do coraçaõ, eclipſe dos olhos, confuſaõ dos diſcurſos, ſepulchro da belleza, morte do luzido, e vida do tenebroſo. *Santo Agoſtinho.*

15 O que de todo carece enganar, fica mais expoſto a padecer o engano, pela ſua ſinceridade. *S. Gregorio Nazianzeno.*

16 Padecer os males dobrados, he vio-

lentar o ſoffrimento para encubrillos; porque naõ lhe permittir o deſafogo he impoſſibilitallo do remedio. *Euripides.*

17 Saõ as palavras interpretes da alma, e embaixadoras de ſeus ſentimentos. *S. Gregorio Papa.*

18 Foi poderoſa ſua perſuaçaõ para ſerenar em muita parte, o tempeſtuoſo mar de ſeus pezares.

19 De inimigos ninguem vive ſeguro, para que a humana perſumpçaõ ſe deſengane. *Cicero.*

20 He obrigaçaõ de animos honrados, naõ faltarem a verdade do que juſtamente ſe promette. *Certo Author.*

21 He a liberalidade a arte com que as vontades ſe obrigaõ, e os amigos ſe grangeaõ. *Cicero.*

22 Naõ ha couſa mais ſuave, que a concordia do thalamo nupcial. *Homero.*

23 Eſpoſa ſem dote, naõ tem liberdade para fallar. *Euripides.*

24 Saõ as lagrimas na mulher taõ proprio atributo, como a luz do Sol, e o calor do fogo. *Euripides.*

25 Que ſenaõ devia admittir a companhia

de

de quem ſe naõ podeſſe aprender alguma couſa. *Seneca.*

Porque (diz) ſe o companheiro he diſſoluto na vida, em lugar de melhorar-ſe com a companhia do bom, muitas vezes vem a depravar-ſe o modeſto com a nociva aſſiſtencia do máo.

26 Naõ preſume a innocencia os aſſaltos da tyrannia, ſendo ella a mais ſegura confiança de naõ poder ſer offendida.

27 Naõ he a maior ventura o alcançar quanto ſe deſeja; mas o ſaber naõ deſejar quanto eſcuzar-ſe póde. *Thucidides.*

28 Saõ os deſejos, quando ſaõ exceſſivos, verdugos do coraçaõ, e martyrios do ſoffrimento. *Certo Author.*

29 Com razaõ ſe ria Diogenes das ambiçōes de Alexandre, ſendo dous pólos entre ſi os mais diſtantes: hum que do mundo nada queria, e o outro que conquiſtar o mundo todo procurava: de que procedeo Diogenes viver em ſeu retiro contente até decrepita idade, e o Monarca deixou a vida em Babylonia na flor de ſeus annos.

30 Deſconfiar do inimigo, ſerá conſelho ſeguro, porque de ſugeito odioſo mal ſe podem

dem eſperar favores. *Publio Mimo.*

31 Os muito ricos, e poderoſos com difficuldade ſe ſugeitaõ a obedecer ás Leis da razaõ, quando ſe conſideraõ executores do ſeu deſejo. *Ariſtoteles na Politica.*

32 Saõ os premios que ſe eſperaõ a maior liſonja, que ſuaviſa os trabalhos, e a caricia mais efficaz para perſuadir ás emprezas difficultoſas. *Cicero.*

33 Saõ as eſperanças doce manjar dos afflictos. *Euripides.*

34 Para navegações maritimas, e extenſas, he preciſo peito de ferro, e coraçaõ de aço. Segundo *Horacio.*

35 Toda a morte que ao ladraõ, e traidor ſe dá he juſtamente merecida. *Cicero.*

Porque diz Ariſtoteles, que he taõ odioſo o officio de ſalteador, que lhe attribue todos os vicios.

Santo Agoſtinho affirma, que ſe o furto ſempre he aborrecido, ainda quando o roubado o ignora, que fará quando violentamente ſe executa.

36 Honrar os pais he preceito Divino, e mal os póde honrar quem os deſauthoriza com ſuas obras, fazendo-os deſprezados, e odioſos

ſos ao Publico. Como fez o Senador Romano Lucio Antonio, que mandou matar ſeu filho, por ſe haver ajuntado á Conjuraçaõ de Catelina, dizendo, que ſe pelos inſultos do filho elle ſe havia de ver deshonrado, e entre os Patricios abatido, mais decoroſo lhe era carecer de hum filho perverſo, e deſobediente, do que viver de todos mal viſto, por conſervar a vida a hum eſcandaloſo filho.

37 Accommodando-ſe as palavras mais ao decoroſo que ſe deve a quem as ouve, do que ao abatimento de quem as diz.

38 Da viſinhança procedem muitas vezes os bens, e aos males: Os bens ſendo os viſinhos bons, e os males ſendo máos. *Demoſthenes, e Plauto o affirmaõ.*

39 Por mais que ſe queira disfarçar á culpa, naõ conſente o roſto na mudança, dar patrocinio ao delicto. *Euripides.*

40 Hoje commummente o que parece amizade ordinariamente he fingimento da conveniencia propria, e naõ utilidade reciproca. *Como affirma* . . .

41 Santa chamou *Plutarco* á amizade: alma commua a dous amigos. *Ariſtoteles.*

A maior conveniencia da vida. (*) *Cicero.*
Vinculo mais eſtreito que o ſangue. *Valerio.*
Pela maior parte he intereſſada, enganoſa, *Maximo.*
Simulada, e fraudulenta. *Ovidio.*

42 Naõ ſe tire a publico o damno que eſtá encuberto; porque ſendo antes mal ſingelo, tanto que ſe deſcobre fica ſendo hum aggregado de males. *Cicero.*

43 Saõ as lagrimas demonſtraçaõ de arrependimento, e quando ſe ſegue a emenda, dignas de toda a eſtimaçaõ. *Certo Author . . .*

44 Corre por conta do verdadeiro amigo o ſentir, ou ter pena, e alegrar-ſe com os pezares, ou augmentos do ſeu amigo. O amigo he ametade da alma, que ſuppoſto (em dous corpos ſe divida) para o ſentimento em cada hum vive inteira. *Horacio.*

45 Naõ ha couſa mais nociva aos Eſtados do que as guerras civís. Com ellas ſe arruinou Roma, Numancia, Italia, e outros muitos Imperios. *Plataõ.*

46 He a paz o nome mais deleitavel, e ſuave, e para todos o tempo mais feliz. *Cicero.*

Os

(*) Fallaõ da amizade.

Os Cavalheiros Romanos tinhaõ ſeus Era-
rios no Templo da Pàz, como dando a enten-
der, que ſó na paz eſtavaõ as riquezas ſegu-
ras.

47 Dos males muitas vezes ſe tiraõ bens
e dos trabalhos lucros do deſcanço; ſendo n
Capitaõ o premio dos bellicos riſcos, a victo-
ria; e no Lavrador os fructos que da moleſt
agricultura colhe. *Plataõ.*

48 Todos os homens, ou quaſi todos na-
turalmente deſejaõ ſaber; porque os bens d
fortuna podem perder-ſe com a inconſtancia d
ſuas mudanças; porém a ſabedoria nunca ſ
perde; pois a quem a tem em todo o eſtad
aſſiſte. *Ariſtoteles.*

49 A curioſidade principalmente em mu-
lheres, manda *Plataõ* evitar. *Plutarco* lh
chama inutil. *Euripides* perniciosa, e *Cicero*
moleſta.

50 Saude das ignorancias, chamou Cicer
ás ſciencias, que ſaõ os achaques de que pód
enfermar o entendimento; o meſmo diz *Ovi-
dio.*

51 A ambiçaõ nem ao parenteſco mais pro-
pinquo, nem á amizade mais antiga coſtum
guardar reſpeitos. *Ciçero.*

52 A

52 A liberalidade he virtude, que nos despendios honestos, e honrosos sabe gastar, e despender francamente os bens que possue. *Aristoteles.*

O Caminhante que nos ardores do Sol, e no mais calmoso dia, ou pelo campo mais árido, ou areal mais estéril, abrazado dos raios do dito Sol, anda envestigando com o desejo de descobrir algum manancial em que sequioso, e annelante refrigere a apertada sede, respire do cançasso, soccorra o coraçaõ com o liguido crystal, que appetece; apenas descubrio a fonte, para logro de seu desejo, allivio de seu cançasso, refrigerio de sua sede; quando em satisfazendo a sede, que o molestava, voltando as costas á fonte, continua a jornada, naõ se lembrando mais da fonte como se nunca a vira. *Certo Author.*

54 Com os Principes, e Grandes se deve usar com respeitosa cautéla, e como elles querem ser tratados pelos seus inferiores.

55 Arrisca-se no fallar, e no silencio, e entre dous extremos do perigo, naõ he facil escolher hum meio que possa servir de remedio a hum empenho, que tanto carece de remedio. *Euripides.*

57 Em

56 Em quanto o ſilencio ſenaõ rompe póde facilmente ter effeito a deliberaçaõ. *Ovidio.*

57 Fugir aos perigos, he meio efficaz para vencellos; porque com difficuldade os evita, quem de roſto os eſpera. *Seneca.*

58 Devem-ſe collocar igualmente, ou em igual balança os trabalhos, com os perigos. *Juvenal.*

59 Com difficuldade abonançaõ as iras dos poderoſos, ſendo tempeſtade que cada vez mais creſce, e nunca ſerena. *Euripides.*

60 O ciume, he huma fantazia, que produz o receio, humas deſconfianças, que ſe fazem duvidoſas, humas apparencias, que fabrîca a imaginaçaõ, hum delirio, ſem manifeſta loucura, hum deſmaio da razaõ, e humas ſombras que eſcurecem a memoria, e riſcaõ della os aſſentos de todas as obrigações, *Certo Author . . .*

61 O Somno foi dado aos mortaes para allivio dos cuidados, e ferias dos trabalhos do dia. *Ariſtoteles.*

62 Saõ os vagares huns deſenganos rebuçados na dilaçaõ, humas deſpedidas encubertas na demora. *Plataõ.*

63 Tendo de diamante a formosura, e a dureza, quem esperará que se mude. *Menandro*

64 Mais vale hum bom amigo, que as riquezas; porque estas podem faltar, e o amigo, sendo-o naõ falta. *Aristoteles.*

65 Póde porem caber na esféra de meu desejo, o que naõ póde receber taõ abbreviado domicilio: onde supprirá a grandeza de meu desejo ás limitações de hum... ausente de sua patria.

66 Naõ ha na vida maior soledade, que a falta de amigos; pois viver sem elles, he viver como no deserto. *Santo Agostinho.*

67 He natural desejo dos verdadeiros amigos, o saberem os pezares de seus amigos, para poderem alliviar o penoso delles.

Para que saõ os amigos senaõ para allivio da pena? *Cicero.*

68 O amigo verdadeiro, he Medicina da vida, para soccorrer o amigo no mais vivo da dor.

69 Naõ se habilita para possuir as grandezas, quem nas esperanças desanima. *Plauto.*

70 A' agradavel conversaçaõ, chamou *Aristoteles* luz da vida, e *Euripides* a intitulou estrada prateada da sabedoria; porque suspende

de a erudiçaõ os gyros dilatados do tempo para que ſeu curſo ſenaõ avalie moleſto.

71 He ſuſpenſaõ das vozes o duvidoſo d reſpoſta, a huma difficil propoſta. *Quincti liano.*

72 Ariſtoteles affirma, que o amor, odio, e o intereſſe proprio, naõ ſaõ idoneo para juizes; porque o temor perturba, e nad reſolve.

73 As iras dos mui poderoſos com facilida de ſe movem, e com grande difficuldade ſ applacaõ; porque cada dia mais creſcem. *Eu ripides.*

O que bem ſe obſervou em Alexandre Ma gno, que ſendo hum Principe a quem Deo dotou de taõ generoſo animo, cruelmente ma tou a Clito ſeu Aio, e Philotas ſeu privado ou valido. Lucio Scilla, que matou impia mente a Quinto Lucrecio ſeu amigo, por lh repetir a petiçaõ de hum favor que lhe nega va. Pelo que diz Demoſthenes, que nenhun offendido ſe deve avaliar por eſquecido para vingança, *maximè* ſendo poderoſo.

74 A maior honra, e gloria da victoria que ao vencedor reſulta, he a authoridade, dignidade do vencido.

75 A

75 A razaõ que daõ de se pintar o amor cego, he que elle nem vê os despenhos, e perigos, nem attende, nem receia os discommodos que seguir se podem.

76 He o amor hum voluntario cativeiro; mal difficil de curar, frenetico accidente da razaõ, violenta paixaõ dos sentidos, que como primeiro mel com violencia os arrebata. He, se bem se considera, prizaõ do coraçaõ, martyrio da alma, desconhecido salteador, ingrato para servir-se, deshumano para seguir-se, e difficultoso para deixar-se. *Author*.

77 Taõ cego he o aborrecimento, como o amor. *Plutarco*.

78 Sempre o bem, depois de possuido, se representa menos, e o naõ logrado mais. *Euripides*.

79 As indignações dos Reis saõ embaixadores da morte, principalmente se elles naõ tem temor do Juiz Supremo, e ainda quando parecem serenar, nunca se asseguraõ. *A Santa Escritura nos Proverbios*.

80 Que vassallo, pois, se póde dar por seguro, quando seu Principe se mostrar delle descontente, e aggravado? Quem se atreverá finalmente a apparecer diante de hum Sobera-

no quando elle se der por offendido?

81 Simonides dizia, que antes quereri
ter riquezas para deixar a seus inimigos, qu
a pobreza o obrigasse a pedir aos seus maiore
amigos.

82 Aos ricos todos cortejaõ, e respeitaõ
mas a pobreza vive no mundo solitaria, po
que ninguem a busca, e todos della fogem c
mo de peste. *Ovidio nos Fastos.*

83 Saõ os bens, em quanto possuidos
como attractivos da veneraçaõ, e incentiv
do respeito; porque em estes faltando, l
o seu despojo cadaver da estimaçaõ, e somb
sem entidade do que dantes foi, o obsequi
só culto do respeito.

84 He a pobreza nos honrados, amiga
noite, porque com ella se encobrem as falta
que com a luz do dia se manifestaõ. Miserav
palavra he o dizer-se: Fulano teve muito,
agora nada tem. *Plauto.*

85 A severidade affugenta os amigos, e
benevolencia os grangea, e conserva. *Plata*

86 Huma consciencia bôa seguramente a
parece nas luzes do mais claro dia; porém h
ma consciencia criminosa das proprias trévas
noite se receia. Por isso affirma certo Autho

Qu

Que he pezo intoleravel, com que os culpados eſtaõ opprimidos.

87 A verdadeira amizade (ſegundo Valerio Maximo) he hum vinculo ſuperior ao meſmo ſangue.

88 Para ſe conhecer a verdade, he preciſo manifeſtar o engano da falſidade. *Ariſtoteles.*

89 A queixa que vai da pobreza acompanhada, talvez he pouco attendida, ſendo o pobre pouco acceito, e ainda mal ouvido. *Juvenal.*

90 O grande Plataõ dizia, que ſenaõ podia chamar opulento, e rico o que muitos bens poſſuia. Senaõ aquelle que, quando lhe convinha, ſabia diſpender tudo.

91 Plutarco adverte, que os que eſtaõ encarregados da guarda de algum prezo, devem eſtar vigilantiſſimos no diſvello para o entregarem ſeguro.

92 Plinio, diz que a Juſtiça ſe deve moſtrar igual, tanto aos nacionaes, como aos eſtranhos; aos alheios da caſa, como aos domeſticos della.

93 A prudencia regulada naõ deve parar na conſideraçaõ do preſente; mas deve conje-

ctlurar, e ajuizar ſobre o futuro. *Demoſth*
nes.

94 He a cortezia emprego, que ſem riſc
no agrado univerſal, rende muito. Donde a
firma Cicero, que he huma cidade campo abert
para adquirir o louvor de ſeus Patricios, ſ
bendo conhecer a benevolencia, e praticar
cortezia de tratallos.

95 Nunca ſe deve romper com a peſſoa
quem depois havemos de rogar; porque ſob
a quebra ficaõ os rogos á diſcriçaõ de naõ ſer
admittidos, e o que ſe regeitou por deſculpa
veio a declarar-ſe por offenſa. *Certo Author.*

96 Naõ ha maior afflicçaõ, tormento,
pena, do que ſoffrer a huma mulher, de cu
lealdade naõ póde viver confiado, e ſegu
ſeu Marido. *Euripides.*

97 O eſquecimento das infelicidades, h
mimo, com que a ventura conſola aos miſer
afflictos; porque ſe ſempre de ſeus infortuni
padecidos fizeſſem memoria, pouco durav
ſeria a vida, combatida de repetidos ſentime
tos. *Euripides.*

98 Qualquer homem póde errar: mas pe
ſeverar no erro conhecido, he ſó proprio d
neſcios; porque o primeiro póde ter deſcul
em

em enganar-ſe , mas a perſeverança depois do deſengano manifeſto , he fazer do erro porfia , e ficar ſendo antípoda dos diſcretos , e diſcredito da bondade do juizo , em querer inſiſtir no que a razaõ eſtá reprovando.

99 Quanto ſe adquire em fadigas laborioſas , e penoſos trabalhos , acontece muitas vezes ſer pela adverſa fortuna arrebatado em huma hora. *Tito Livio.*

100 Porem que importa a approvaçaõ do Conſelho , ſe ſe oppõe a fortuna nos acertos da execuçaõ ? Pois o conciliar muitas vontades , parece mais effeito da ventura , que do acertado da eleiçaõ. *Plataõ.*

101 O ſoccorrer aos afflictos , he de animo verdadeiramente Real. *Ovidio.*

102 As dilações moroſas , vem a fazer talvez dos proprios remedios encontros ; e obſtaculos das venturas que eſtavaõ mais proximas *Quinctiliano.*

103 O ſer louvado do Povo , pende das obras heroicas , que o louvado [illegible]
cio da Patria ; Porém o ſer dc [illegible]
tem a origem na affabilidade [illegible]
com que os corações ſe cativaõ [illegible]
licidade pequena ſaber com o q [illegible]

(menos ao ſoberbo) adquirir o geral applauſo de huma Cidade, Reino, e Republica; *Cicero.*

104 Vale mais a doce paz do que todas as victorias juntas. *Saluſtio.*

105 O dar, e ſoccorrer, he a propria liçaõ, que devem eſtudar os Principes. Dizia Artaxerxes, referido de *Plutarco.*

106 Doce, affavel, e mimoſo he o nome da Paz; e os meſmos que podem ficar victorioſos na guerra a appetecem com grande ancia. *Cicero*, e *Tito Livio.*

E o meſmo Chriſto Senhor noſſo o confirma; dizendo aos Santos Apoſtolos: *Pax vobis.* A paz ſeja comvoſco, &c.

107 Abrir a porta a guerra, he grande infelicidade; porque he diſſipaçaõ das Monarchias, careſtia dos campos, penuria dos mantimentos, invaſaõ dos inimigos, morte dos naturaes, e outros mil deſcontos, que tem moſtrado a experiencia, com damnos irreparaveis, &c. *Demoſthenes.*

108 Saluſtio, e Seneca, dizem que he obrigaçaõ dos Monarchas fazer obſervar, e render a juſtiça a quem a pede, e merece.

109 Tudo deſta vida eſtá ſogeito ás mudan-

danças da fortuna. E assim como hum animo ingrato de nada se mostra obrigado, tambem hum coraçaõ agradecido de tudo sabe fazer estimaçaõ. *Cicero.*

110 Vai grande distancia de amar a ser amado; porque o coraçaõ alheio naõ nos he conhecido. *Euripides.*

111 Achareis (póde ser) em mim, senaõ remedio a vossos males, e tristezas, ao menos alivio; porque os males communicados, muitas vezes se diminuem. *Certo Author.*

112 Ordinariamente todas as cousas da terra andaõ em contínua mudança. *Euripides.*

113 A arte de governar Estados, e Cidades, se reputa pela primeira; porque na Politica ha difficuldade grande sobre o haver de governar a multidaõ, talvez com mudança de Leis, e Estatutos, sendo muitas vezes necessario mudar de estylo, e parecer. *Aristoteles. Plutarco*, e *Cicero.*

114 Naõ ha meio mais efficaz para romper amizades, por mais íntimas que sejaõ, do que persuadir ser superior, quem conciliou as vontades, com parecer igual entre iguaes. *Cicero.*

115 Só a ambiçaõ, como cega (que assim lhe

lhe chamou S. Joaõ Chryſoſtomo) naõ ſe contentando com rejeitar, e encontrar maiorîas, naõ ſabe, nem póde ſoffrer igualdades.

116 Notavel vicio he o da ingratidaõ; o maior de todos. *Quinctiliano.*

O mais rigoroſo de todos os aggravos. *Eraſmo.*

Homicidio dos beneficios. *Santo Ambroſio.*

117 Os que menos ſabem imaginaõ, que he engano a Doutrina de quem procura encaminhallos. *Euripides.*

118 A cauſa porque a ignorancia tem pouco remedio, he, porque ninguem chega a confeſſar ſer enfermo della. *Cicero.*

119 Hum Sabio, ainda que pobre, e abatido, póde ſer muitas vezes de proveito á quem delle menos imagina neceſſitar.. Queixa he eſta que com razaõ ſe póde ter de muitos ſenhores da Terra, que ſe ſervem de ignorantes, com que muitas vezes ſe arruinaõ, deixando de ſervir-ſe por Sabios, e prudentes com que facilmente ſeriaõ felices.

A eſte propoſito refirirei hum caſo que aconteceo a hum Rei Oriental com hum ſeu valido. Era eſte hum grande Fidalgo muito acceito ao Monarcha, e por conſeguinte de muitos

tos invejado. Elle era dotado de hum benigno, e affavel genio; e andando em certo dia no exercicio da caça, encontrou hum pobre enfermo maltratado dos pés; e muito abatido de saude, o qual rogou áquelle Fidalgo, que lhe fizesse a caridade de o mandar conduzir ao seu Palacio, e fazello curar nelle, que por ventura ainda lhe serviria de utilidade em alguma occasiaõ. Aquelle generoso Senhor, rindo-se, lhe procurou, para que lhe poderia servir, pois a sua disposiçaõ, enfermidade, e pobreza davaõ indicios, de que podia aproveitar-lhe pouco? Ao que elle respondeo: que era Sabio Medico para curar, e remediar palavras ignorantes.

E supposto que fez pouco apreço deste seu dito: com tudo por benigna humanidade o mandou conduzir, e curar em sua casa.

Passados tempos, os invejosos maquináraõ a ruina daquelle Fidalgo, accusando-o ao Rei de falsario, e que intentava usurpar-lhe a Coroa. E que se queria experimentar o que elles lhe affirmavaõ, fingisse que queria deixar os cuidados do Reino, e retirar-se a hum Ermo, a fim de praticar huma vida solitaria, e penitente. E que notasse entaõ as suas palavras;

por-

porque logo o havia de aconfelhar que foffe
para ter a fua ambiçaõ lugar de fe fazer abfo-
luto Senhor.

O Rei querendo experimentar efta ardilo-
fa aleivofia daquelles infolentes, o mandou
chamar, e lhe propôs o ideado, e elle que
eftava ignorante daquella rede que fe lhe tinh
eftendido, approvou ao Rei a boa refoluçaõ
por muito ajuftada, e fegura. Entaõ o Re
moftrando-fe colerico no afpecto, fe affafto
da fua prefença. E o pobre Fidalgo ficando af
fuftadiffimo, fe recolheo a fua cafa penfati-
vo, afflicto, e trifte, e foi confultar ao dit
pobre Sabio. O qual lhe diffe: Sem duvida
Senhor, alguns inimigos invejofos vos mal-
quiftáraõ com o Rei a fim de perder-vos, affir
mando-lhe que lhe quererieis ufurpar o Reino
e julgo que fó a fim de vos experimentar, vo
fingio effa renuncia do Reino, de que talve
eftará bem alheio. Cortai pois os cabellos,
cingindo hum humilde habito de penitencia
vos aprefentai á Mageftade. E quando vos pre
curar a caufa dizei: Saõ, Senhor, defejos d
imitar-vos, e feguir voffa mudança de vida
que intentais; porque ainda que pareça diffi
cultofa, levando-a em voffa companhia, m
fe-

erá mui facil, e ſuave. E aſſim, Senhor, naõ vos detenhais á falta de quem vos ſiga; pois he juſto, que quem vos acompanhou nas proſperidades, igualmente vos ſiga na pobreza, e humildade. Pôs logo eſte Fidalgo em execuçaõ o bom conſelho, que o Sabio enfermo lhe havia propoſto: e o Rei ficou como paſmado, e fóra de ſi, pela novidade, e bom proceder do ſeu fiel valido, de que reſultou, naõ ſó tornallo á ſua graça, e augmentallo muito; mas ainda caſtigou aſperamente aos falſarios, &c.

120 Naõ ha Cidade por mais populoſa, Caſtello por mais forte, edificio por mais ſeguro, obeliſco por mais mageſtoſo, e Torre por mais inexpugnavel, a quem o tempo com ſeus inſenſiveis aſſaltos naõ gaſte, naõ arruine, e naõ conſuma. *Cicero.*

121 A ſoberba he origem de todos os vicios, como lhe chamou Santo Anſelmo: e pelo conſeguinte o ſoberbo he geralmente aborrecido de todos.

122 O que nos eſtudos ſe diſpende, jámais ſe eſperdiça, como enſina *Plutarco.*

123 A's eſperanças chamou Santo Agoſtinho, vida da noſſa mortalidade, e o manjar mais ſuave com que ſe alimenta.

Traz

124 Traz comſigo a fugida, por compa nheira a ſuſpeita; porque largando hum fugi tivo o campo ás deſconfianças, como ſenaõ póde defender das calumnias, todos ſe atre vem a culpallo. *Ciceró.*

125 He o ſomno alegre liſonja appetecida do cançaſſo, para quem trabalha, e naõ me nos he allivio das afflicções, para quem as pa dece; que como eſtaõ embargados os ſentidos para naõ ſentirem, tambem ficaõ ſuſpenſas as operações da alma, para com ſuas memorias naõ atormentarem. *S. Joaõ Chryſoſtomo.*

126 Tem a injuria de ſi propria tal eſtimu lo, que com difficuldade a podem diſſimular os Varões prudentes. *Cicero.*

127 He a injuria (ſegundo Santo Agoſti nho) a pedra de toque em que ſe deſcobre o valor no ſoffrimento della.

128 O carecer de vicios, he triunfar das calumnias; pois nunca falta eloquencia para ſe defender, a quem feridas de conſciencia naõ ſe atrevem a inquietar. *Quinctiliano.*

129 He o derramado ſangue tinta taõ fina que já mais ſe apaga; mancha taõ eſcura, que já mais ſe lava, e eclipſe taõ grande, que nunca ſe termina, &c. Niſto allude o Author, a qual

quer

quer creatura, que he morta violentamente.

130 S. Bernardo affirma, que desejava sempre ver os animos alegres; pois assim como a tristeza he veneno da vida, assim he morte das acções, que com ella se emprendem.

131 Sendo Alexandre muito humano para com seus Soldados, estes o amavaõ muito; porque acontecendo ser ferido de huma setta, e naõ podendo caminhar senaõ assentado em cadeira, houve competencia nos Soldados sobre quem o havia de conduzir, em termos de irem ás armas. Mas o Monarcha decidio, que alternadamente o levassem os Infantes, e a Cavallaria.

132 Passando o mesmo Alexandre por hum sitio com seu Exercito, em que havia copiosa neve, lhe trouxeraõ hum Soldado quasi morto de frio. Elle o tomou nos braços, e o assentou na cadeira em que se aquentava, para reparar o frio, até que o pobre Soldado tornou em si, &c.

Em outra occasiaõ, indo mui sequiosos, sem encontrarem agua, hum Soldado lhe trouxe hum vaso della, que tinha descoberto. Mas elle a naõ quiz beber; dizendo, que antes

que-

queria com feus Soldados padecer a fede, d
que ficando os feus Soldados fem ella valer-f
elle fó do allivio. Na verdade elles lho mere
ciaõ; porque além de muito promptos, e obe
dientes, o amavaõ muito, fazendo-fe ell
amavel por fua clemencia, e liberalidade.

133 O Imperador Trajano tambem foi mui-
to affavel, liberal, e piedofo. O que bem fe
obfervou depois da cruel batalha, que deu aos
de Dacia, de quem ficou vencedor; pois fi-
cando tantos Soldados do feu campo feridos,
e naõ havendo já pannos para os curar, defpio
a propria camiza para della fe fazerem os ditos
pannos. E pelo grande affecto que feus Sol-
dados lhe profeffavaõ, confeguio taõ ventu-
rofas conquiftas, e taõ infignes victorias,
que immortalizáraõ feu nome.

He engano no Commandante de hum Ex-
ercito, fe defgofta a feus Soldados, promet-
ter-fe feliz fucceffo nos conflictos; porque pó-
de acontecer, que pela fua afpereza os mef-
mos Soldados, a fim de elle ficar fem a gloria
de vencer, eftimem fer vencidos dos contra-
rios, como tem acontecido a muitos, &c.

134 He hum Grande offendido, como o
rio impetuofo, que naõ fabe voltar atraz a fua
cor-

rrente. Maior vingança de hum aggravo ; o continuo temor, do que a breve pena do ſtigo. *Juvenal.*

135 Todos, em quanto neſte mundo viveos, neceſſitamos de ſer aconſelhados. *Plurco.*

136 As deſordenadas paixões da alma nos ntaõ as couſas com differentes cores do que n ſi tem. Como a eſperança de verde; o mor pálido; a ira de ſangue; a triſteza de egro; e o amor flórido. E ſó quem tem o cor-çaõ affaſtado dellas tem livres os olhos para er as couſas com as proprias cores, de que a atureza, e o tempo as reveſtio. *Perſio.*

137 Saõ os merecimentos eſcadas da venra, por onde ſe ſóbe ás dignidades; ſendo tes tanto mais applaudidos, quanto foraõ no ibir mais arriſcados. *Quinctiliano.*

138 O melhor genio de vingança, he ſaer perdoar no tempo que a vingança ſe póde onſeguir. *Diogenes.*

Juvenal diz della: Que os vingativos ſaõ is; pois intentaõ curar o ſentimento da paiaõ, com o proprio remedio, com o que ſe ggrava a offenſa.

139 Mandou Seleuco Rei dos Locrences, que

que todo o ſujeito que foſſe achado em adulte
rio, lhe foſſem tirados os olhos. Cahindo poi
o filho do Rei na pena daquella Ordenaçaõ
Monarca ſevéro, querendo dar exemplo a
ſeu Povo da integridade de ſuas determina
ções, ſe fez (com toda a conſtancia) tirar
ſi hum olho, para mandar arrancar outro ao fi
lho. Acçaõ, que foi mais admirada por auſté
ra, do que louvada por juſta.

140 O ter compaixaõ dos filhos he natura
obrigaçaõ do Paterno amor. Pois ſe o amo
que lhes tem, ſe naõ porta compaſſivo, er
que ſe ha de moſtrar o affectuoſo? E ſe os er
ros dos filhos naõ acharem remedio nas entra
nhas enternecidas de hum Pai, como acharã
nem eſcuſa, nem allivio em peitos eſtranhos
Quinctiliano o affirma.

141 Os perigos rebuçados nas honras na
ſe ſentem; e quanto tem de ignorancia na cau
ſa, tem de certeza nos effeitos. *Tito Livio.*

142 Relogios da alma, ſaõ, ſegundo *De
moſtenes*, os olhos, porque logo moſtraõ d
fóra a dor que jaz dentro.

143 Nunca aos deſgraçados foi o bem d
dura, nem o mal de paſſagem. *Euripides.*

144 Affirma bom Author, que o Genera
de

de hum Exercito, deve ter quatro essenciaes cousas, para commandar como deve os homens. 1. Authoridade. 2. Experiencia. 3. Valentia, e 4. ventura. Deve ser destemido para o inimigo, e para seus Soldados benevolo. A destreza, e animo dos Soldados, daõ ao Capitaõ applausos da victoria. *Vegecio.*

145 Naõ só se devem agradecer as obras que se nos fazem; mas igualmente a vontade com que se fazem, ou as de que mais fizera se podera obrallas. *Cicero.*

146 Na mesma casa da velhice, faz a morte sua morada. Diz Themistocle, e que he achaque incuravel, e a que deseja ao berço tornar, estando taõ vizinha do sepulchro, he digna de desprezo.

147 Huma boa vontade todos os agros adoça, por mais desabridos que sejaõ. A tristeza, e alegria da mesma vontade tem sua origem; porque assim como tudo o que de boa vontade se aceita, he facil, e alegre; assim o que sem ella se obra, he pezado, triste, e melancolico. *Aristoteles.*

148 Só causa terror o morrer a quem viver mais naõ aspira; porém quem deseja os logros da eterna vida, porque ha de temer

o largar os despojos da mortal? Ou porque ha de recear deixar hum val de penas, quem póde viver seguro nos montes gloriosos do Ceo? Oh Patria venturosa; Jerusalem Celestial; Visaõ da paz; Domicilio do amor; Regiaõ da vida; Centro da alegria; Esfera de todos os resplandores; Seguro porto de nossos desejos; morada de Deos; Corte dos Santos; Empyreo da eternidade; quem fora taõ ditoso, que já em ti se vira! Exclama S. Joaõ Chrysostomo.

149 Discripçaõ da Gloria, conforme Santo Anselmo, S. Dionysio, Santo Thomaz de Aquino, Cassiodoro, e outros Santos Padres. Neste matizado campo de flores, primavera eterna dos sentidos, Abril sempre vivo, Maio nunca passado, prado de eternas rozas, jardim de todas as alegrias, de quem o terreal tomou as sombras, debuxou os longes, imitou as pennas, as distancias dos vivos, para na terra ser chamado Paraiso de delicias.

O certo he que Deos communicou tantas perfeiçóes ás creaturas, com emminencia contém este Senhor em si todas as perfeiçóes que repartio, e outras sem numero que podéra crear se fosse servido; porque ninguem pó-

óde dar, conforme Santo Thomaz de Aqui-
o, o que naõ tem.

Todo o formoſo das flores, o viſtoſo das
ores, o ſuave dos aromas, a fragrancia dos
ıeiros, o radiante brilhar das pedras precio-
ıs, as luzes dos Planetas, os reſplandores
ɔ Sol, o ornato dos Ceos, a melodia da Mu-
ca, a belleza dos Anjos, e os encarecimen-
ıs da formoſura humana, com tudo o mais
ıe o diſcurſo humano póde ſubtilizar, eſtá
n Deos infinitamente mais perfeito, &c.

150 A obrigaçaõ do Secretario, he enten-
ɛr, e callar. O ſer Theſoureiro dos ſegre-
ɔs, he mais arriſcado que as riquezas: Por-
ıe ſe eſtas ſe roubarem, póde ſervir de deſ-
ılpa a violencia do roubador; mas ſe os ſe-
edos ſe deſcubrirem, naõ póde haver deſ-
ılpa ſenaõ na deslealdade de quem os mani-
ſta. S. Gregorio Papa. O meſmo Santo diz,
ıe o ſegredo he depoſito das palavras, e
ıó menos dos penſamentos. Saõ as vonta-
ɛs dos Principes eſcrupuloſos de publicarem
us affectos, e quando ſe reſolvem a de-
arallos, querem que o peito de ſeus Secre-
rios ſeja ſepultura para occultallos, e elles
ais que mudos para naõ dizellos; porque

o Secretario fiel nem com acenos ha de entender-se, nem com palavras declarar-se.

151 De temor ninguem se isenta. Quem vive na privança he respeitado de todos mas de nenhum amado: tem muitos obrigados, e nenhum amigo: que póde mais inveja, que o agradecimento, e do proprio valimento sendo a muitos util, he que fazem todos aggravo. *Seneca.*

152 He a privança a cousa mais cortejada, e a mais nociva, dando-se todos por offendidos, para nenhum se confessar obrigado He o favor da vontade, fonte perenne de inveja, que com mais violencia corre, quando o valimento faz estanque do poder, e naõ basta que a muitos aproveite, se para todos igualmente naõ corre. Escolhe hum Principe hum Valido por companheiro, para lhe ajudar a sustentar o pezo do Governo da Monarquia; como de Athlante fingiraõ os Poetas, escolhera a Hercules, para lhe ajudar a sustentar a Esfera Celeste: e naõ quer o louco Mundo que o pezo do governo se sustente em outros hombros que os do Monarca, e antes querem que fique da carga opprimido, do que verem ser do Valido al-

via-

viado. Por cuja razaõ lhe desejaõ a ruina, como se em aliviar ao Principe, se lhes fizera a elles a maior offensa.

A quéda de hum particular talvez achará piedade, e quem se compadeça da ruina; mas a de hum Valido em todos acha applauso, e em raros a compaixaõ; porque como de seu governo todos se daõ por offendidos, sem receberem aggravos, assim de sua ruina todos se mostraõ alegres, sem esperarem interesses.

A inveja, e poder sendo companheiros inseparaveis, e os maiores inimigos, sempre vivem juntos. *Plutarco.*

153 Na batalha, que Marco Antonio disputou a Augusto Cesar, em Alexandria do Egypto, hum Soldado do partido de Marco Antonio fez taes proezas de valentia, e forte animo, que admirado o General de tantas façanhas, o convidou a cear com elle, e a Rainha de Alexandria Cleopatra, essa mesma noite, e lhe fez presente de hum elmo, e peito, tudo de finissimo ouro, de grande estimaçaõ.

A contribuiçaõ de agradecimento deste ingrato Soldado, ao seu General, por tanto

fa-

favor, e honra que lhe havia feito, foi o passar-se no dia seguinte para o Exercito de Augusto Cesar, seguindo a quem protegia a fortuna, e naõ a quem devia obrigaçaõ. *Certo Author.*

154 Saõ os Mestres os segundos Pais da vida politica do homem; sendo (como diz Santo Agostinho) maior nelles o trabalho de ensinar, que nos Discipulos o de aprenderem; deve-se tanto respeito aos Mestres, que hum dos labeos, e grandes eclypses, que Alexandre poz ás suas famigeradas emprezas, foi o mandar cruelmente matar ao Filosofo *Calisthenes*, sendo sobrinho de Aristoteles seu Mestre, que por tal lho havia dado quando partio para Asia, e foi esta injusta morte a principal causa de o envenenarem, de que acabou a vida. Saõ os Mestres tochas em que as candeias se accendem, que sem diminuirem a luz que em si contém, a todas a communicaõ, e chegando de antes ás escuras, fazem com que resplandeçaõ. A' ignorancia chamaõ trévas. O ser ignorante sempre, he sempre ser menino; pois sempre o parecera-mos, se os Mestres naõ foraõ; pelo que nunca a divida que aos

Mes-

Meftres devemos póde fer paga. Affim o affirmaõ *Santo Agoftinho*, *S. Gregorio*, e *Cicero*.

155 He facil coufa mover o povo a qualquer dos pareceres; porque he taõ inconftante, que o que hoje louva á manhá regeita; o que hontem aborrecia hoje acclama; e o que hoje eftima á manhá perfegue; como temos immenfos exemplos. Manlio Capitolino, que tanto punio pelo povo Romano, que fe odiou com os Senadores, e Nobres. Efte mefmo que o dito povo tanta amava, o ingrato povo lhe deu por recompenfa de feus trabalhos, e odios adquiridos a favor do povo, o fazerem-no lançar do Capitolio abaixo, onde morreo ingratamente perfeguido. Efta mefma tyrannia fe vio mais modernamente no povo da Republica de Luca, em Italia. Paulo Gecinizo, com o favor do povo da mefma Luca, fe fez fenhor della, e a governou por efpaço de 30 annos, com veneraçaõ do povo, e eftimaçaõ dos Principes da mefma Italia, por feu grande poder, e riquezas. No fim pois defte tempo quando parecia, que a felicidade de fua opulencia eftava mais fegura, o mefmo povo fe levan-

tou

tou contra elle, e o prendeo, e a ſincò filhos, e havendo-o deſpojado do que tinha, o mandáraõ prezo ao Duque de Milaõ, ſeu contrario. Onde elle, e ſeus filhos miſeravelmente acabáraõ as vidas pobres, e prezos; &c. E outros muitos.

156 Logo que a fortuna poem o homem a cavallo, ſe lhe poem nas ancas o orgulho; a poucos paſſos perde os eſtribos, quem traz taõ máo picador na garupa. *Certo Author.*

157 Valê mais hum prudente ſilencio na converſaçaõ; do que hum fallar arrojado, e moleſto para quem o ouve. *Euripides.* Por cuja razaõ diz o Doutor Santo Agoſtinho, que os ſequazes naõ ſaõ bons para amigos.

158 Saõ taõ exceſſivas as obrigaçóes que aos Pais devemos, como affirma Ariſtoteles, que nunca dignamente ſe poderaõ compenſar, porque nos geráraõ, nos criáraõ, e nos doutrináraõ; fallo dos honrados que o fazem, principalmente na creaçaõ, e doutrina, &c.

159 Plinio conta, que condemnando o Senado de Roma a hum homem a ſer prezo toda a vida, e a morrer de fome, tinha eſte huma filha donzella, ella al-

can-

ançou licença para ir viſitar o pai, examinada primeiro pelos Guardas, que lhe naõ levaſſe nada de comer; a compaixaõ, e piedade deſta donzella para com ſeu pai, lhe fez ter leite, e dar de mamar ao ſeu amado pai, de fórma que admirados os Senadores de o dito viver tanto tempo ſem comer, examinada a cauſa, fizeraõ hum grande elogio á virtuoſa donzella, mandáraõ ſoltar o pai, e fazer do carcere hum Templo chamado da Piedade.

160 Se he generoſidade o deixar o inimigo vivo, quando he inferior no partido, he imprudencia manifeſta o deixallo armado. *Certo Author.*

161 Aſſim como o Medico nem ſempre dá remedio adequado ao enfermo, quando as forças do mal ſaõ mais poderoſas, que os medicamentos: aſſim nem ſempre quem aconſelha perſuade a quem ouve, quando as paixões ſaõ vehementes, e ſervem de deſvio aos dictames da razaõ. *Ariſtoteles.*

162 Saõ os Principes imagens agigantadas, que ſe querem viſtas de longe; porque ſua viſta naõ aſſombre ao perto; porque ſaõ mui deſiguaes as forças de hum Gigante, pa-

para os braços de hum Pigmeo. Nisto allude ao Vassallo, que se rebella contra seu legitimo Soberano, &c. *Cicero.*

O mesmo affirma, que a violencia he inimiga da justiça, e deslustre das acções nunca parecendo airosas, quando saõ constrangidas; e se a violencia he taõ odiosa em pessoa de pequena esfera (como hum Vassallo contra o Rei) quanto ficará dos Monarcas aborrecida?

163 He o valimento dos Principes á maior ventura, se sempre tivera estimaçaõ a verdade; e o maior perigo, se póde dar assaltos a mentira. *Cicero.*

O Imperador Tito, que foi muito amado do povo Romano, e lhe deraõ o titulo de Delicias do Imperio, e foi seu governo grandemente applaudido, e a brevidade de sua vida chorada. Foi acerrimo perseguidor da mentira, murmuradores, e maldizentes, os quaes desterrou de Roma, para o que tinha boas espias, dizendo, eraõ peste domestica nas Republicas, e ruina dos Imperios, &c.

Cicero affirma, que naõ ha cousa taõ ligeira, e taõ barata como a detracçaõ; porque

que por póuco preço se vende, e corre em breves espaços muitas leguas. Tambem Plutarco diz, que o murmurador intenta fazer (sem merecimentos) azas para subir, das penas que ás azas dos benemeritos arranca a detractiva murmuraçaõ.

164 Cicero affirma, que a generosidade tem adjunta a virtude da liberalidade, e esta deve acompanhar sempre os Principes. Plutarco tambem. Dizem ser pedra de cevar, que abate os coraçóes, e taõ apropriada a animos Reaes, que elegendo o Imperador Tacito, que succedeo a Aureliano, no dia que foi eleito mandou vender quanto tinha, e o repartio por seus Soldados.

Lucio Quincio Romano, era pobre; mas sendo eleito General contra os póvos de Italia, chamados Egos, e vencendo-os gloriosamente, nada quiz acceitar dos ricos despojos dos inimigos, repartindo tudo por seus Officiaes, e Soldados, só se satisfez com a gloria do triunfo. Tendo depois ferias no seu emprego, se foi viver ao seu pomar, fóra de Roma, pobre como dantes era.

O célebre Capitaõ Atheniense Cimon, cativou as vontades de todos por suas ge-

ne-

neroſas liberalidades : em ſua caſa eſtavaõ ſempre mezas cheias de manjares, para todo o que quizeſſe comer : ſempre as portas abertas de varias Quintas que tinha, para todo o que quizeſſe colher fruta, e o que quizeſſem, &c.

O meſmo acontecia ao inſigne Capitaõ Pericles, tambem Athenienſe. O qual foi muito amado de todos, e dizem que tinha a Deoſa da perſuaçaõ debaixo da lingua, para intimar quanto intentava.

Tambem Caſiano Rei dos Tartaros, apoderando-ſe da Corte do Rei da Syria, e de ſeus grandes Theſouros, os quaes repartio por ſeus Soldados; e juntamente as riquezas do Rei do Egypto, a quem venceo, reſervando ſó para ſi huma eſpada, e hum pequeno cofre, que era a Secretaria dos papeis do Rei vencido, &c.

165 Huma das maiores infelicidades deſte Mundo, he chegarem a neceſſitar do ſoccorro dos pequenos, aquelles que liſongeados da fortuna ſe exaltavaõ grandes. *Demoſthenes.*

O meſmo Cicero diz, que no breve eſpaço de huma noite, ou no intervallo de hum fu-

ugitivo dia, se arruina a serra mais eminente, e se seca a planta mais frondosa.

166 O alimento de que o amor se sustenta, saõ as esperanças, e huma vez que estas faltáraõ faltou tudo; porque tributar finezas a quem as desestima, ou he delirio da razaõ, ou parto abortivo da vontade. *Perio.*

167 He a devoçaõ (diz S. Bernardo) hum espiritual unguento, poderoso para abrandar, e suavizar todas as dores, e sentimentos da Alma. Cassiodoro diz, que he mais util a devoçaõ nos mesmos Sabios, que nos doutos a sabedoria com falta della.

168 Ao alegre dia succede a melancolica, e triste noite: tambem a gala da mocidade segue a molesta carga da velhice. *Cicero.*

169 Indo hum dia a casa do célebre Pintor Prothogenes, o famoso Apelles, a quem naõ conhecia senaõ por fama, e naõ o achando, lançou com muita subtileza, huma linha em hum quadro, que Prothogenes estava pintando, e se ausentou sem dizer quem era. Chegado Prothogenes a casa, e observado o risco, disse exclamando: Ah! que

que só a maõ de Apelles podia aqui chegar!

170 He o esquecimento hum sintoma, ou desmaio da memoria, poderoso para riscar della as imagens, que por meio da fantazia lhe imprimiraõ os sentidos: de sorte que a escura noite, rouba as cores, e a galla ás creaturas, para se desconhecerem, em quanto os desmaios da luz duraõ nas ausencias do dia: assim a nuvem escura do esquecimento faz que desappareçaõ da memoria as representações que nella (como em quadro) debuxadas viviaõ... *Certo Author.*

171 Quando sem perigo, fadiga, e trabalho, se conseguiraõ venturas? Quando sem o arriscado flagello da guerra se conseguiraõ triunfos?

Como conseguio Lucio Scylla, ser victorioso nos campos de Orcomeno, ao mesmo tempo que foi desamparado dos seus Soldados? Arrojando-se elle só contra o inimigo, a cujo exemplo acudiraõ os seus, e foi vencedor, e depois Supremo Dictador de Roma...

172 Todas as guerras quando saõ justas; tem por fim a paz. Com a paz as Cidades se

edi-

ificaõ, e com as guerras as mais illuſtres derrotaõ. *Santo Agoſtinho.*

A diſcordia, diz Tito Livio, faz, pela ſuniaõ, de huma Cidade duas; pois naõ couſa mais nociva que a má concordia das ntades.

173 He a ouſadia, como affirma Ariſtote-;, filha do valor.

174 He a Fidalguia, em todas as nações ıvada, e digna de toda a eſtimaçaõ, por hum reſplandor das acções generoſas, mmunicadas com a propria natureza. *Sene-*. Porque hum animo generoſo ſe naõ eve a commetter acções taõ indecoroſas, e o movaõ a manchar o pondonor da Fi-guia que profeſſa.

175 A pena ſe deve pezar com a cauſa; balança da razaõ, e nunca fica airoſo nos ıos de quem o pondéra, ſer a pena tanta ıdo a cauſa pouca. *Cicero.*

176 A alegria do roſto he abonada inno-ıcia, como ſe obſervou em Publio Scipíaõ; e ſendo citado a Juizo pelos Tribunos do vo, e accuſado de haver recebido huma ınde ſoma de dinheiro do Rei Antioco, ando lhe fazia a guerra em Aſia. Elle ap-recendo no Senado, ſem mudar veſtido

co-

como era coſtume nos Reos, orou tam confia
damente na ſua cauſa, e defeza, e gloria qu
á meſma Roma tinha adquirido com ſuas v
ctorias, e triunfos; que os Tribunos ditos na
tiveraõ a minima ouſadia para o accuſarei
mais, nem os Senadores fizeraõ mais que a
companhallo até á porta, pois na aprazive
confiança moſtrava carecer de culpa.

177 Na morte do cruel Imperador Cal
gula, ſe acháraõ em ſeu eſcritorio muitas d
verſidades de venenos, com que matava o
que queria. Lançados eſtes no rio Tibre, d
tal ſorte inficionáraõ ſuas aguas, que ain
depois de morto fez notavel damno a Rom
Hiſtoria Romana.

178 He a companhia alivio nas moleſtia
e agrado nas alegrias. Só o valimento n
admitte companhia, como diz *Piricles.*

179 Certo Author pinta o amor cégo, c
mo mula de atafona, para notar as muit
voltas, que os amantes lhe fazem dar, q
endoudecera ſe vira; porque o menos que te
he de diſcreto, e muito de arrojado, porq
em nada repara.

180 Certo ſogeito chamava aos máos M
dicos grandes ſervidores da Deoſa Libitin
er

ra Deidade que os antigos fingiaõ prezidir os funeraes, &c.

181 Dizia Hisiodo, que o que havia em asa naõ faz mal, em lugar do que naõ ha óde fazello; e que vale mais possuir em sua asa as cousas necessarias, que desejar ha- ellas.

182 A Nobreza peja-se de acções inde- orosas ao tronco de sua illustre origem, e e envergonha de commetter cousas indecen- es. *S. Joaõ Chrysostomo.*

183 Ainda que a guerra seja justa, devem-se uscar todos os meios de se retirar, e abster ella, pela má consequencia que trás atrás e si. *Santo Agostinho.*

184 Nunca a penitencia, huma vez que hega, he vagarosa, conforme a S. Cypria- o.

185 Saõ os cuidados os que attenuaõ as orças corporaes, e perturbaõ as operações a alma. Saõ rémoras dos sentidos, diverti- entos do discurso, leitos de abrolhos, em ue naõ ha descanço; despertadores importu- os, que naõ permittem socego; encapeladas ndas, que nunca paraõ; trombetas que to- aõ sempre a viva guerra; dores insensiveis,

que atormentaõ a quem as ſuſtenta, pagando lhe o agazalhado em diſvélos, e o hoſpici em tyrannias como ingratos. *Aſſim o affirm Ovidio.*

186 Parece a hum infeliz (que deſeja ſ paſſe a noite veloz) que o carro da noite pe deo o norte de ſeu caminho, ou ſe tem de governado os Pólos de ſeu eixo, ou os eſtre lados circulos de ſuas rodas, pois taõ pouc ſeguem ſeu caminho. Já lhe parece que os al geros cavallos do brilhante carro do Sol, o paraõ de cançados, ou tornaõ atrás de refer tidos. *Certo Author.*

187 Quem eſcapa dos perigos do mar ten peſtuoſo deſte mundo, erro fora o engolfa ſe de novo na turbulenta confuſaõ de ſe enganos, ſempre arriſcados, e tarde conhe cidos. Só entaõ ſe começa a viver, quand ſe eſcolhe o meio de venturoſamente acabar.

Fr. Antonio das Chagas allude aqui a hu deſenganado, que deixa o mundo, e ſe recoll a fazer vida penitente, &c.

188 O eſquecimento dos males, he reme dio appetecido dos deſcontentes; pois com eſquecimento ſe cura o de que a natureza do ſentimentos deſconfia. Aſſim como no frene

ti-

co o mais util remedio he o ſomno; aſſim
enfermidade das offenſas, o mais poderoſo
:medio he o eſquecimento, como affirma Eu-
pedes.

189 Sempre a ambiçaõ foi (como diz Ariſ-
›teles) a cauſa das diviſões das Cidades, Eſ-
.dos, e Reinos; porque o deſejo de domi-
ır, tem brotado tantas parcialidades, e ban-
›s de partidarios, que tem cuſtado tantas vi-
ıs, e derramado rios de ſangue, ſó com o
m de mais luzir, e huma pertençaõ de mais
ıler, como ſe vio na antiga Roma, Athe-
ıs, e Carthago; e mais moderno, em Se-
ı', Genova, Florença, e em outras Cida-
:s, e Reinos da Europa, &c.

190 He deſempenho de generoſos remu-
:rar com ventagem qualquer minima couſa
ıe recebem. *Certo Author.*

191 Com razaõ ſó ſe póde dizer que vive,
ıem ſem cuidados paſſa, que o viver com
les, mais he durar, que viver. *Certo Au-
or.*

192 Sempre ſe deſcuida em conhecer-ſe,
uelle que ambicioſo a mais ſubir ſe arroja.
uintiliano.

193 Nem os merecimentos ſe adquirem

ſem trabalhos, nem eſtes ſe devem avalia
por grandes, quando por elles a eternidad
feliz ſe adquire. *S. Jeronymo.*

194 A vida do homem he huma perpetu
peregrinaçaõ, e huma repetida jornada en
que anda ſobre a terra ſem ter domicilio cer
to, e ſeguro, e ſó no Cèo tem o proprio deſ
canço. Diz Santo Agoſtinho. Seneca diz, co
mo Gentio, ainda que ſabio na moral; qu
eſte mundo todo he patria do homem ſabio
porém a Moral Chriſtá diz, que o mundo to
do he deſterro para o virtuoſo, em quanto ſ
dilata a chegar á Patria.

195 Naõ ha na terra taõ ſeguro favor
que aſſim como póde cauſar o patrocinio, na
poſſa igualmente occaſionar o damno. *Com
affirma certo Author.*

196 A fortuna he taõ varia, que conſiſt
ſeu ſer na propria mudança: Que paſſos pó
de pois dar quem ſe guia por farol taõ incon
tante? Della diz Cicero, que he loucura lou
valla, e vituperalla ſoberba; porque quand
ſe agradece entaõ falta, e quando ſe culp
entaõ favorece.

197 Com o diſcurſo do tempo tudo vai mu
dando, ou para a grandeza, ou para a ruin
Cicero, e Quintiliano. Aos

198 Aos Filhos da Nobreza, chamou Eu-
ipedes columnas que ſuſtentaõ a gloria de
eus progenitores.

199 Duas vezes he pai, quem a ſeus fi-
nos manda enſinar as ſciencias decentes aò
eu eſtado; porque (diſſe Diogenes) ſe pela
eraçaõ lhe deu o ſer da natureza, pela edu-
ıçaõ das boas artes, lhe deu o ſegundo ſer
a vida politica, para aos outros avantajar-ſe
o eſtado, e ſendo a todos igual quando naſ-
eo, a muitos ſe avantaja quando eſtudou.

200 Naõ admittem as ſciencias (a quem
ellas ſe applica) férias para ſe divertir a vai-
adc; porque mal ſe compadecem empenhos
o entendimento, com deſtrahimentos da von-
ıde. *Plutarco.*

201 Tem ſeus eſtimulos o aggravado, ain-
a que ſe devirta o offenſor, e principalmen-
: ſendo rico, que ainda quando per ſi naõ
oſſa deſagravar-ſe, naõ falta quem ſe empe-
he na ſatisfaçaõ. *Cicero.*

202 Nunca a vontade póde cabalmente
agar-ſe, (diſſe Demoſthenes) porque ſe po-
em remunerar-ſe as obras, ſempre fica indi-
idado, quem ſe moſtra agradecido.

203 Antes quero parecer ingrata, que pre-
ſu-

ſumida, dizia huma prudente, e virtuoſa Donzella, de humilde naſcimento, a hum Senhor Nobre, que a liſongeava.

204 O mais nocivo genero de memoria, que ha, he o eſquecer-ſe de ſi meſmo, como affirma *Quinto Curcio.*

205 Dadiva do Ceo, *diſſe Homero*, era a armonioſa Muſica.

206 A alegria he mãi das eſperanças. Enfermo que chegou deveras a moſtrar-ſe alegre, annuncios certos dá de ſua melhoria. Ella he o melhor Medico nas enfermidades. *Quintiliano.*

207 Os antigos pintavaõ o amor nû, para notarem, que elle offerece, e cede tudo para o bem amado.

208 Do agradecimento, *diſſe Cicero*, que havia de ſer imitador do campo mais fertil que por hum dá cento.

Os beneficios que a homens honrados ſe fazem, vaõ já prenhes das remunerações com que ſe galardoaõ. *Plauto o diſſe.*

209 Meu amor, para comtigo foi rio, que naõ ſabe voltar atrás ſua corrente; pois mais arriſcados golfos navega meu receio, para que nunca ſe aſſegure minha eſperança. *Dizia certo a huma Dama.*

Naõ

210 Naõ ha nefte mundo (diz Valerio
laximo) amizade taõ fegura, que com a va-
edade, e mudança do tempo, naõ poffa
onverter-fe em odio, e deixando de fer uniaõ,
rá aborrecimento.

211 Naõ póde caber em hum fogeito fer
nigo, e ao mefmo tempo adulador. Naõ me
ılparás fe te differ o que finto como ami-
o, e naõ como lifongeiro. *Plutarco o diffe.*

212 Nos cafamentos deve haver igualda-
e, que da defigualdade fe feguem muitos
efacertos. *Dizia. . .*

213 Antever os males, he lance de pru-
ençia, e bufcar-lhe remedio, vendo-fe nel-
s, he empenho forçofo da neceffidade. *Di-
ia. . .*

214 He a enfermidade de amor, de diffi-
ıltofa cura, e divertida para admittir con-
elhos. *S. Bernardo.*

Tambem S. Joaõ Chryfoftomo diz, fer a
ıemoria com a perfeverança do lembrar, a
rma mais reforçada do amor, porque em quan-
ɔ naõ chega a efquecer-fe, difficultofamente
eixa perfuadir-fe.

215 He o tempo naõ fó medida dos an-
os, mas tambem relogio da vida. Pois a

va-

variedade de ſeu curſo vem a deſcubrir tudo o que rebuçou a neceſſidade, o que a induſtria occultou, e o que a aſtucia eſcondeo naõ havendo enigma taõ eſcuro, que o tempo naõ manifeſte, nem emblema taõ difficil que o tempo naõ aclare. Derrota o tempo Leis, e eſtabelece outras, Imperios, Reinos, &c. *Certo Author.*

216 Ao roſto do homem, chamou Cleantes, e Cicero, relogio dos affectos da alma; e titulo da porta das paixões, e ſentimentos do coraçaõ.

217 As eſperanças ſaõ o mais poderoſo remedio das afflicções, como diz *Tibullo.*

218 Os bens, e Eſtados favores ſaõ da fortuna; mas naõ os merecimentos dos dotes da Natureza; e quem vive contente ſó com o que ama, naõ tem ambições dos logros do que em menos eſtima. *Certo Author.*

219 Cicero diſſe, que eſtava taõ occaſionado a traições o Mundo, que era neceſſario a quem nelle vive, eſtar ſempre em perpetua ſentinella. Donde veio a dizer Tito Livio, que maior perigo corria a vida no trafico dos companheiros, que nos aſſaltos dos inimigos; porque dos primeiros mal ſe acau-

te-

:la a sinceridade, e dos segundos bem se as-
:gura a vigilancia.

220 Venturas grandes trazem ordinaria-
iente por companheiras desconfianças: nun-
ı, dando-se por seguro, para descuidar-se
quem muito se estima, para possuir-se. *Cer-*
Author.

221 Diz certo Author, que a formosura
:va comsigo grande risco: Que saõ estimu-
ɔs de ambiçaõ, e precipicios de amor.

222 He á vontade humana facil em va-
ar de intentos, diz Seneca. E Santo Agos-
nho affirma, que mais depressa se muda
āra o mal que para o bem.

Tem a vontade seu Tribunal, onde mui-
ıs vezes o bem se desterra, e o vicio se ap-
laude, o mal passa sem castigo, e o bem
em galardaõ; porque advoga pelo mal o
esejo de seguillo, e pelo bem emmudece a
ibieza de procurallo.

223 Diz certo Author, que dadivas, e
romessas saõ ordinariamente as mais pode-
osas valias.

Aristoteles, e Propercio affirmaõ, que as
nulheres saõ geralmente menos constantes,
que os homens, e que a firmeza nellas he
de

de bem pouca perſeverança; ainda que a pezar deſſes Authores, tem havido, e ha famoſas Heroinas muito mais conſtantes que muitos homens, &c.

224 Tyrannia, e ingratidaõ, que o Rei Xerxes uſou, naõ ſe lê em Author algum. Paſſando pois eſte Monarca com ſeu numeroſo Exercito pela Cidade de Cylena, na Frigia; hum riquiſſimo Negociante, chamado Pitheo, hoſpedou a Xerxes com magnificencia, e regalou com avultados premios a ſeus Officiaes, e Soldados, e offereceo ao Soberano ſuas abundantes riquezas, para os gaſtos da guerra. Depois de tantas generoſidades, que com elle uſou, lhe fez ſupplica, que de cinco filhos ſeus que no Exercito militavaõ, lhe fizeſſe a graça de lhe largar o mais velho, para ficar em ſua companhia, e cuidar na caſa. Caſo que faz horror á natureza! Aquelle ingrato Rei, deo-lhe por recompenſa de tanta benevolencia, e generoſo diſpendio, o mandar-lhe dividir o filho em dous, e pôr cada metade a ſeu lado; e que paſſaſſe o Exercito pelo meio, &c.

225 Fugindo Marco Antonio afflito, e perſeguido, a buſcar o ſoccorro do Exercito

de

e Lepido, que entaõ eſtava no auge do poder Romano; pedindo-lhe amparo, veſtido m habito humilde, e miſerando, elle o naõ uiz ouvir, antes mandou tocar as bellicas ombetas, para ſeus clamores naõ ſerem ttendidos. Obſervando o Exercito aquella ıcivilidade, e pouca attençaõ a hum taõ faıoſo homem; compadecidos os Soldados do ſtado miſeravel, e deſvalido, em que hum ıõ grande Capitaõ ſe achava, e que naõ era roregido pelo ſeu Chefe, o elegeraõ por zu General, e ficou Lepido abatido, &c.

226 Seneca diz, que a converſaçaõ de um diſcreto, he guia dos paſſos, que dá m ſeu damno hum afflicto, para reduzillos.)onde veio moſtrar Santo Iſidoro, que á onverſaçaõ dos bons, e virtuoſos juntamente aproveita, e edifica.

227 A penitencia, que depois do peccao, ſe ſegue, he chorar culpas, e emendar s erros paſſados. Quando hum peccador bae nos peitos de pezar de haver offendido o eu Redemptor, neſtas tres couſas, maõ, ›eito, e ſom, que neſta acçaõ ſe encontraõ diz Hugo Cardial) ſe repreſentaõ as culpas, om o penſamento, palavra, e obra.

Se-

Senaõ ſe muda o propoſito, e vida paſſada, a penitencia nada aproveita. Pelo arrependimento, mudança, firmeza, e propoſito de mais naõ peccar, ſe abranda a juſtiça de Deos, e alliviaõ as penas, que pelas culpas ſe mereceraõ. Deve ſeguir-ſe ao delicto eſta dor: que chega tarde a medicina, quando a moleſtia tem lançado raizes; e ſe hoje o homem ſe naõ arrepende, á manhá naõ poderá. Santo Hilario põem eſta allegoria da aguia que eſta nobre ave em chegando a idade creſcida, ſe lhe incurva o bico de maneira, que naõ póde com elle fazer preza, e morre ſenaõ buſca hum penhaſco onde o affie, e concerte, com eſta letra *ut vivat*. O peccador augmentado em culpas, ſenaõ chega a pedra confeſſional com dor, e arrependimento a desfazer o bronco do ſeu delicto, morrerá deſeſtradamente morte eterna.

228 Andando Diogenes ao meio dia com huma alenterna acceſa, no meio de huma feira, e perguntando que procurava? Reſpondeo: Que procurava hum homem, para dar a entender, que nem todo o homem he homem; pois elle o procurava com as qualidades de nobre entendimento, em que ſe deve achar ſen-

ten-

nça nas palavras, agudeza nos difcurfos, erdade em os conceitos, ordem em as marias, mageftade em o fupremo, liberalidade na eleiçaõ, luz no enfino, engenho no iblime, efficacia no perfuafivo, novidade n o commum, idéa nas emprezas, faber nas fpofições, refoluçaõ nos negocios, valor o heroico, conftancia nas adverfidades, e obre tudo virtude.

Eftas boas qualidades fe reuniraõ no grane Carlos Quinto, que foi Imperador de Aleıanha, e Rei de Hefpanha, por cujo govero foi obrigado a paffar à Hefpanha feis vees, voltar a Alemanha nove, a Italia fete, ez aos Eftados de Flandres. Entrou quatro ezes em França, duas em Africa, e outras uas em Inglaterra. Oito vezes navegou no ıar Mediterraneo, e quatro no Oceano. Alançara por fi, e feus Generaes quarenta illuftres victorias, naõ contando outras menores, teve feliz fucceffo em mais de fetenta guer-as. Diz fua hiftoria, que tomou infinitas for-alezas, e Cidades, e innumeraveis navios, ois neffe tempo era fenhor de toda Hollan-la.

Naõ tendo já que vencer venceo-fe a fi, re-

renunciando o Imperio em ſeu Irmaõ, e Reino de Heſpanha em ſeu Filho Filippe ſe-gundo, e por ganhar a Coroa immortal ſe re-colheo em o Moſteiro de Juſte, de Religio-ſos de S. Jeronymo, onde viveo, e morre com boa opiniaõ, &c.

229 Conta Jacobo de Veragine, que ha-vendo em Conſtantinopla, (quando a domi-navaõ os Imperadores Gregos) hum grand flagelo de moleſtias, e fazendo-ſe grande Procisſões, Preces, e Ladainhas; eſtando o Clero, e povo junto, foi arrebatado do meio delles hum menino ſubitamente, e levado ao Ceo á viſta de todos, e deſcendo dahi a pou-co, lhe ouviraõ cantar as palavras ſeguintes aprendidas dos Anjos: *Sancte Deus, Sanct Fortis, Sancte immortalis, miſerere nobis*; e logo ceſſou a tribulaçaõ. Depois o Concilio Calcedonenſe approvou taõ ſalutifero Can-tico.

230 Encomio da Sabedoria: *Quid ſapien-tiâ locupletius? Livro da Sapiencia*, c. 8. Ne-nhuma couſa he mais util, que a applicaçaõ á ſabedoria. O Sabio divertido com o eſtudo, nem cuidados o affligem, nem perigos o per-ſeguem. Eſquece-ſe totalmente dos enfados,

diverte os pezares. Naõ experimenta o Esdioso os accidentes dos prazeres humanos; e repetidos enfadaõ. Só sabe immortalizar us gostos sem o contagio do fastio; porque vegando cada dia pelo mar das sciencias, scobre novas noticias, com que cura o anio da molestia dos erros.

Marco Aurelio affirma, que aindaque se ó esperasse galardaõ de Deos, nem genero gum de honra entre os homens, nem meoria para os seculos futuros, folgaria seme ser Filosofo, só por ver quaõ gloriosaente passa o tempo o Sabio: porque nos lios achava a quem imitar, prudentes com iem aconselhar, o bem que havia mister, e máo de que devia fugir.

Que applausos naõ trás a sabedoria comgo? Esta fez brilhar em Africa a hum Agosnho, em Milaõ hum Ambrosio, e hum Jenymo em Belem, em Roma a hum Gregoo, em Grecia a hum Chrysostomo, e em a greja toda a hum Santo Anastasio, S. Leaõ, . Bernardo, Santo Thomás, e outros Santos Padres.

Que applauso naõ mereceraõ os antigos ilosofos, e Poetas? Virgilio Mantuano, Aris-

to-

toteles Eſtagirita, Solon em Athenas, De-
moſthenes em Menfis, Ovidio em Solmon,
Eſopo em Aſtica, Seneca em Heſpanha,
em Grecia Homero, ſobre cuja Patria con-
tenderaõ ſete famoſas Cidades, que ſaõ
Eſmirna, Athenas, Colofonia, Salamina,
Argos, Rhodes, e Jó, tanto ſe acreditava
de terem por Patricio a hum taõ famigerad
Sabio. Saõ os Sabios célebres como os raio
do Sol em todo o mundo.

Idea de hum Superior.

232 Debaixo deſte nome ſe entende to-
do aquelle, que he o primeiro entre todos,
e tem o dominio ſobre muitos, ou ſeja Rei,
ou Principe, ou Superior, &c. *Superior i*
eſt, ſuper omnes.

Deve eſte primeiro que tudo ſer virtuo-
ſo para mandar, prudente para diſpôr, en-
tendido para obrar, vigilante para caſtigar,
aprazivel para emendar, paciente para tole-
rar, acautelado para executar, cortez para
bemquiſto, aſtuto para ſenaõ deixar enga-
nar, attento para naõ errar, obſervante da
Leis, que os paſſados fizeraõ para a conſerva-
çaõ, e augmento do bom governo, cuja ob-
ſer-

ervancia consiste mais no exemplo, que o
ito Superior dá, que no mando dellas.
Deve ser ajustado, e com acerto no fal-
ar, recto na justiça, e em a execuçaõ de-
apaixonado; dar hum ouvido á queixa, e
eixar outro para a desculpa; naõ aborrecer
s máos, senaõ o mal; naõ deve querer
nal ao subdito desregrado, senaõ ao mal
elle; evitar a occasiaõ da culpa, e naõ a
erá para castigar o culpado; se á alguem for
reciso seja com caridade, e amor, e naõ
gor, que aquelle emenda, e o rigor inju-
a. Devo reflectir no dominio, o que fizera
m a obediencia; governar por si o menos,
o mais sobre outros; cotejar erros com
rros. Dizia o Imperador Marco Aurelio,
nais erraõ os homens pelo que querem obrar,
ue por fazer o que os outros lhes dizem.
Nem deve obrar tudo, nem deixar de fazer
lguma cousa; o que obrar seja nem só, nem
om todos, senaõ os que julgar mais ido-
eos. No publico deve insinuar semblante
rave, e no particular affavel, e aprazivel.
Fazer bem aos bons, ainda que naõ quei-
aõ; naõ fazer mal aos máos, ainda que
ueira: mais deve guerrear em dominar suas

paixões, que com feus inimigos; naõ per-
mitta o Ceo nos fubditos, que delle nafcem
graves damnos. Para maior acerto governe-
fe pela razaõ. Rende teu dominio á razaõ,
dizia Seneca, e governarás optimamente:
que efta fempre acerta, e o poder nunca.
Seja para os inferiores, como quer que Deos
para elle feja; fendo todo para todos, os
terá todos para fi. Conhecendo finalmente
que he mortal, e que feu governo naõ he
eterno, o que o fará gozar de foberana paz,
e fará immortal fua memoria, &c.

232 Os antigos Romanos tinhaõ huns
Theatros, Bafilicas, e Amfitheatros.

Os Theatros mais famofos, onde fe re-
prefentavaõ Comedias, e outros feftins, fo-
raõ tres os mais magnificos, o de Pompeo,
Marcello, e Cornelio Balbo. O primeiro man-
dou fazer Pompeo no Campo de Flora, on-
de hoje he o Palacio Urfini; era todo de
pedra, e capaz de oitenta mil peffoas. O
Imperador Nero o mandou cubrir todo de
ouro, para receber nelle ao Rei de Armenia
Tiridates, que lhe veio offerecer os dous
Cavallos de marmore, que eftaõ no monte
cavallo, e eraõ feitos pelo dous famofos ar-
tifices Fidias, e Praxiteles. O

O de Marcello principiou Julio Cesar, ɔndo-lhe o nome de ſeu ſobrinho Marcel-. Eſtava onde hoje o Palacio da antiquiſſima aſa da familia Sabelli. O de Cornelio Bal-, dedicado ao Imperador Claudio, tomou nome da cova Balbo, que eſtava junto a le.

As Baſilicas eraõ grandes armazens, on- ſe faziaõ commercios, e os Negociantes ajuntavaõ, e faziaõ-nas junto ás praças. ɔraõ ſeis mais famoſas: a de Paulo na Pra-, adornada de formoſas columnas. A Por-ı, edificada pelo grande Cataõ, ſendo Cen-r; nella aſſiſtiaõ os Tribunos do povo. A ɔimia eſtava junto do Templo da Concor-ı. A de Macedio, junto ao cerco Flaminio. de Conſtantino, junto ao Templo da paz, ı Argentaria, junto da Praça. Os Chriſtáos zeraõ depois o nome de Baſilicas ás gran-s Igrejas dedicadas a Deos, ou ſeus San-ſ, &c.

Os Anfitheatros eraõ redondos com huma ınde praça no meio, onde havia o jogo s gladiatores de homens com homens, e as com féras, e homens com féras. De-is tambem lançavaõ os pobres Chriſtáos,

onde o Todo Poderoſo fazia prodigioſas ma
ravilhas, ordenando ás féras, que no lug
onde elles queriaõ ultrajar ſeu ſanto nome
ellas o louvaſſem, humilhando-ſe aos pés d
Santos Martyres; de que reſultava conve
terem-ſe os Gentios aos milhares.

Deſtes houve dous mais famoſos, o c
Veſpaziano, e o de Eſtatilio. O primeiro
chamou Coliſſeo. Veſpaziano o fez de ped
Tiburtina, e muito alto. Durou a factu
onze annos, trabalhando actualmente trin
mil peſſoas; tinha capacidade para oiten
e ſinco mil peſſoas, que viaõ tudo com co
modidade. Reſta ainda hoje metade dell
Dedicou-o a Tito, e no dia da dedicaçaõ mo
rêraõ ſinco mil féras de diverſos generos,
nelle foi deſpedaçado depois Santo Ignác
pelos leões. O de Eſtatilio, Cidadaõ Rom
no, feito de ladrilhos, eſtava onde hoje
Igreja da Santa Cruz em Jeruſalem.

Arte para ſer bem quiſto.

233 A primeira regra deſta arte, he gu
dar a Lei de Deos. Logo a da ſua terra. V
nerar aos pais, e anciãos. Tratar-ſe confo
me ſeu eſtado. Eleger amigos de ſua esfe

Buſ

uſcar decentemente de comer. Caſar-ſe com
ulher igual, que ſe he de mais alta esfé-
, ſerá ſeu criado, e naõ ſeu eſpoſo. Emen-
lla em occulto, acaricialla em publico:
riar os filhos com virtude, com retiro, e
neſtidade as filhas. Governar ſua caſa, e
ıõ as alheias.

Ao maior amigo fiar-lhe a fazenda, naõ
mulher. Ir aos convites dos amigos tarde,
forçado. Acudir aos trabalhos dos amigos
m amor, e depreſſa. Ajudar a levantar o
hido. Naõ invejar ao elevado á dignidade.
ſtimar-ſe da deſgraça alheia. Soccorrer ao
ceſſitado. Jogar por divertir-ſe. Tirar pela
pada para defender a vida. Naõ murmurar
s que governaõ. Naõ ſeguir em tudo a
z do povo, que commummente o melhor
nſura, e o peior applaude. Ser cortez pa-
todos. Naõ ter a algum por inimigo,
e o mais deſvalido coſtuma ſer o peior.
viver naõ he a melhor couſa, o ſaber
ver ſim; e que o ſer do homem he ſer ſo-
ıvel, racional, &c.

Com eſtas regras ſe fará bem viſto, e
ıado de todos, que talvez o que naõ abra-
a natureza, conſegue a Arte, &c.

Cou-

Cousas, que só no homem se achaõ, carecendo todos os animaes dellas.

234 Só o homem ri, só chora, só falla, só nasce mudo, só he tartamudo, ou balbuciente, só tem campainha na garganta, só tem pestanas no parpado baixo, só tem a boca tal pequena a respeito do corpo, só he vesgo a elle só palpita o coraçaõ, só lhe sahe sangue dos narizes, procedido da cabeça que quando sahe ao cavallo he do bofe. Só tem embigo, só bexiga maior que a de qualquer animal, só tem os dedos dos pés mais curtos que os das mãos. A elle só nascem cabellos nas cicatrizes, só tem barrigas nas pernas, só está em todo o tempo disposto para a geraçaõ.

Pelo baço o homem ri, pelo fel se ira, pelo coraçaõ sabe, pelo cerebro sente, pelo figado ama. As lagrimas que derrama se saõ de dor, saõ quentes, se de alegria frias. De ordinario cresce em estatura até vinte e hum annos, e depois enforma. Gera até os setenta annos, e de ordinario até sessenta e sinco. *Aristoteles.*

Os membros do corpo do homem privados de humor, saõ trinta, huma vez corta-

dos

los naõ ſoldaõ. Os movimentos corporaes ſaõ oito. Para ſima. Para baixo. Para diante. Para trás. A hum lado. A outro Tremulo. Ao redor. Eſte ultimo, como eſtranho, e naõ natural, turba os ſentidos, e faz cahir.

Os oſſos do corpo humano ſaõ duzentos e quarenta e oito. Só no pé ha vinte e ſeis, na maõ vinte e ſinco. Nas coſtas vinte e quatro, ás vezes vinte e ſinco, e outras vinte e tres, &c.

O coraçaõ he o primeiro que vive, e o ultimo que morre, e huma vez ferido naõ tem cura. O corpo morto he o mais hediondo de todos os animaes. O animo do racional ſe conhece pelos olhos, o do cavallo pelas orelhas, do leaõ pela cóla, e a magnanimidade de hum coraçaõ pelas acções ſeguintes. *Ariſtoteles o dá a conhecer pelas ſeguintes acções.*

1. Em naõ deſejar honra mais que a virtude. 2. Naõ goſtar de liſonjeiros. 3. Naõ ſe gabar de nada, nem goſtar de ſeus louvores. 4. Naõ fazer couſa que eſteja mal por reſpeito humano. 5. Naõ ſe deſvanecer na propria fortuna, nem deſmaiar na contra-

tra-

traria. 6. Naõ ſe gloriar muito quando ſuccedem bem as couſas, nem ſe entriſtecer quando naõ ſáhem á medida de ſeu deſejo. 7. Naõ reparar em difficuldades para obrar virtuoſamente, ſem attender aó que dirá o vulgo 8. Pagar com maior beneficio ſe acaſo tem recebido algum. 9. Fazer bem, e de boa vontade, a todos. 10. Naõ pertender, nem pedir aquillo, ſem o qual ſe póde paſſar. 11. Naõ tomar lugares, nem titulos naõ devidos 12. Naõ ſe intrometter onde o naõ chamaõ 13. Eſtar ſocegado, ſenaõ he que ſe lhe offereça boa occaſiaõ de empregar ſeu animo e entaõ obrar heroicas virtudes. 14. Naõ andar com fingimentos, e ſimulaçóes. 15. Dizer livremente ſeu parecer, quando importar, &c. O coraçaõ que ſe exercitar neſtas acçóes ſerá reconhecido por magnánimo.

Como ſe conſerva a amizade.

235 Dizia hum Sabio: Podem-ſe tolerar os infortunios, porque ſaõ o cryſol dos amigos, e os mais ſeguros ſaõ os mais experimentados. O como a amizade ſe conſerva he ter huma vontade, e huma alma; hum querer, e naõ querer fallar, e obrar ſem engano; fazer commum

par-

articular; ser igual na dita, e no trabalho; confelhar, e mandar na occasiaõ; naõ pedir que se naõ póde fazer; naõ occultar o coraçaõ; naõ revelar segredo; naõ fugir do perigo; offerecer a este a vida. Render-se aos preceitos do amigo; amar tudo o que elle ama; festejar seus gostos quando os tiver; naõ permittir desprezo ao seu amigo; crer tudo o que disser; naõ travar questaõ no que nada importa; soffrello na occasiaõ; emendallo a tempo; servillo sem interesse; mostrar-lhe sempre igual semblante.

Fugir do que tem animo duvidoso, e inconstante; do que solicita sua conveniencia, e naõ a do amigo; do que sempre lisongea, e applaude; do que honesta a maldade, e louva o desacerto; do que falla muito, e do que calla tudo: e se assim naõ conservar a verdadeira amizade, ao menos evitará inimigos.

236 Diz hum Sabio, que a mulher naõ soffre o minimo desprezo de sua pessoa; e posto seja heroina, sempre pela fraqueza do sexo, deseja ser tida por formosa. Diz que sendo Elizabet Rainha de Inglaterra, huma das mais peritas na arte de Reinar, e de gran-

grande juizo, e que no ſeu governo fez me-
nos erros. Tambem tinha o meſmo achaque
do ſexo. O que ſe obſervou, e foi, que man-
dando a Republica de Hollanda huma ſolemne
Embaixada á dita Rainha, foi acompanhada
de muitos Nobres, e principaes do Eſtado
e muitos Mancebos Fidalgos.

Na primeira Audiencia que da Rainha obti-
veraõ, eſtando hum daquelles Mancebos Hol-
landezes converſando com hum Fidalgo In-
glez, olhando attentamente para á Rainha
lhe diſſe: que ſe admirava, que houveſſe gen-
te taõ temeraria, que ſe arrojaſſe a fallar
contra a formoſura da Soberana, e que lhe
faziaõ huma grande injuria: que elle a acha-
va taõ formoſa, e tanto a ſeu goſto, e que
ſe foſſe poſſivel, elle moſtraria que ella era
capaz de inflammar hum homem de bem: ac-
creſcentando outros diſcurſos de mocidade
que ſe podem mais penſar do que repreſen-
tar. Dizendo iſto, olhava varias vezes para
a Rainha, em que ella reparou. Paſſada a
Audiencia fez chamar o Milord, e lhe pro-
curou que diſcurſo era o que teve com o
Mancebo Hollandez? Eſcuſando-ſe elle, que
eraõ humas palavras de gente moça, e in-
di-

ignas da Mageftade ; mas naõ eftando ella
or iffo, o obrigou a confeffar-lhe a verdade.
Donde refultou, que premiando aos Embai-
xadores com medalhas de ouro, e cadeias de
600 Efcudos de valor, e ao Sequito cadeias
de ouro, e de cem Efcudos, e ao que a lou-
vou huma cadeia de ouro, e medalha de
600 Efcudos, que elle confervou fempre ao
pefcoço, por memoria da maõ de quem ti-
nha vindo.

237 Deve-fe confiderar a Nobreza (diz o
Cardeal de Rechilieu) como os principaes ner-
vos do Eftado, capazes de contribuir muito
para a fua confervaçaõ, e eftabelecimento.
Affirma o mefmo, que a luz natural faz
conhecer, que o homem fendo feito racio-
navel, elle nada deve fazer fenaõ pela ra-
zaõ; de outra fórma feria contra a fua na-
tureza, e por confequencia contra o Sobera-
no Author della. E que quanto mais hum
homem he exaltado affima dos outros, tan-
to mais deve fazer eftudo defte privilegio,
e naõ abufar do caracter, que conftitue o feu
fer, &c.

238 Diz Santo Ambrofio, que ainda que
façamos muito boas obras, e tenhamos mui-
tas

tas virtudes, ſe nos faltar a virtude da caridade, e ſermos eſmoleres, nem ſe quer á portas do Ceo chegaremos. *Homil. 19. ſup cap. 6. de S. Matth.* Diz mais: Que he huma grande loucura o deixar o homem as riquezas neſte mundo, donde preſto deve partir, e naõ levallas ao Ceo, onde ſempre ha de eſtar. Porque os pobres ſaõ os que as levaõ, e ſaõ como ligeiras náos, que com favoravel vento navegaõ eſſes mares, e pōem no Ceo as eſmolas dos ricos, para que as gozem por toda a eternidade.

S. Baſilio diz: *Epiſt. ad Nepot.* Porque és tu rico? Senaõ para que tu conſigas, ajudando-o, muitos bens, e elle alcance o fruto da paciencia.

S. Jeronymo affirma, que já mais leo, que ſe lembraſſe, que homem eſmoler tiveſſe máo fim; porque como tem tantos interceſſores, impoſſivel he, que Deos naõ ouça os rogos de tantos. *Scr. 51.*

A boa obra antes fica no que a faz, do que no que a recebe; porque ainda que ella remedea ao neceſſitado, a graça, e o galardaõ fica no miſericordioſo. *Santo Ambroſio. Homil. 25.*

Naõ

Naõ ha peccado taõ enorme, que a esmola naõ possa apagar. *S. Joaõ Chrysostomo.*

Dá se quer pouco ao necessitado, porque estimará muito Deos. *S. Gregorio Nazianzeno.*

Que responderás a Jesu Christo (diz S. Cypriano) quando te disser. Vestiste as paredes, deixaste ao pobre nû. Adornaste os cavallos, e desprezaste a teu Irmaõ. Naõ tenhas pois temor de empobrecer pela esmola; porque te asseguro, que se naõ póde acabar o que com Christo se gasta. Isto, continua o Santo, o prometto com authoridade da Santa Escritura; pois diz Salamaõ: quem de seus bens dá ao pobre, nunca será pobre. Santo Antonio de Lisboa diz: Assim como a amendoeira he a primeira que lança flores entre as arvores; assim a esmola he a primeira entre todas as virtudes.

Pela esmola tem muitas familias subido a grandes dignidades; ponhamos por exemplo o Tronco da Nobre Casa d'Austria. Affligindo huma terrivel peste, e fome a Provincia de Bergonha; hum Fidalgo, que he o progenitor da Casa d'Austria (Ederico) compadecido das incriveis calamidades, e miserias,

que

que feus habitantes padeciaõ; mandou reco-
lher todos os neceffitados, e os fuftentou até
que ceffou o flagelo. Paffada aquella efterili-
dade, mandou veftir a todos, e lhes dava hu-
ma dobra, e os abraçava, e enviava a fuas
cafas. Deos lhe quiz logo pagar tanta carida-
de, fazendo-lhe a graça de fer o ultimo po-
bre que abraçou o mefmo Jefu Chrifto, e
lhe diffe: já que tu defpendente o teu ca-
bedal com os meus pobres, em premio do
que, tu, e teus defcendentes fereis fenhores
da minha Religiaõ, e eu ferei fempre com-
vofco, &c. Logo foi eleito Imperador, don-
de tem fahido muitos Imperadores, &c.

239 Affentaõ os Santos Padres todos, que
he taõ nobre a alma do homem, e que Deos
a fez á fua Imagem, e fimilhança, que fó
o mefmo Deos conhece o interior, e penfa-
mentos fecretos do coraçaõ, e que nem An-
jos, nem demonios, e menos os homens os
podem conhecer, fe o mefmo Deos lhos naõ
revelar.

Donde fe collige a Divindade de Chrifto
Senhor noffo, pois conheceo os penfamentos
dos Farifeos, e a raiva de Judas, e mais Apof-
tolos, contra a Santa Magdalena, quando
der-

rramou o unguento preciofo fobre fua Ca-
ça, &c. O que foi evidentiffimo argumen-
de fua foberania.

A muitos Santos deu o Senhor efta prero-
tiva, de conhecerem os interiores da al-
. Alguns erradamente julgaõ, que os de-
nios conhecem os fegredos do coraçaõ,
rque obfervaõ, que por boca de alguns
demoninhados advinhaõ penfamentos; mas
fómente por indicios, e conjecturas col-
gidas dos affectos, paixões, e movimentos
corpo, que faõ indices do que paffa na
na, e como he taõ fagaz, e a larga ex-
riencia neftas coufas o tem enfinado, que
vezes advinha certo.

Coftuma elle ás vezes imprimir na ima-
naçaõ taõ fortes, e vehementes fantazias
hum objecto, que arrebata atrás fi o en-
ndimento, fem lhe confentir a que imagi-
, nem difcorra em outra coufa, neffe cafo
afi que póde advinhar certo; como affirma
rfon. tom. 2. de Exam. Doct.

Defta forte hum feu famofo difcipulo Apol-
nio, fingia que conhecia os penfamentos,
rque dizia a feu meftre que fuggeriffe tal,
tal coufa que elle dizia, elle lhe imprimia
a

a tál coufa na imaginaçaõ com efficazes, e v
hementes fantazias, e chegando a elles lhes d
zia: vós eftais agora confiderando ifto,
quafi fempre acertava com efte mefmo er
bufte Efcoto Parmenfe, e hum Grego N
gromanticos, defcubriaõ penfamentos, &
Cardano lib. 8. de Variet. rer. &c.

Primeira idolatria.

240 Contaõ graves Authores, que o p
meiro foi Nino, porque tendo grande afl
cto a feu Pai Bello, o mandou retratar d
pois de morto, e collocallo em hum fitic
e com tanta veneraçaõ, que fe qualquer crin
nofo fe acolhia a elle, ficava livre de feu c
me, e caftigo merecido. Por eftes benefici
que eftes homens recebiaõ defte retrato, e
tráraõ a venerallo, e offerecer-lhe incenfos

Aproveitando-fe o demonio defta occ
fiaõ, permittindo-o Deos, pelos peccad
dos homens, entrou a fallar nefta figura
dando refpoftas de forte, que os homens c
meçáraõ a acudir a elle como a Oraculo. N
no inftigado pelo pai da mentira, fe fez Sur
mo Sacerdote, e fez feu Templo em mem
ria do Pai, e goftava tanto de ter o Thurib

na maõ, como a lança na mesma maõ, na
:rra. Entre os Assyrios foi sempre venera-
a memoria do Deos Bello. De cujo caso
:spalhou pelo mundo a pessima Idolatria,
.ndo o culto ao verdadeiro Deos, e ren-
ıdo-o aos homens dos maiores vicios.

:41 No anno de 659 da fundaçaõ de Ro-
vindo Luculo Patricio, General da mes-
Roma, da guerra de Mithridates, achou
Tigrano, Cidade da Caldeia, huma lami-
de cobre, á porta do Palacio do Rei, e
ha sido feita por Aristoteles, Mestre de
:xandre Magno, isto he, gravadas nella
as seguintes Sentenças. 1. Naõ he sabio
?rincipe, que por sustentar a privança de
m (muitas vezes máo) quer ter em ris-
sua vida, e naõ quer segurar seu Esta-
com o amor de todos. 2. Naõ he prudente
?rincipe, que por dar a hum muito, quer
: tenhaõ todos pouco. 3. Naõ he pouco
usto o Principe, que mais deseja satisfa-
: á cobiça de hum, que aos vicios de to-
s. 4. Louco he o Principe, que menos
:zando o conselho de todos, só se fia do
recer de hum. 5. Finalmente, atrevido he
Principe, que por amar a hum, quer ser

aborrecido de todos. Esta lamina, com est
sinco conselhos, gravados da maõ daquel
antigo Filosofo, foi preferida pelo Sena
Romano, ás riquezas que lhe apresenta
Luculo Patricio.

242 Porque trazem os Romeiros de Sa
Iago as vieiras, ou conchas, quando volta
e que significaõ? Os que da razaõ desta no
cia naõ souberem, julgo naõ deixaráõ
gostar de o saber, e foi o caso. Trazendo
Discipulos do Apostolo Sant-Iago maior, s
Sagrado Corpo desde Jerusalem, onde
martyrizado, para Hespanha; chegando
navio ao porto de Amaya, era em occasi
que a gente da terra, com festas de cavall
celebravaõ humas bodas. Succedeo (caso n
ravilhoso) que o cavallo em que andava
novo Esposo, se metteo pelo mar, sem h
ver forças humanas que a detivessem, e r
dando se foi direito ao navio em que o San
vinha. Vendo o Cavalleiro os Discipulos
Santo, lhes gritou que o soccorressem
taõ grande perigo. Lançaraõ-lhe hum cab
por onde subio; e vendo-se entre gente
trangeira, e todo cheio de conchas, ou vi
ras, olhava para todos, e para si, e con
de

rava o que lhe havia acontecido, eſtava
ſmado, ſem poder reſolver-ſe, ſó tirando
r conſequencia que aquillo era ſobrenatu-
.
Os Diſcipulos do Santo lhe declarárao o
lagre, que Deos havia nelle obrado, para
nrar ſeu Servo, e Apoſtolo Sant-Iago, cu-
Corpo alli traziao. Inſtruírao-no na Santa
, e o baptizárao.
Convertido já eſte Gentio, pedio-lhes
e lhe declaraſſem o que queriao ſignificar
ıellas conchas de que eſtava cuberto. Poſ-
elles em oraçao, rogárao a Deos, que
a confirmar aquelle Nehofito na Fé, lhes
claraſſe aquelle enigma. Ouvirao huma voz,
e proferio: Que aquellas vieras ſeriao in-
nias de que andariao ornados os devo-
do Santo Apoſtolo, (como vemos) e que
ellas ſeriao conhecidos por todo o Mun-
, &c.
143 No tempo, que governava o Papa
ſto V., eſtava hum Cavalleiro Romano
ceſſivamente agradado de huma gentil Don-
la Nobre, e tendo-a pedido para Eſpo-
a ſua Mãi viuva, eſta lha nao tinha con-
lido, porque aſpirava a maior Nobreza. El-

le vendo-se desprezado da viuva, e cégo d
amor que á filha tinha, fez o excesso (ind
ellas pela rua) de levantar o véo do rosto
filha, e a seu pezar, e da Mãi, a beijou r
cara publicamente. Ellas se queixárão a Su
Santidade; logo o mancebo foi prezo; co
mo o dito Papa era grande justiceiro, a c
sa Colomna, e Cardial Colomna, que he
primeira de Roma, que protegião o tal Ma
cebo, temendo-lhe algum máo passo, inst
rão com a viuva que consentisse no casame
to, que essa fora a intenção do agressor, p
ra ver se assim lha concedião. Finalmen
consentio a Mãi, e parentes, e se fez o c
samento.

Feito elle, forão dar os agradecimen
ao Papa; este lhe procurou se estavão tod
contentes? A que respondérão que sim; v
jamos se a justiça o está, torna o Summ
Pontifice: manda chamar o Regedor, e l
procura se a justiça estava contente com aqu
le casamento depois do insulto publicament
Ao que elle respondeo que não, e que d
via ser castigado para exemplo, e segura
ça do sexo. O que Sua Santidade approvo
por cuja causa foi condemnado a galés.

Acu

Acudindo o Cardial Colomna a alcançar perdaõ do Soberano, este lhe respondeo: Que naõ tinha por seus amigos aquelles que lhe pediaõ cousas injustas, pois se as mulheres honradas naõ estavaõ seguras dos insultos nas ruas de Roma, que faria em suas casas! Porque se senaõ tivesse o cuidado em defender o sexo feminino das violencias dos homens, ellas encontrariaõ em cada hum delles hum tyranno, que lhe quereria roubar o precioso thesouro da castidade, &c. » Logo foi executada a sentença, &c.

244 Conta certo Author, que tem algumas ulheres tal imperio sobre os homens, que ás por exemplo huma que conheceo, que ipôs tal silencio ao amante, que por dous inos naõ fallou, de sorte que o julgavaõ udo. Estando ella em huma Assemblea com le, ella se gabou, que faria o prodigio de fazer perder a mudez, para o que lhe dis: : fallai, elle o executou, &c.

245 Diz certo Author, que na Persia ha uma Cidade chamada *Amadam*, e se diz ter do a antiga Corte do Rei Assuero; porque li ha muitos Judeos, e vem de outras partes

tes em romaria a visitar o sepulcro de Ma
doqueo, e da Rainha Esther, sua sobrinha
e mulher do dito Assuero. Perto desta Cid
de está huma montanha a que chamaõ *Na
bane*, onde ha os melhores simples, e he
vas medicinaes, que ha em parte alguma d
Mundo. Os doentes vaõ alli na Primavera
só para se assentarem sobre as hervas, e
que recebem logo alivio, &c.

Justiça Turquesca, que faz corar a Christan

246. Conta certo viajante, que no *Gra
Cairo*, Capital do Egypto, costuma o A
motacel ir ás praças onde se vende o come
tivel a cavallo, e com vinte homens arm
dos, e seu executor. Vai ao paõ, peza-se
se lhe falta ao pezo que está taxado, he l
go feito em bocados, dado aos pobres (p
isso o segue sempre huma tropa delles)
vendedor do paõ lançado a terra, leva d
zentas pauladas nas solas dos pés, o nar
furado, e prezo por hum cordel, e atado
hum páo, e a cara untada de lodo do Nil
No açougue ás vezes usaõ mais rigor, po
que lhe prégaõ huma orelha com hum pr
go, contra hum páo, e que chegue só co

ponta do pé á terra. Diz Paulo Lucas nas
s viagens, que vio huma vez quatro jun-
ao mesmo tempo destes justiçados. Qual-
er ladraõ Arabio que se pilhe he esfolado
o, &c.

nto Ambrosio diz as Sentenças que se seguem.

1. O demaziado discurso, faz mais triste,
escontente ao que queremos consolar.
2. Ninguem contra sua vontade póde obrar
n, ainda que o que faz seja bom.
3. O varaõ justo, muro forte he da Ci.
le.
4. Os máos habitos nos causaõ maior mal,
os mais crueis inimigos.
5. A nossa alma sempre he o author da
pa, ainda que o corpo a ponha por obra.
6. O pejo companheiro he sempre da ho-
tidade.
7. Deve sempre ser moderada a justiça.
8. O que se occulta, parece dar indicios
culpado.
9. He temeridade o offerecer-se aos pe-
os.
10. A affeiçaõ que ás cousas se tem,
dá a estimaçaõ, e preço.

11.

11. Coufa he de maior afflicçaõ o
crever o que nos caufa pena.

12. Temos grande confolaçaõ de ouv
mos fallar de noffos amigos, cuja aufen
nos magoa, e afflige.

13. Deve-fe dar lugar á ira.

14. A pratica importuna, e demaziad
excita colera, e caufa defordem.

15. Deve-fe ter huma tal medida na
beralidade, que de tal modo fe diftribu
que fempre fe poffa dar.

16. O que tem temperança na liberali
de, para ninguem he avaro, e para to
he liberal.

17. Sabio he, o que com fabios prati

18. Serve de recompenfa á velhice, a
da innocente.

19. Podemos dizer, que fó he noffo aq
lo de que ufamos.

20. Nunca o Jufto fe acha fó, por
tem a Deos fempre prefente.

21. Nenhum lugar ha feguro, para o t
dor.

22. Nenhuma coufa fe defcobre mais
preffa, que a caftidade perdida.

23. De nenhum mal fe deveria enver
nh

har mais a velhice, do que o naõ emendar-se das faltas paſſadas.

24. Ser innocente, he naõ ſaber couſa má.

25. Entre bons amigos, naõ ha ſoberba.

26. A queda do primeiro, aviſa ao que em atrás.

27. O Sabio em toda a parte he eſtimado.

18. Os que em fortuna, e abundancia eſtaõ, aborrecem o deſgraçado.

Santo Agoſtinho diz as ſeguintes.

1. Naõ ſe póde verdadeiramente amar o que ſe naõ conhece.

2. A ſuſpeita em as amizades he peſte.

3. Maior premio ſe deve dar aos bens, que caſtigo aos males.

4. Do bem uſar mal vicio he; mas do mal uſar bem, he virtude.

5. Reprehende-ſe nos Principes o deſprezarem a honra.

6. Pouco aproveita a honra do mundo, ſe a conſciencia nos accuſa.

7. Naõ ſe deve acreditar o amigo que nos

nos louva, nem o inimigo, que nos detra
he.

8. O homem bom, ainda que efteja ca
tivo, fempre eftá em liberdade.

9. Muito perigo corre, tudo aquillo qu
em ordem naõ eftá.

10. Se o premio nos naõ anima, o caf
tigo nos amedronta.

11. O fegredo que a tres fe declara, :
todos fe manifefta.

12. Naõ habitaõ juntas, velhice, e for
mofura.

13. Mal foffre fer vencida a noffa rebel-
de natureza.

14. Em enfermidade entramos, logo que
nafcemos.

15. Affeiçaõ defordenada, fó pertence
aos brutos.

16. Caftiga Deos com juftiça, e fem
crueldade.

17. O mantimento, como Medicina fe de-
ve tomar.

18. Sómente fe ama o que agrada.

19. A amizade fe he verdadeira, dura
fempre.

20. Ametade de noffa alma he o bom amigo.

21. O bom amigo nos ferve de medica-
nto da vida.

22. O que fem amigos eftá, fó fe acha.

23. He hum caftigo de Deos, o chegar
de á virtude.

24. Atormentadora da alma he a dor.

25. O bom o naõ he pelo temor da pen-
, mas pelo amor da virtude.

26. O que em qualquer obra confente,
em já meia feita.

27. Por fufpeita fe deve fempre ter a
icidade humana.

28. Tirai das gentes prefumpçaõ, logo
raõ todos iguaes.

29. Nafcer com bom engenho, dom he
Deos.

30. As injuriofas adverfidades, experimen-
õ o varaõ forte.

31. Ser naturalmente inclinado ao mal,
ftigo de Deos he.

S. Gregorio diz.

1. Vizinha da foberba he a abundancia.

2. Ajudar ao fraco, de caridade proce-
e, porém querer ajudar ao que mais que
ós póde, he vaidofa arrogancia.

3.

3. Prova he de virtude a adverſidade.

4. Pelas apparencias de fóra, ſe ma feſtaõ os ſecretos do interior.

5. Todos os males, que o avarento me, todos os padece.

6. Onde muito ouro ha, muito vicio h

7. Mais força tem exemplos para move que palavras.

8. Naõ ſómente com dons nos rega Deos, mas tambem com caſtigos nos e ſina.

9. Com razaõ he deſpojado da honra, que offende ao que lha procurou.

10. O bom na proſperidade ſe turba.

11. O que fielmente deſpende o alhei deſtribuirá bem o ſeu.

12. Naõ repara Deos no que ſe lhe o ferece, mas no que lho offerece ſim.

13. Sem fruto trabalha em boas obras, que ſempre naõ perſevera em boas acções

14. Aſſim como o veſtido cobre o corp aſſim as boas obras cobrem a alma.

15. O que ſe naõ vinga, porque naõ pód naõ he eſtimado virtuoſo. Como diz S. Pa lo: *Non eſt virtus non poſſe peccare, ſed nol* naõ he virtude o naõ poder peccar; mas ſim naõ querer.

16

16. O que aos pobres se despende, naõ dá, mas empresta-se.

17. O poder dá-o Deos; mas a presumaõ delle, nossa malicia a acha.

18. O máo nada acha bom, senaõ o que agrada.

19. Quanto hum sogeito he mais ignonte, tanto mais procura affectar o parecer bio.

20. Quanto maior he o bem que entre nãos se deve repartir, tanto maior he a usa de discordia.

21. A soberba rainha he de vicios.

22. Naõ he menor victoria soffrer os iniigos, que vencellos.

23. Nenhuma virtude está em sua periçaõ, em quanto com outras virtudes naõ tá acompanhada.

24. Póde-se dizer, que sómente vivemos tempo, que em innocencia, e humildade vemos.

S. Cypriano diz.

1. Inclina á virtude os filhos, o que a u pai louva.

2. A falsidade nunca por muito tempo enana.

3. He caſtigo ſevero de Deos, o na
conhecer noſſas maldades, para dellas faz
penitencia.

4. O que eſtá proximo do perigo, na
póde pòr muito tempo eſtar ſeguro.

5. Guerra faz aos máos, o que os na
imita.

6. Ninguem em propria cauſa he bo
teſtemunha.

7. Nos trabalhos, a paciencia ſe prov

8. O reinar, he couſa que naõ admit
companhia.

9. A abundancia de filhos, faz que
homem ſeja menos liberal.

10. Deve-ſe acautelar do inimigo, ainc
depois que ſe fez amigo.

11. Para a avareza, naõ ſe acha rem
dio.

12. O que mal ſe adquire, depreſſa
eſperdiça.

13. Para mandar, todos preſumem ſe
ſufficientes.

14. Naõ he taõ alegre o adquirir cabe
bal, como triſte o perdello.

15. Naõ he deſgraçado, ſenaõ o qu
penſa ſello.

16.

16. Bem ſabe mandar, o que bem ſoube
edecer.

17. Em couſas grandes, o deſejallas nos
ve baſtar.

18. Naõ ha couſa taõ facil, que naõ ſe-
difficil, ſe contra vontade ſe faz.

19. Todos obedecem ao mais poderoſo.

20. Aquelle que promptamente obedece,
;um tempo mandará.

21. O callar, modo de conſentimento he.

22. A verdadeira honra deſpreza a van-
ɔria.

23. Deve-ſe preferir hum bom amigo a
los os theſouros.

24. A guerra ſe deve fazer, naõ para
ncer, mas para que della ſe ſiga a paz.

25. A cólera he de maior duraçaõ entre
Nobreza.

26. Aquelle que tem mais poder, deve
: mais moderado.

27. He commummente advinhadora da
rdade, a voz do povo.

28. Julga que todo o trabalho, he a to-
s commum.

S. Joaõ

S. João Chrysostomo diz.

1. Nossas adversidades, naõ saõ ira d
Senhor, mas admoestações suas.

2. He melhor naõ fazer, que fazello pc
vangloria.

3. Rico verdadeiramente o he, o que s
em Deos o he.

4. O que procura a honra, naõ tem re
peito ao trabalho.

5. O primeiro sinal de virtude, he al
grar-se com a virtude de outro.

6. Os que vivem diliciosamente, naõ du
raõ muito tempo.

7. Teme morrer, o que depois da mo
te naõ espera viver.

8. Naõ he pobre o que nada tem, m
sim o que cubiça muito.

9. Naõ he ser Principe, o que o he s
de nome.

10. A bondade do fiel servo, na ausen
cia do Senhor se conhece.

11. O soberbo naõ se póde capacitar
que ha algum humilde.

12. Ao soberbo sempre succede o co
trario do que deseja.

13

13. Tanto mais facilmente cahe hum em
berba, quanto mais baixa he a ſorte donde
ocede, e ſe vê em dignidade.

14. Ordinariamente o ſoberbo he cobarde.

15. Tudo ſe póde recuperar, excepto o
mpo perdido.

16. A virtude quando he opprimida, ven-
.

17. O ſoccorro, que aos eſtranhos ſe dá,
1 algum tempo ſe acha.

18. Procura naõ jurar, ainda que jures a
rdade.

19. Viviràs longa vida, ſe refreares tua
.

20. Ira entre os que ſe amaõ, pouco dura.

21. Aparta-te de teu Senhor, quando eſtá
do.

22. Os bons filhos, Columnas da caſa
).

23. Aprende em os males alheios.

24. Os que tem eſtudado, dobrada viſta
n que os outros.

25. A ſciencia, ainda entre os mais ruſti-
, he eſtimada.

26. O que naõ tem eſtudado, ainda que
ha olhos, naõ vê.

27. Do Sábio sempre ha que aprender.

28. Para aconselhar outrem, todos saõ s[illegible]bios, e prudentes.

29. Tolo he o pobre, que com o ri[illegible] quer ser liberal.

30. Naõ sejas demaziadamente curioso e[illegible] esquadrinhar os vicios alheios.

31. O máo he desgraçado, ainda que e[illegible]teja em prosperidade.

32. Naõ se sabe abrandar o coraçaõ [illegible] máo.

33. Nenhum por máo que seja, confe[illegible]sello.

S. Bernardo diz.

1. A amizade naõ se declara tanto por [illegible]crito, como por presença.

2. Naõ se póde chamar bem, o que [illegible] boa vontade se naõ faz.

3. Huma pessoa que ama, naõ está em [illegible] liberdade.

4. Hum grande fallador, ordinariame[illegible] he inimigo da razaõ.

5. Publica muito a fama nossa virtud[illegible] mas ella a naõ faz maior.

6. No caminho da virtude, o que naõ [illegible]vança, sempre recua.

7. Naõ he perfeito, o que naõ deseja ser
ais perfeito.

8. Virtude he grande, entre os que mal vi-
em, viver bem.

9. O demaziado silencio, he huma espe-
e de desprezo.

10. O homem dissimulado, inconstante he
n suas obras.

11. Em a grande paixaõ, naõ ha conse-
10.

12. Muitos amigos se podem ter, mas pa-
. o conselho ha de ser hum só.

13. Naõ he varaõ forte, o que naõ sabe
obrar seu animo em as difficuldades, que se
ie apresentaõ.

14. Em hum grande perigo, grande dili-
encia se requere.

15. A virtude, entre a Nobréza, se faz
ais agradavel.

16. Em esta mesma vida, tem a virtude
remio.

17. A verdadeira virtude, nunca tem fim.

18. Queres acrescentar tuas virtudes, pro-
ura encubrillas.

19. Dos que estaõ em prosperidade, to-
os desejaõ ser parentes.

20. Honra a Deos, e elle encaminhar[á] tuas obras.

21. Ter paixoens amorosas na velhice, h[e] huma das maiores loucuras.

22. Pois es mortal, naõ guardes odio im[-] mortal.

24. Beneficio recebe de Deos, o que mo[r-] re mancebo.

24. Tudo se faz facil, a quem Deos aj[u-] da.

25. Hum máo ganho, ordinariamente [se] converte em perda.

26. Naõ peças a Deos o que desejas, m[as] sómente o que te for necessario.

27. Lembra-te em a mocidade, que pod[es] ser velho.

28. Melhor he para os mancebos o cala[r] do que fallar.

S. Jeronimo diz.

1. A boa razaõ, naõ teme ser pública.
2. Cegos saõ os juizos, dos que amaõ.
3. Vense-se hum amor, por outro amor.
4. He cousa bem difficil, que o innoce[n-] te se naõ queixe.
5. O amor demaziado, nos tira a razaõ.

6

6. Hum ſanto amor, tudo ſoffre.
7. Na vida das criadas, ſe conhecem as
mas.
8. O que da honra foge, a procura.
9. Ha muito poucos, a quem falte a hy-
ıcreſia.
10. A honra tem mais poder ſobre a No-
eza, do que o medo.
11. O mais pequeno, ás vezes póde fa-
r mal ao maior.
12. Naõ ſabe pouco o que julga, que na-
ſabe.
13. Naõ tem a eloquencia lugar, entre la-
imas.
14. Nunca he tarde, quando ſe quer re-
rmar a vida.
15. Naõ póde bem conſolar a outro, quem
ffre impaciente ſeus trabalhos.
16. Na enfermidade, ſe conhece o preço
ſaude.
17. O Sábio eſtá ſempre bem acompanha-
ı de ſi meſmo.
18. De grandes vicios, e males, nos evi-
a ſolidaõ.
19. O que perfeitamente ama, nada te-
e.

20. O que bem ama, nada acha difficultoso.

21. He consolaçaõ grande, na adversidade, o escrever seus infortunios.

22. A honra, he huma cousa bem delicada entre as mulheres.

23. Aquelle que naõ guarda a fé, naõ merece que lhe sejaõ fiel.

24. O que busca casamento, busca arrependimento.

25. Teme a velhice, porque ella nunca vem só.

26. O silencio nas mulheres, he hum precioso thesouro.

27. Thesouro de todos os males, he mulher má.

28. Boa planta he em a vida, a boa mulher.

29. Esposa sem dote, naõ tem liberdade de fallar.

30. A arvore cahida, qualquer lhe corta a lenha.

31. Aos afflictos, se esconde a morte.

32. Mais alegre he dar, que receber.

33. Pouco bem, ao pobre faz feliz.

34. O que teme, logo o faz apparecer em seu rosto.

35. O infeliz, naõ crê na profperidade, ando chega.
36. As coufas que muito fobem, no me-or tempo cahem.
37. Naõ ha grandes exemplos, fe naõ de á fortuna.
38. Naõ ha profperidade, que muito dure.
39. O caminho do Ceo, naõ he delica-).
40. Naõ ha fortuna. de que fe deva me-)s fiar, que da boa.
41. O fim de hum trabalho, he vefpera : outro.
42. Aquelle que naõ póde pagar o que re-:be, he hum enganador.
43. O que foge da juftiça, confeffa feu ime.
44. Com trabalhos, fe mantem os ani-ios generofos.
45. O inimigo encuberto, he o mais pe-gofo.
46. O deftro piloto, na tempeftade mof-ra feu faber.
47. Só a avareza do tempo he louvauel; fto he, que fe defeja ter muito tempo para o mpregar bem.

48. Sem razaõ ſe queixa do mar, o qu
outra vez navega.

49. Prezume de teu amigo, que póde ſe
algum dia teu inimigo.

50. O que deſeja fazer mal, o tem j
feito.

51. Das delicias deſoneſtas, naõ reſta ſe
naõ arrependimento.

52. Delicioſa virtude he, o perdoar a
que ſe arrepende.

53. Chamas a deſgraça, quando te achá
ditoſo.

54. Guarda-ſe melhor, o que com traba
lho ſe adquire.

55. Mais ſe eſtima o beneficio, que me
nos ſe eſpera.

56. Tudo ſe faz poſſivel, ao que o tra
balho naõ teme.

57. A mulher, ou ama, ou aborrece mui
to; ella naõ obſerva meio.

58. He de baixos eſpiritos, aquelle
quem as couſas terrenas deleitaõ.

Certo Author nota.

247. Mais do que valem, cuſtaõ alguma
vezes as guerras. Conſiderado o conſumo d
homens,

mens, de prata, de forças de toda a efpe-
: ; a falta que trás comfigo a mais feliz
erra a hum Eftado. Quando julga ganhar
rde ; ainda que vença, fica mais fraco,
e antes da guerra, e naõ tem confolaçaõ
ı obfervar o vencido mais debil que elle.
menor perda naõ he a dos Exercitos ;
ıs fim a perda irreparavel que configo trás,
e he a defpovoaçaõ, o augmento dos im-
ftos, interrupçaõ do Commercio, defam-
ro dos campos, e falta de agricultura. Ef-
mal que fe naõ percebe logo, fe faz de-
is cruelmente fentir. Donde conclue, que
le mais huma ruim paz, que huma boa
ıerra.

Que coufa he Patriarca?

248 S. Clemente Papa em huma Epifto-
encaminhada a Sant-Iago, diz ; que na
ga Gentilidade houve tres ordens de Sa-
rdotes. Huns châmados *Prothoflamines* : ou-
os *Archimiflamines* : outros *Flamines*. No lu-
ır dos primeiros poz S. Pedro, ou nomeou
; Patriarcás : dos fegundos os Arcebifpos ;
nos terceiros os Bifpos.

Efte nome Patriarca he Grego, e quer
dizer

dizer Summo Pontifice, ou principal dos P
dres. Foraõ creados quatro, como affirm
muitos Authores, á ſemelhança dos quat
Evangeliſtas, e dos quatro animaes, que
Joaõ vio no Apocalypſe.

No principio foraõ ſó tres os nomeado
Antioqueno, *Alexandrino*, *Conſtantinopolit*
no. Paſſados tempos, concederaõ os Summ
Pontifices á Capital do Imperio Oriental
honra de Patriarca, com a prerogativa de
chamar a primeira depois de Roma. No p
meiro Concilio, que neſta Corte ſe fez, d
raõ a eſte Patriarca as Provincias Grega
Dacia, *Ponto*, e *Euxina*; as da Aſia menc
Ruſſia, *Polonia*, e outras dignidades Eccl
ſiaſticas.

O Patriarca Alexandrino tomou o non
de Alexandria, Cidade do Egypto, funda
trezentos e vinte annos antes da vinda
Chriſto por Alexandre Macedonio.

S. Marcos fez por ordem de S. Pedro
primeira Sé, como confirma S. Gregorio M
gno. Deraõ-ſe-lhe pelo Concilio Niceno
Provincias do Egypto, *Livia*, *Pentapoli*,
outras.

O Patriarca de Antioquia, Metropoli
Sy-

ria, poz S. Pedro a sua Cadeira primeira;
de governou sete annos na mesma Cidade,
no affirmaõ Baronio, e Belarmino. Alli
nsagrou Bispo o Principe dos Apostolos,
santo Ignacio Martyr. Foi a primeira, que
nheceo, e reverenceou a Religiaõ Christá;
r cujo motivo lhe chamou o Papa Inno-
ncio I. Irmá da Romana. Sua jurisdicçaõ
a huma parte da Asia, que comprehendia
umania, Armenia maior, e menor; Zili-
, e as Provincias da Syria; Mesopotamia,
a todos os Medos; Parthos; Persas, e até
India Oriental.

O Patriarca de Jerusalem tomou o nome
sta Santa Cidade, que foi fundada por
Melchisedech dous mil cento setenta e sete an-
os antes de sua notavel ruina. Foi em ou-
o tempo da jurisdiçaõ de Cesarea até o
mpo do quatorzeno anno do Papa Vigilio I.
n quinhentos e vinte e tres. No Concilio
uinto Constantinopolitano determinaraõ fa-
ella Sede Patriarcal; e porque estava nos
onfins das duas Patriarcaes, e naõ tinha
uffraganeos bastantes; de consentimento dos
utros lhe uniraõ quatro Arcebispados? O
Arcebispado de Cesarea em Palestina; o de
Si-

Sitropoli ; o de Ruba em Syria deferta ;
o de Berytho. Ficando-lhe com estes quatr
Arcebispados vinte e finco Bispos Suffraga
neos, como affirma o Cardial Baronio.

Além destes quatro Primazes, e Max
mos ha outros menores, como saõ : O d
Veneza, o das Indias Occidentaes, que er
gio Paulo III. anno de mil quinhentos e qu
renta ; e juntamente o do Brazil, erecto p
Benedicto XIV. a instancias do Senhor R
D. Joaõ V. Outros, ainda que tem este pr
vilegio, naõ se chamaõ senaõ Primazes
Como nas Hespanhas o Bracarense : na Fra
ça, o Vituriense : na Italia, o de Pria :
Cantuariense, em Inglaterra, ainda que h
je está secularizado : o Magdeburgense, e
Alemanha, &c.

Hoje todos esses Patriarcas famosos sa
Scismaticos, e inimigos capitaes da Igre
Romana. A Seita dos Armenios tem tres
hum reside em Cicilia, e Armenia menor
outro na Armenia maior ; e o terceiro n
Russia.

Os Maronitas, que vivem no monte L
bano em Syria, e se dizem obedecer á Igre
ja Romana tem hum Patriarca, que reside er
tre elles.

Os

Os Ethiopes, ou Preste Joaõ das Indias;
n outro, que se diz Patriarca dos Abe-
ns, &c.

A seita dos Cosos tem dous. Hum resi-
no Gram Cairo, e outro em Damasco na
ria.

Muitos destes (como contaõ as historias)
tem reconciliado com a Igreja Romana,
reconhecido-a por Universal Soberana, &c.

259 Dizia certo Author, que os Ministros
s Principes, e Governadores de suas Pra-
s, deviaõ ser puros de mãos, e sãos da
beça, &c.

250 Deos dá mais do que merecemos;
m grande differença do Principes da terra;
rque estes saõ ordinariamente limitados em
as dadivas; mas nos tributtos, e castigos
m limite. Certo Author.

251 No banquete, que no deserto Christo
u ás Turbas, sobejou mais do que se des-
endeo, por haver sido despendido por mãos
es; porque se os Ministros saõ liberaes, e
aõ tomaõ o alheio, he o Reino rico, o Rei
rospero, e os Vassallos felices. E quando o
overno naõ corre assim, tudo saõ desordens;
esmanchos, e máo governo. Certo Author.

252 A juſtiça he a verdadeira miſeric
dia; e ſendo injuſta, nem he miſericordi
nem juſtiça, nem governo: E quem for M
niſtro deſtas duas acçoens, deve-ſe unir co
a Lei Divina, para juſtamente ſeguir o q
diſpoem a humana; que deſta ſorte, na a
miniſtraçaõ dos negocios, de que eſtiver e
carregado, obrará acertadamente. E ſe i
faltar no que digo, faltará a igualdade, e
razaõ; e por conſequencia a juſtiça.

253 A juſtiça deve ſer o ſymbolo do g
verno, e o fundamento eſſencial da Repub
ca; porque ſe iſto falta, geme o pobre, ca
ta o rico, ri-ſe o poderoſo, zomba o atre
do, aſſobiaõ os malfeitores, e fazem treg
tos os bonifrates, &c.

Certos póvos tinhaõ o coſtume de inve
tariarem a fazenda dos Miniſtros, que nó ſe
viço do Eſtado ſe empregavaõ, para ſaber
depois a com que ſahiaõ dos empregos, a q
foraõ diſtinados, &c. Certo Author.

254 Diz certo Author, que para o ami
verdadeiro deve haver tres couſas prompt
1. Bolſa aberta: 2. Roſto alegre, e 3. C
raçaõ franco.

255 Diz que a vida do homem he mui
pare

recida ao antigo jogo do Xadrez, que pelo
paço delle cada hum tem ſeu lugar. Depois
jogo findado, todas as Damas, Reis, Ca-
llos, ſaõ todos em hum ſaco mettidos, ſem
tinçaõ.

256 Reprehendendo hum a hum ſogeito,
rque queria caſar hum filho, ſendo muito
vo; deixé-o, dizia, ter juizo, e pruden-
, entaõ executara ſeu dominio. V. m. ſe
gana, reſponde o pai? porque ſe meu filho
ega a ter juizo, nunca caſará, &c.

257 Mandando hum Medico tomar hum
medio a hum enfermo, eſte poſto que o
andou vir, teve repugnancia em o tomar,
ſe achou bem ſem elle. Vindo depois o Me-
co, e achando-o em boa diſpoſiçaõ, exage-
u a bondade do ſeu medicamento, e que fi-
ra maravilhas. Elle que ſe achava bellamen-
ſem o tal remedio, e para lhe abater a vai-
de, lhe diſſe: A medicina, que v. m. me
denou tomaſſe alli eſtá na chaminé, que
a tenho guardada, para que v. m. a poſſa
plicar a qualquer outro, que eſtou bem cer-
, que ha de lindamente ſarar, ſe fizer del-
o uſo que eu fiz. O Medico ſahio deſcon-
ado.

258

258 Explicando o Catecifmo aos Fregu
zes hum Paroco, afiava-lhe os vicios; e q
feriaõ condemnados a degredo eterno, fe l
naõ emendavaõ. Atemorizada huma vel
com as ameaças do feu Paftor, fe foi ter co
a mãi delle, de quem era amiga, e lhe pr
curou fe feria verdade, que todos, fe fen
emendavaõ, feriaõ condemnados, como f
filho acabava de proferir? Bom! responde
mãi! Vós, Senhora, credes iffo? Elle he
maior mentirofo do Mundo. Quando elle e
pequeno, eu o naõ açoutava por outra co
fa, &c.

259 Na Opera eftava, em hum Camaro
della, huma velha, feia, e baftantemen
aperaltada, em Paris. Hum Eftrangeiro, q
a obfervava da platéa, diffe para hum fogei
que junto eftava, rindo, naõ acha v. m. ef
louca de velha bem redicula em feu toucado
Eu na verdade refpondeo o outro deffa mefm
fórma penfaria, fe ella naõ fora minha mã
O outro ficou pafmado da aventura, &c.

260 O Imperador Trajano, pofto qu
Gentio, foi huma fumma bondade. Dand
huma efpada ao feu Capitaõ da guarda, d
zendo-lhe: *Se eu fizer o meu dever no go
verno*

rno do Imperio, tirai-a por mim, e se o fi-
r mal, tirai-a contra mim. Notando-lhe
ns, que elle naõ sustentava, como devia,
lignidade de Imperador. Eu quero, respon-
, parecer aos particulares, o que eu dese-
a me parecesse o Imperador, se eu fosse
rticular.

261 Observando hum Rei, a passar por
ma praça, hum homem atado ao pelouri-
o, perguntou porque estava prezo? Este
mem, lhe dizem, tem feito muitos satyri-
; escritos contra os Ministros de V. Mages-
le. Grande tolo he o tal sogeito! porque os
õ fez contra mim? Diz o Rei, que estou bem
to que naõ lhe haviaõ de fazer algum mal.

262 Estando (em França) á meza hum
ırichal, e hum Sábio, Mr. Chapelle, de-
s de beberem bem, entraraõ em reflexoens
ɔre as miserias desta vida, e a incerteza do
e se lhe seguiria; e convieraõ, que nada
via mais perigoso, que o viver sem Reli-
.õ; mas ao mesmo tempo lhe parecia enfa-
ıho, e impossivel o viver como bom Chri-
õ, hum grande numero de annos neste
ındo; e que os Santos Martyres haviaõ sido
n felices, de naõ terem senaõ huns mo-

 mentos

mentos de foffrimento, para ganharem o Ce
Sobre o que o Sábio julgou, que feria
grande confequencia, que hum, e outro f
fem á Turquia prégar a Santa Fé Catholi
Romana. Eis que nos prendem, e aprefent
a algum Bachá. Efte me manda impalar,
vos impalaraõ depois de mim, eis que de
pente eftamos no Paraifo. O Marichal, pa
cendo-lhe mal, que M. Capelle, fe poze
primeiro do que elle, lhe diffe: a mim, c
fou Marichal, e Duque Par, he que pertei
fallar ao Bachá, e fer primeiro que vós m
tyrizado. Refponde o Sábio, fobre iffo,
zombo de Marichaes, e Duques Pares.
Marichal picado, lhe atirou com hum prai
elle fe lançou fobre o Marichal, nefte atra
mento foi meza, e tudo de pernas acima,
qúe acudiraõ, e foi precifo lançar fóra M
Chapelle, para fe accommodarem, &c.

263 Eftando o Arcebifpo de París p
morrer, procurou certo Prelado, ao Duque
la Feuillade, que tinha muita graça: qu
nomearia o Rei para fucceffor do Arcebifpo 1
ribundo? Se o Rei naõ confultar fenaõ a
diz, ferá o Bifpo de Meaux. Se o Padre
la Chaife, Confeffor, ferá o Arcebifpo
Ai

x. Se se me pedir o meu voto, será o Ar-
bispo de Rouen. E se o diabo nisso se met-
, sereis vós, Senhor. Reposta bem pican-

264 Dizendo-se a Henrique IV. Rei de
ança, que dous Medicos haviaõ abjurado a
resia de Calvino, e abraçado a Catholica
mana, disse com graça o Rei para hum
nde, que era Ugunote: » A vossa Religiaõ
stá bem enferma, pois já os Medicos a
lesemparaõ, &c. »

265 Dizia o Marichal de Duras, ao Rei
França Luiz XIV. » Que V. Mageſtade
che hum Confessor, naõ me admira: na
erdade elle se condemna eternamente, mas
em credito; porém o que me faz vassilar
e, que o Confessor de V. Mageſtade ache
utro que o absolva. »

66 No tempo que Luiz XIV. eregio o
ebispo de Paris em Duque Par, era
ncisco de Harley de Chanvallon o a-
al Prelado; a Natureza tinha nelle for-
do o mais gracioso, e formoso homem
mundo. Sabida a graça do Rei, as
quezas em corpo de Communidade, vie-
felicitalo, e a de Mecklebourg, fallou

em nome de todas : dizendo de hum ar m
desto. » Nós todas , que somos as mais zel
» sas de vossas ovelhas , e a mais debil p
» çam , chegamos a felicitar o nosso b
» Pastor , pela sua elevaçaõ a Duque Par
O Prelado lhes disse : » Eu , Senhoras ,
» respeito como a mais formosa , e bella p
» çaõ do meu rebanho. » A Duqueza de B
lon , que era grande Latina , lhe citou e
verso de Virgilio , a respeito da formosura

Formosi pecoris custos formosior ipse.

267 No tempo que o Rei de Portugal
Pedro I. governava , com justiça forte , e
crueldade , como falsamente lhe attribue
vivia Rei de Castella outro Pedro , que
monstro da crueldade ; posto que estas mo
que elle mandou fazer tiveraõ apparencia
justiça , julgando aos taes por rebeldes , p
que muitos eraõ innocentes.

Dizem os Authores , que era desenvol
a respeito do formoso sexo ; pois naõ ti
respeito a serem filhas de Fidalgos , mulh
de Cavalleiros : Domnas de Ordem , ou
tro estado , em a apperecendo havia de co
guilla , &c.

Mui cubiçoso do alheio. Naõ admitt

ı Confelho fenaõ os que lhe approvavaõ
ıs maldades. Mui honradas peſſoas fez ma-
fó pelo aconfelharem bem, e outras fem
ıſa, que ſe ſoubeſſe ao menos no publico,
por vans ſuſpeitas; porque ninguem com
e eſtava ſeguro, ainda que o ſerviſſem bem.
nenhum ſe conta taõ cruel ſanguinario, e
migo do genero humano, como ſe vê. No
gundo anno do ſeu reinado, mandou matar
elmente a Dona Leonor Nunes de Guſ-
õ, que havia ſido valida de ſeu Pai, e era
i de ſeu Irmaõ D. Henrique, que depois
Rei. 2. A D. Garcia Laſo da Veiga, Fi-
go. 3. Tres homens Nobres de Burgos,
faz ſinco. 4. D. Affonſo Coronel, e ſeu
rinho Pedro Coronel, ſete. 5. Mais Dom
õ Carrilho; Joaõ Gonſalves Déſſa; Ponſo
ıs de Queſada, e Rodrigo Añes de Bede-
, que faz onze. 6. Mandou pedir a ſeu Pri-
o Duque de Bourbon, huma filha, para
ı ella caſar, o Pai, e Rei lha concederaõ.
No tempo que ſeu Embaixador ajuſtava o
ımento do Rei, ſe affeiçoou elle a huma
ıa Maria de Padilha, de quem tevè huma
a. Voltando ſeu Embaixador com a Rainha
ıa Branca, já recebida com elle, e traz-
zendo

zendo grande acompanhamento, o Rei já na
queria a Rainha de França, novamente che
gada; porém por instancias de sua Mãi, e d
sua Tia, Rainha de Aragaõ, que alli se ach
va, e alguns Senhores, consentio, posto q
com repugnancia, e se fizeraõ as bodas e
Valhadolid. Fazendo-se estas na segunda fe
ra, logo na terça feira partio para onde esta
a Padilha, sem lhe valerem instancias da M
Tia, e Rainha. Foi pela posta, que and
dezaseis leguas aquella noite, para chegar
casa da Padilha.

Por grandes diligencias, que se fizera
tornou a Valhadolid, e esteve com a Rain
dous dias, e logo a abandonou de fórm
que nunca mais a quiz ver. Depois daque
pobre Senhora, e infeliz Rainha padecer
rios desprezos, prizoens, e desterros;
fim, sendo de vinte e cinco annos, a manc
tyrannamente matar.

Tambem intentou matar ao Adiantado M
de Galliza D. Alvaro Pires de Castro,
maõ de Dona Ignez de Castro, que rei
depois de morrer; e tambem Alvaro Gon
ves Moraõ; mas estes sendo advertidos p
Dama Padilha, se pozeraõ em salvo.

mat

tar ao Adiantado Mór de Caſtella, Pedro
drigues de Vilhegas; e Sancho Rodrigues
Rajas, e a hum Eſcudeiro do Vilhegas.
ndou matar mais de huma vez vinte e dous
Toledo. Mais quatro Nobres de Toledo.
lo a Touro, onde aſſiſtia a Mãi, eſta o ſa-
a receber, elle logo ſem attençaõ á Mãi
ndou matar a Rui Gonſalves de Caſtanhe-
, que a trazia pelo braço; a D. Pedro Eſ-
es, e Affonſo Telles Giraõ. Ella cahio
maiada, quando os vio proſtrados junto a
nortos, e tornando a ſi, foi maldizendo o
ho, que taõ pouco a reſpeitava. Deos noſ-
Senhor, mede pela medida com que ſe me-
, digamos aſſim; pois permittio eſte deſ-
to áquella Rainha, pela cruel maldade que
obrou, em fazer matar a Dona Leonor
nes, por ſeu Marido ſe ter agradado della.
Fez mais ir a outro mundo, Gomes Man-
ue de Carnamela, e a outros. Em huns
rneios, que ſe fizeraõ, quiz matar o Meſ-
de Sant-Iago, D. Fradique ſeu Irmaõ;
s naquelle dia naõ teve effeito. Finalmente
ez matar, e a outros Cavalleiros. Ao In-
te D. Fernando ſeu Primo, a ſua Mãi, e
lher do dito Infante, Tia do Rei. Mais a
ſua

ſua Cunhada, mulher de ſeu Irmaõ D. Téll
depois ſeus filhos, hum de quarorze annos
outro de dezanove, innocentes Senhores, q
nunca lhe mereceraõ taõ cruel ſorte.

Affirmando-lhe hum Clerigo, que S. D
mingos lhe apparecera, e lhe diſſera, q
aviſaſſe ao Rei, que ſe acautelaſſe de ſeu I
maõ D. Henrique, que o queria aſſaſſina
teve o meu bom Padre por recompenſa do ſ
zelo, o ſer queimado. Matou mais a Goter
Fernandes, e a ſeu Irmaõ, do morto, q
era Arcebiſpo de Toledo, mandou lançar fó
do Reino, que veio a morrer em Coimbr
mandou confiſcar-lhe tudo. Tomou poſſe
rudo o que ſeu Theſoureiro Mór D. Luiz
nha, e morreu prezo; e outros muitos mai
&c.

Aborrecido de todos os Grandes, e pov
entrou ſeu Irmaõ D. Henrique a ſer favonia
de todos, e ſe apoderou do Reino. O Tyr
no D. Pedro obſervando iſto, e ſabendo q
o Arcebiſpo de Sant-Iago havia concorrido
ra a poſſe do Irmaõ, o matou, e ſe paſſo
Inglaterra, &c.

268 Levando-ſe prezo a Alexandre, h
Chefe de Rebeldes, elle lhe perdoou,
mai

ındou ſoltar, com admiraçaõ de todos. Hum
s ſeus Generaes lhe diſſe: ſe eu, Senhor,
iveſſe no voſſo lugar, o mandaria, para
emplo, fazer em quartos. Porém eu que
voſſo lugar naõ eſtou, prompto lhe per-
-o; pois encontro mais prazer na clemen-
ı, que no rigor; por eſſa razaõ perdo-o vo-
ntario a meus inimigos.

269 Procurando-ſe ao meſmo, porque hon-
va mais a ſeu Meſtre, do que a ſeu Pai?
orque meu Pai, reſponde prompto, me fez
ſcer do Ceo á terra, e meu Meſtre ſubir da
rra ao Ceo. Alludindo á ſabedoria em que
inſtuio.

270 Procurando hum Rei Oriental, a ſeu
rimeiro Miniſtro, quaes eraõ as virtudes que
ziaõ aos Monarcas felices? Eſte que era ſá-
io, lhe diſſe: Como, Senhor, os Reis ſaõ
cima dos homens, elles devem ſer mais vir-
ıoſos, que os meſmos homens. O animo,
força, fazem os Conquiſtadores, a juſtiça
orém, e clemencia os verdadeiros Monar-
as; e a generoſidade, os verdadeiros pais da
atria. *Literatura Oriental.*

CAR-

CARTA QUE ALEXANDRE MAGNO

Escreveo a sua Mãi, estando na ultima da vida, que he digna de ver-se: achada nos Authores Orientaes, por onde elle andou, e morreo; como Rabialac, Kiar, e outros, que naõ apontaõ os Escritores da sua vida.

CARTA A OLYMPIAS SUA MAI.

ALexandre chegado ao ultimo momento vai a ser sepultado nas entranhas da terra, de cuja boa parte foi hontem dominador a Olympias, a mais terna das Mãis, que pouco vi, e naõ verei já mais, saude.

» Os meus antepassados me pozeraõ no ca
» minho em que estou, eu o vou deixar ao
» que depois de mim vierem. Vós, desafor
» tunada Mãi, meus passos brevemente segui
» reis. O homem segue a sorte dos dias, el
» les se continuaõ huns aos outros, e se vaõ
» perder no abysmo da eternidade.

» Naõ vos deixeis levar dos falsos entre
» tenimentos deste mundo; pois quanto seu
» favores saõ avultados, tanto tem de meno
» duraçaõ. O tragico fim de meu Pai Filippe

» he

he bem penetrante; pois nem ſeus triunfos, virtudes, voſſos rogos, e amor o poderáõ livrar do fatal golpe que vo-lo roubou. Poſto que eu morro moço, elle me naõ póde ſeguir, mas eu a elle. Supportai minha perda com varonil animo; naõ deixeis eſcapar as lagrimas, que ſaõ indignas igualmente de mim, como de vós. Paſſai eſſes par de dias que vos reſtaõ na ſolidaõ, e retiro, naõ admittindo para vos conſolar, ſenaõ hum pequeno numero de peſſoas de probidade. Eu parto, os lugares que me eſperaõ, me offerecem huma paz, que no mundo falſo ſe naõ encontra. Em nome dos ternos laços, que nos uniaõ, vos rogo vos naõ deixeis abater pela affliçaõ: he a ultima prova, que hum reſpeituoſo filho de vós eſpera, poſſa eſta Carta eſcrita no ultimo dia do mundo, e primeiro do outro adoçar voſſas penas, e males, eu o deſejo muito. Naõ enganeis huma eſperança taõ conſolante para mim; nem contriſteis minha alma com huma immoderada dor. »

A Deos.

271 Estando os Portuguezes senhores d
praça de Chaul na India em mil quinhent
noventa e tres, sobreveio hum poderoso Exe
cito de mais de vinte mil homens Mahom
tanôs, fizeraõ huma fortaleza superior á no
sa, e lhe plantaraõ setenta peças de artelh
ria. Na nossa fortaleza havia só mil e quinhen
tos Portuguezes, e alguns Escravos. Conta
nesta empreza hum milagre feito por Sant
Antonio, e he, que foi visto o Santo apaga
o fogo, que elles davaõ ás peças. Os noss
os apertaraõ de sorte, que lhe derrotaraõ de
mil homens, e tomaraõ a fortaleza, que el
les tinhaõ construido. Cativando os nossos
seu principal General já ferido, o qual Deo
allumiou, que se fez Christaõ, e morreo lo
go. Huma filha delle se fez Christã, e vei
para este Reino, e a mulher se resgatou. A
vançando os Mouros aos nossos com doze Ele
fantes armados, hum mancebo Nobre da Bei
ra avançou a hum dos Elefantes, e lhe de
huma taõ forte cutilada, que o bruto se viro
contra os inimigos, e fez nelles grande estra
go, e foi cahir na cova de sua fortaleza, qu
foi meio para os nossos se apoderarem della
porque o mesmo Elefante lhes servio de esca-
da, &c.

272

272 Andando os Portuguezes em penden-
ı em Ceilaõ com os naturaes, hum mance-
› de agigantadas forças (Jozé Fernandes)
ıebrada a lança, agarrava nos contrarios, e
lançava por cima da cabeça para trás, para
ıe os companheiros se cevassem nelles, em
ıanto elle lhes lançava outros. Este tem pa-
:cença com a fabula de Deucaliaõ, que lan-
ındo para trás pedras, se convertiaõ em ho-
.ens; este porém deitando para trás homens,
: convertiaõ em terra, &c.

273 Na destruiçaõ que em algumas Aldeias,
hum pagode Gentio fez o célebre Thomé de
ousa em Ceilaõ, entre os cativos, que vie-
ıõ para bordo da sua náu, foi huma moça.
Neste tempo chegou hum mancebo, e abrá-
ando-a, chorou muito com ella, e proferi-
ıõ humas palavras, que naõ foraõ entendi-
as. Sabendo Thomé de Sousa pelo interpre-
e, que era huma noiva, e que sabendo que
:stava cativa, se vinha offerecer para seguir a
nesma sorte. Sabido pelo General o que pas-
ava; mandando-os embora livres, disse:
Naõ permitta Deos, que pelo meu intesse se
privem de sua inteira liberdade estas taõ bem
unidas vontades; em bastante escravidaõ os

tem

rem o amor. Agora compete a gratidaõ com
amor, e magnanimidade; pois responderaõ o
gratos noivos, que elles eraõ seus, e queria
servir toda sua vida sua Senhoria: elle lhe
agradeceo liberal aquella gratidaõ; mas com
se fazia logo á véla, os mandou contente.
Faz corar a muitos ingratos Christãos taõ no
bre gratidaõ de hum Gentio, porque alli na
parou só seu generoso agradecimento; po
amarando-se seu bemfeitor Thomé de Sousa
se foi a Columbo, fortaleza nossa, e alli fo
de grande utilidade, e fidelidade aos Portu
guezes, &c.

274 Sabendo-se que hum famoso Corsari
Turco andava nas costas de Africa roubando
e se refugiava em Mombaça com quatro galle
rias, e hum navio. O mesmo Thomé de Sou
sa acima foi em busca delle, o derrotou,
lhe tomou tudo, e o cativou, e a toda su
gente; porque fazia muito damno ao Com
mercio de Melinde, Moçambique, Sofala
&c. Quiz o dito General fallar ao Rei d
Mombaça, e pedir-lhe huma satisfaçaõ d
dar entrada áquelle Turco, tendo amizad
comnosco, e juntamente pedir-lhe hum Portu
guez, que para a terra tinha fugido. Nunca

dito

:o Rei quiz apparecer. Hum D. Bernardo
)utinho, infigne Cavalleiro, obfervando
o, fe offereceo ao General para fazer vir
i o dito Rei. Elle aceitou, e agradeceo a
nerofa, e confiada acçaõ, e lhe diffe efco-
effe a gente que quizeffe, elle fó elegeo
ım valerofo foldado. Avançou com incrivel
lor pelo meio dos Mouros, e chegando ao
ei lhe agarrou com a maõ efquerda, e hum
ınhal na direita, lhe diffe: ou has de vir
llar ao meu General, ou te mato, e o mef-
o te acontecerá, fenaõ mandas aos teus que
acomodem. O Rei ficou pafmado, e obe-
:ceo, &c. O Corfario Turco veio para Por-
gal, e fe fez Chriftaõ.

275 .Indo hum por moeda falfa a quei-
ar, apregoava o algoz a culpa, e o pade-
nte a defculpa: ambos apregoavaõ, hum
zia, juftiça, que mandaõ fazer; injuftiça,
ıe me fazem, dizia outro, por naõ ter moe-
ı, que fe a tivera, naõ fe accenderia fogo,
em fe ajuntaria lenha, &c.

276 O Rei jufto deve eleger homens juf-
›s, e tementes a Deos para feus Miniftros,
o ajudarem no feu governo, e que façaõ
ıfta juftiça; que mais fe falvaõ os jufticei-
ros,

ros, que os misericordiosos; porque com justiça acabaõ as culpas, e entra o perdaõ ... Ceo, e com a misericordia muitas vezes renovaõ os peccados, e persevera a continu... çaõ delles: com que para edificio devem se... vir columnas de bronze, e naõ de barro, q... o Sol derrete, e a agua desfaz.

277 Os Ministros se devem acautelar d... que sobem, e descem sua escada; porq... muitas vezes entra o amigo fingido, o parc... te cubiçoso, o inimigo disfarçado, e o vi... nho domestico. Estes todos muitas vezes ... contece fazerem de hum argueiro hum cav... leiro; de hum mosquito hum elefante; ... huma formiga huma balêa, o que supposto o mais util, e melhor será a menos conver... çaõ, &c.

278 Josué fez parar o Sol, para venc... os contrarios, obedeceo Deos a Josué, po... mesmo Josué obedecer a Deos: que nisto ... que vai toda a felicidade, e honra dos M... narcas, e a boa fortuna de seus Capitaẽs: co... que se querem vencer, e que o Sol par... mandem parar homens, que o naõ saõ, e e... jaõ homens, que sejaõ homens, &c.

279 Dizia hum Sábio, que de barba...

er...

o deixar a liberdade na maõ da fraqueza ;
ı fraqueza executar a liberdade ; porque
ıca entrou eſta ſoltura , que naõ ſahiſſe
za com a pouca modeſtia. Neſte limite al-
e ao ſexo femenino , que ſe lhe deve evitar
rdades , viſitas , romagens , feſtas , tirar
ıas , beatices , eſconjuros , &c. Porque
os eſtá tanto nas ſuas caſas , como nas taes
ıarias , e ſempre ha perigo neſſas digreſ-
ns ; &c.

80 Definindo hum Sábio o Avarento ;
He hum falſo goſto , cuidado de falſos
lados : neſta balança andaõ ſempre peza-
os pezares ; ſe ao alto com elles ſóbe , ao
ҳo com elles deſce ; e aſſim nunca eſtá ou-
io , ſendo Deos o que ſerve de Juiz na ba-
ɔa. Onde eſte tem ſeu theſouro , eſtá ſeu
çaõ : qualquer movimento o deſacorçoa ,
eſtrondo que ſente , ou ſonha ſentir ; re-
'enta-ſe-lhe que o vento o leva , que a ter-
reme , a caſa cahe , o fogo a queima , o
ɔ corrompe , os ladroens o roubaõ , os
dos o eſpiaõ , os amigos o pedem em-
ſtado para o naõ pagarem mais ; e final-
ıte a morte lhe bate á porta , &c.

Valor forte de hum Portuguez.

281 O Achem, Rei Mahometano, era i
migo declarado do nome Chriſtaõ, princip
mente dos Portuguezes. Pondo cerco á no
fortaleza de Malaca em mil quinhentos
tenta e dous com cento e ſincoenta vélas, c
gou de fóra neſta occaſiaõ hum Nuno Mont
ro em huma Galeota com ſeſſenta Portug
zes. Valeroſo enveſtio pelo meio dos ini
gos, que o accommetteraõ com arrojo, e
le ſacudio ouſado; e houvera delles con
guir victoria, ſe hum accidente que lhe ac
teceo, lha naõ roubara das mãos. Eſte he
ſeria acclamado pelo mais valeroſo, e fa
nhoſo homem que foi de Portugal á Ind
ſe lhe naõ ſuccede a deſgraça que vou con
Dépois de ter com huma taõ pequena emb
caçaõ deſtroçado muitas inimigas, e defe
do-ſe de outras muitas, e rendido varias,
repente ſe foi aquelle ſingular Capitaõ, e
leroſos ſoldados, dignos de melhor ſorte,
los ares, ſem delles eſcapar hum. No ter
que hiaõ a pôr os louros na Naval victoria
adverſa fortuna invejoſa lha roubou das c
ças, &c. *Faria 3. tomo da Aſia.*

2

282 Eſtando huns poucos de Portuguezes
ttidos em huma maſmorra na Coſta do Ma-
ar na India, os perros dos Mouros os dei-
vaõ perecer á fome. Huma ratazana os ſuſ-
tou huns poucos de dias; porque rompen-
hum panno, deitava pelo buraco arros ſuf-
ente para elles comerem. Foſſe acaſo, ou
digio, naõ decido; ſó ſim foi divino o va-
de hum delles, Manoel de Oliveira; por-
procurando-lhe hum Mouro ſe entre os
ſos haveria algum taõ ouſado, que ſe atre-
ſe a combater com hum dos ſeus, reſpon-
: que elle ſe deſafiaria com dous, quanto
s com hum, e que ſe o mataſſem teriaõ o
mio da victoria; e ſe elle a elles, o da li-
dade. Naõ quizeraõ aceitar o partido, ſó
offerecer-lhe muitas vezes premios, rique-
, grandezas, e outras couſas, ſe elle a-
çaſſe a Seita Mahometana. Elle valeroſo
reſpondeo, que ſempre confeſſaria a Lei
Chriſto pela ſólida, e verdadeira, e va-
mos os diſparates Mahometanos. Do que
dados elles, lhe cortaraõ em odio da Fé
beça.

Singular fineza de Dona Beatriz.

283 Vindo da India D. Paulo de Lima P
reira, ſe vio perder ſua Nau na Coſta dos F
mos, além do Cabo da Boa eſperança. Pod
raõ-ſe ſalvar elle, ſua mulher, e mais n
venta peſſoas em lancha, bateis, &c. Qu
toda eſta gente pereceo de fome, e miſe
por aquella Negraria, e o meſmo D. Pa
morreo á neceſſidade. Sua admiravel mul
Dona Beatriz eſcapando, e duas mulhe
Nobres, teve valor, e generoſo animo
trazer ás coſtas os oſſos de ſeu defunto Eſ
ſo, e os fez enterrar no Convento de S. Fr
ciſco de Goa, &c.

Providencia Divina, que véla ſempre ſobr
bem de ſuas creaturas.

284 Indo a cavallo por huma ſerra de n
hum Eccleſiaſtico, e poſto que havia hum
minho livre, e neve de hum, e outro l
muito alta, a mulla ſe metteu pelo meio
neve, ſem haver forças humanas, que a
tiveſſem, e lhe chegava á barriga. Neſte
rigo em que o R. Padre ſe via, obſervou
hum alto huma mulher, que acabava de p
hu

ıma criança, e eſtava quaſi finando-ſe de
o; baptizou-a, admirado da Divina Provi-
ncia. Logo o animal buſcou o caminho, e
archou, &c.

285 Dedicando o famoſo Arioſto o ſeu ga-
nte Poema de *Orlando furioſo* ao Duque de
errara, que era hum ſimplote, e he da claſ-
daquelles, que naõ ſabem ter goſto, nem
aliar o trabalho das obras dos homens ſá-
os; e quando ouvem fallar as couſas que
õ entendem, ſe poem a rir; mas iſto he
dinariamente mais por ignorancia maliciosa,
ıe vencivel. O Duque pois em agradecimen-
de querer aquelle ſábio Poeta eternizar ſua
emoria, lhe diſſe: *Signor Arioſto, dove,
r Dio, avete pigliato tante menchionarie*?
enhor Arioſto, naõ me direis, pelo amor de
eos, onde foſtes buſcar tanta parvoice? Foi
recompenſa de entregar nas máos de hum
no o ſeu engenhoſo livro, &c.

286 Os Fiſicos Móres tem obrigaçaõ de
ſitar as Boticas, a que chamaõ dar varejo,
dizem bem; porque aſſim como ſe varejaõ
Oliveiras para ſe lhe ſacar a azeitona, aſſim
les fazem.... Porém os Boticarios andaõ
ais ligeiros em peitar os Viſitadores, do que
em

em prover as boticas de medicamentos novos
se naõ lhes quebrariaõ tudo por dá cá aquell
palha. Seus frascos escapaõ, como vaso má
que nunca quebra, posto que hoje está con
mettido esse negocio ao respeitável Tribun
do Proto-Medicato, &c.

287 A proposito vem o modo como os Ca
telhanos varejavaõ este Reino na infeliz ép
ca, que á Hespanha esteve sujeito.

Ordenou a Corte de Madrid, que as ba
deiras Portuguezas variassem de cores, pa
as distinguir das suas. Naõ se preparavaõ
Naus da India a tempo, e tudo se perdia. A
Armadas que mandavaõ fazer neste Reino
titulo de acodir ás Conquistas, hiaõ para lá
e naõ tornavaõ. Tomaraõ mais de sete mil p
ças de artelharia. Em huma occasiaõ se vir
mais de novecentas de bronze, com armas
Portugal, em Sevilha.

No anno de 1637 soccorreo Portugal co
grande força, e presteza a Cadiz, acco n n
tido pelos Inglezes, e outros mui relevant
serviços; sem fazer nelles a minima impre
saõ, para haverem de tratar a Portugal co
mais humanidade. Mandavaõ contra a ord
nança, e fóros, que Felippe II. conced
ao

seus Portuguezes nas Cortes de Thomar;
: as nossas Naus Capitaneas, e Almeirantas
assem bandeira ás suas. Pozeraõ o real da
ia; accrescentaraõ a quarta parte das Cizas
sal, caixas de assucar, e outros generos,
. Faziaõ inauditas injustiças. Vendiaõ to-
os officios a quem mais dava; se hum ti-
dado o dinheiro, e vinha outro que dava
is, o levava, e naõ restituiaõ o que haviaõ
ebido, com o pretexto que requeresse ou-
. Vendiaõ os habitos das Ordens Militares,
entes infames, e outras mercês; com tanto
: houvesse dinheiro.

Obrigavaõ os Nobres, Communidades, e
lados, a que pozessem soldados fardados,
nados, e pagos á sua custa, para servirem
a do Reino. Chamavaõ os pleitos a Ma-
d, entregavaõ-nos a Juizes Castelhanos; e se
um resistia, era punido rigorosamente, &c.

Tiravaõ dinheiro, por todo o modo, dos
clesiasticos. As Capellas eraõ de quem as
unciava; porque privavaõ seus donos del-
, e as almas ficavaõ sem beneficio.

Tomava-se (como titulo de emprestimo)
dinheiro dos legados pios, Capellas, e
ssas, e a restituiçaõ era em tres pagas,
que

que ſaõ : tarde, mal, e nunca. E por hu
Prelado reſiſtir a eſta violencia, foi prez
arraſtado, e deſterrado; com grande afron
do Eſtado Eccleſiaſtico, e eſcandalo dos Ch
ſtãos.

De que ſe originou tomarem os Hollan
zes a maior parte do eſtabelecimento, q
com grande cuſto, e ſangue os Portugu
zes tinhaõ na India, e Coſta de Afric
como S. Jorge da Mina da Coſta de Gui
Na Aſia nos tomaraõ: Amboino, Ternat
e Tidore, donde vem o cravo fino: Malac
Gale, Triquemale, Batiçalou, Negumb
Calaturé, Calumbo, e a fortaleza de Jafa
pataõ com todo ſeu Reino na Ilha de Ceila
a Ilha de Manar, célebre pela peſcaria d
perolas, e aljofres: a Capitania de Tutu C
ry nas praias do Reino de Madure: a Cid
de Negapataõ na Coſta de Coromandel: a
Coilaõ, Cananor, Cranganor, e Cochim
Coſta do Malabar, &c.

Eſtes Hollandezes eſtavaõ ſujeitos a H
panha. Aconteceo mandar-lhe Felippe II.
o Duque de Alva, (por cauſa de huns lev
tamentos) que fez taes cruezas, que ſe vi
obrigados a fazerem huma Republica, un
do-

o-se sete Provincias, e fizeraõ crua guerra a
'astella quasi setenta annos. Apoderando-se
os estabelecimentos Portuguezes, como re-
ro assima, &c. até que foi a mesma Hespa-
ha obrigada a reconhecellos por independen-
es em mil seiscentos quarenta e oito, como
contece agora á Inglaterra com os seus Ame-
canos, &c.

288 Certo Author affirma, que o primei-
o que usou de armas foi Caim contra seu in-
ocente Irmaõ Abel. Os Assyrios Capitanea-
os pelo Rei Nino, foraõ os primeiros que fi-
eraõ guerra a naçoens estranhas. Paõ, Ca-
itaõ de Baco, inventou armas nos Exercitos;
nsinou o uso das siladas, e vigiar com senti-
ıellas. As trégoas introduzio Licaon. Os
oncertos Thezeo. A's batalhas navaes deu
Minos principio. O uso da Cavallaria se deve
os Tessalonicos. Lanças os Afticanos. Aos
Martinenses as espadas. Demeu a esgremir
estas armas, &c.

Tyran-

Tyrannias, que D. Jeronymo de Azevedo uſou com os pobres Indios de Ceilaõ, ſendo Governador delle, e 22 Vice-Rei da India, e 42 Governador. Por eſſa cauſa perdemos tudo pelos peccados dos homens, e tomou Deos os Belgas por inſtrumento para eſte caſtigo, &c.

289 Eſte homem governou a India muitos annos. Foi-lhe o Conde Redondo, D. Joaõ Coutinho, ſucceder em mil ſeiſcentos e dezaſete. Chegado á barra de Lisboa, foi prezo por ordem da Corte, e na prizaõ jazeo, e morreo miſeravelmente, ſuſtentando-ſe de eſmolas; e quando faleceo, foi enterrado pelo amor de Deos. Hum homem com tanto cabedal: que diz *Faria na Aſia*, que fallando na India com elle, lhe diſſe Nuno da Cunha que depois dos ſeus infortunios, ainda conſervava quinhentos mil cruzados; reſpondeo o Azevedo, iſſo ſó tenho eu em animaes. E o que depois adquiriria. Depois deſte homem vir taõ rico da India, lançaraõ-lhe maõ della os Miniſtros, ſem que a Fazenda Real augmentaſſe, ella ſe foi pelas mãos, e a elle o deixaraõ morrer á fome.

Porém

Porém Christo Senhor nosso diz, que ha
julgar as justiças, &c.

Sendo este homem Governador de Ceilaõ,
: cousas, que nem os Authores da antiga
›ma fallaõ em igual crueldade. Naõ deixa-
de ter qualidades boas, e governou muito
m a India; mas este castigo do fim lhe veio
Ceo. Obrigava ás pobres Indias a pizarem
as mesmas seus filhinhos em piloens, sem
e os sentidos ais daquelles innocentes, e
lorosas lagrimas das mãis, a darem golpes
ı suas mesmas almas, o enternecesse; e
;o mandava degolallas, como se lhe naõ ti-
ssem obedecido.

Mandava levantar nas lanças dos soldados
›utros, e que estivessem alli com elles, gri-
ıdo até espirarem; e costumava dizer, que
ıõ gallos que cantavaõ. Outros mandava
ıçar de huma ponte abaixo, estavaõ já taõ
stumados, que assim que assobiava, já esta-
õ com as cabeças de fóra, &c.

290 O Eleitorado de Baviera, em Alema-
ıa, tem na sua Corte Munich hum Palacio
m singularidades, como naõ tem grandes
eis. Contém este vasto edificio onze pateos,
nte grandes sallas, dezanove gallarias, duas
mil

mil seiscentas e quarenta janellas, seis Capel
las, dazaseis grandes cozinhas, doze grande
adegas, quarenta quartos unidos, trezenta
grandes cameras ricamente pintadas, e cheia
de Tapessarias. Naõ ha canto, ou sitio nest
soberbo edificio, onde naõ resplandeçaõ o
mais seletos bustos, e relevos. Porém o qu
leva mais as attençoens he a grande Salla da
antiguidades. Contaõ-se nella trezentos sin
coenta e quatro bustos, representando os fa
mosos homens da antiguidade, ou de jaspe
porfido, bronzes, ou de marmore de toda
as cores. Huma das principaes gallarias est
cheia de retratos dos famosos homens em le
tras, ou armas. Distinguem-se quatro quar
tos entre os outros, que saõ: o Real, o d
Lorena, o Imperial, e o da Eletria. Elles
communicaõ por outras tantas espantosas gal
larias bem ornadas.

O que tem mais singular he, que fizeraõ a
gallarias a través de todas as ruas, e por me
de arcos se communicaõ desde o Paço ás prin
cipaes Igrejas, e Conventos. De fórma, qu
a Corte alli póde ir secretamente, e sem car
ruagem. Já padeceo dous incendios em 1729
e 1758.

291 No ajuntamento dos rios Danubio, ov, e Iltz, se faz como tres Cidades Pasw, Instat, e Ilstat. Perto desta ultima Cide se pescaõ no rio Iltz perolas. Esta pesca rte he do Arquiduque de Austria, e outra Duque de Baviera. Cada hum delles tem us officiaes para velarem sobre seus interess, &c.

292 Em Ausburg, na Suecia, Alemanha iixa; he esta habitada por Catholicos, e Lueranos. Estes nella fizeraõ sua profissaõ em il quinhentos e trinta, a que chamaõ Conssaõ de Ausburg. Em mil quinhentos sincoen e sinco se ajustou nella a paz de Religiaõ, que se naõ inquietaria mais ninguem por ausa della.

293 O Imperador de Alemanha Henrique I. fundou o Bispado de Bamberg com muita enda, e grandes prerogativas; porque quano officia de Pontifical, tem por Officiaes os uatro Eleitores: o de Bohemia, de Saxoia, de Baviera, e de Brandeburg. O Duque le Bohemia de Copeiro Mór, o de Saxonia le grande Marichal, o de Baviera de grande Senescal; e o de Brandeburg de Camareiro Mór da Igreja.

Co-

Como o Saxonio, e o Pruſſia, abraçaraõ a Confiſſaõ de Ausburg, mandaõ hoje ſeus Officiaes em ſeu nome para aſſiſtir ás funçoens do Biſpo.

O Imperador, dando-lhe a ſoberania ao Papa, e ſujeiçaõ do Biſpo no eſpiritual ao meſmo, lhe impoz a obrigaçaõ de lhe pagar hum cenſo de hum cavallo branco, e cem marcos de prata.

Paſſados tempos, o Papa Leaõ IX. trocou eſte cenſo pelo Condado de Benevento em Napoles, que hoje poſſue a Igreja, e o Rei de Napoles paga a Aquenea do cavallo branco, e os cem marcos de prata, &c.

294 No Biſpado de Virtzburg, ha huma ſingularidade digna de ſaber-ſe. Seu Biſpo que he mui rico, tem o titulo de Duque de Franconia. Quando ſe elege algum Conego ſe faz huma ceromonia, que parece unica, e he: poſtos os Conegos em fileira, he obrigado o novo eleito a paſſar pelo meio, e tendo cada hum huma vara na maõ, lha apreſenta nas coſtas, que elle ſoffre pelo Canonicato. Eſta fórma de eleiçaõ foi introduzida para affaſtar os Principes deſte emprego, por ſe naõ ſujeitarem ao caſtigo das varas.

295 Ao meio dia eſtaõ os principaes domi-
os da célebre Ordem Theutonica, que por
da Alemanha eſtá eſpalhada. Principiou em
ruſalem, anno de mil cento e noventa. Sen-
lançados fóra de Jeruſalem, fizeraõ em
emanha varios eſtabelecimentos, principal-
ente na Pruſſia. Em mil quinhentos e vinte
co ſeu Gram Meſtre ſe fez herege, Mar-
ez de Brandemburg, hoje Rei de Pruſſia,
qual fez das terras da Ordem hum Ducado.
Os Cavalleiros elegeraõ outro Gram Meſ-
e em mil quinhentos trinta e oito, que ſe
tabeleceo na Franconia, &c.

Alguns dos Cavalleiros ſaõ Proteſtantes;
as o Gram Meſtre ſempre he Catholico.

296 Dizia o Cardeal Rechelieu a Luiz
III.: devem-ſe eleger Biſpos os mais humil-
es, caritativos, que tenhaõ ſciencia, piedade,
imo forte, zelo ardente para a Igreja, e
lvaçaõ de ſuas ovelhas. Que ſaibaõ bem ſeu
fficio. Porque ſe para os minimos officios
ſtaõ huns poucos de annos a aprendellos,
ie fará o mais importante, e difficil do
lundo? Confeſſo, Senhor, que muitas ve-
es fui enganado neſſas eleiçoens, e que he
aſi impoſſivel penetrar o interior do homem,

e co-

e conhecer ſua inconſtancia ; porque os ha taõ
deſtros , que moſtraõ hum excellente exte-
rior , e depois ſahem lobos com pelles de
ovelhas. Quando os achaõ na miſeria , naõ
tem outro cuidado que darem apparencias de
boas qualidades , que naõ tem ; mas tanto
que chegaõ a algum emprego , naõ tem entaõ
vergonha de moſtrarem as mãos , que tiveraõ
cuidado de occultar , &c.

297 No Imperio de Fiderico III. em mil
quatrocentos ſetenta e ſete ſe encontraraõ na
Saxonia humas minas de prata , e nellas huma
prodigioſa quantidade della , de huma groſſu-
ra , que pezou quatrocentos quintaes. O Du-
que quiz vella , e deſcendo abaixo , fez pôr
meza ſobre ella , e comeo , e diſſe por galan-
taria para os ſeus. » O Imperador Fiderico he
» hum grande Senhor , mas vós naõ negareis
» que a minha meza vale mais que a ſua. »

298 Os deſcendentes de Carlos Magno
poſſuiraõ a Alemanha deſde quatrocentos e oi-
tenta com o titulo de Reino , até novecentos
e onze , que morreo Luiz III. ſem filhos. En-
taõ ſe fez electivo , e o primeiro que foi elei-
to , e tomou o titulo de Imperador , he Con-
rado. Contaõ deſde elle até Jozé II. ſincoenta

e ſin-

nco Imperadores. A Casa de Austria tem a mais poderosa, e a que tem tido mais peradores, e com força para rebater o fudos Turcos.

Os Eleitores eraõ oito; porém o Impera-Leopoldo fez em mil seiscentos noventa e s hum de mais, que he o Principe de Bruvick Duque de Hannover, hoje Reis de aterra.

Saõ os referidos Eleitores tres Ecclesiasti- O Arcebispo de Moguncia, que he Ar-Chanceler para Alemanha, e Director dos uivos do Imperio. O Arcebispo, e Prin- de Colonia, que he Arqui-Chanceler pa-talia. O Arcebispo, e Principe de Trévi- que he Arqui-Chanceler das Gallias. O ohemia, que he Copeiro Mór do Imper. O Duque de Baviera, que he Gramtre Salla, e leva na coroaçaõ do Impera-o bastaõ de ouro. O de Saxonia, Gramichal, e leva a espada do Imperador. O quez de Brandemburg (hoje Rei de Prus- Gram Camareiro Mór, e leva o sceptro. alatino do Rheno, Thesoureiro Mór, e a coroa de ouro.

Quando o Imperio está vago, e naõ ha

Rei dos Romanos, o Eleitor de Saxonia,
o Palatino saõ Vigarios do Imperio. O Ele
tor disputou muito tempo este emprego ao
Baviera, por fim se ajustaraõ que governa
sem alternativamente.

O Imperador, como tal, tem muito pou
renda, e naõ tem alguma Cidade que l
pertença; por cuja razaõ sempre tem tido
uso de elegerem os Eleitores hum sogeit
que possa defender o Imperio da invasaõ d
Turcos, por cuja razaõ se tem conserva
muitos annos na Casa de Austria, e vai con
nuando.

Toma os titulos de sempre Augusto,
Cesar, e de Sacra-Magestade.

Os Negocios do Imperio só se termi
nas Assembéas, ou Dietas, em que os E
tores, ou seus Ministros saõ obrigados assis
Com a assignatura do Imperador tem as
Dietas força de Lei. Só elle tem direito d
convocar, e mandar a ellas seus Commissa
para presidirem em seu nome. Elle tem o
reito da invistidura dos Feudos, que se ac
vagos, por dous modos, ou por falta de l
deiros, ou confiscaçaõ, em caso de rebel

Estas Dietas saõ compostas de tres C
po

s: dos Eleitores, dos Principes, das Ci-
dades livres, ou Imperiaes.

Estes Eleitores saõ Soberanos nos seus
Dominios. Com tudo ha alguns casos em que
delles se appella para dous Tribunaes que ha,
e saõ a Camera Imperial de Spire, no cir-
culo do alto Rheno; e outra o Conselho Au-
lico. Estes dous Tribunaes julgaõ só da No-
breza, a que chamaõ Imperial; porque só do
Imperador depende. &c.

A Eleiçaõ do Imperador se faz na Cidade
de Francfort, e a Coroaçaõ em Ratisbona. O
que deve ser Imperador, he eleito primeiro
Rei dos Romanos. &c.

299 Singularidade de hum lago de quatro
leguas de comprido, e duas de largo; he na
baixa de Carinthia, pertencente ao Impera-
dor, e perto da Cidade de *Czirnitz*. Elle dá
muito peixe, muito trigo, e muita caça;
em a ser. Muitos regatos, que nelle se met-
tem no Inverno, lhe fazem criar abundancia
de peixe: vindo o calor, se secca, e lhe se-
meiaõ trigo, que o produz em breve; porque
está muito bem estercado. Depois cria muita
herva, a que acodem muitos animaes, em
que os caçadores se cevaõ. &c.

300 Na Carinthia alta, ſe nota em Ponteba, Praça que divide os Eſtados Auſtriaco dos Venezianos, e he a melhor paſſagem do Alpes, por huma famoſa ponte. Parte do Auſtriacos, e parte dos Venezianos do Triu! Aqui vai a nota, e he que ſaõ os habitante ſó ſeparados deſta Cidade pelo rio Tella, ſaõ taõ contrarios nos coſtumes, que até n edificar o ſaõ; porque ſendo da parte dos Ve nezianos a ponte de pedra, da parte dos Au ſtriacos he de madeira &c.

301 Trento, no Tirol, onde ſe princ piou o Concilio ultimo, em mil quinhent quarenta e ſinco, e acabou em mil quinhe tos ſeſſenta e tres, eſtá nos confins de Itali e Provincia do Tirol, que divide Alemanh de Italia. Seu Biſpo he Principe do Imperio e Senhor della, debaixo da protecçaõ da C ſa de Auſtria. Tem dezoito Conegos, do Alemaens, e ſeis Italianos.

Nas Aſſembléas do Tirol tem hum Env do, e contribue, quando nellas ſe julga u ás preciſoens do Eſtado. Eſtà eſta Cidade bre o rio Adige. Na Igreja de Santa Ma Maior, que he muito grande, e bem ornad he que ſe celebrou o ultimo Concilio, &c.

Ci

Célebre carta, que huma Donzella escreveo ao Rei da Prussia.

DIgnai-vos, Senhor, perdoar a audacia de huma pobre Donzella, que de vós mplora huma graça. Ouvi o meu peditorio om a bondade que vos he taõ natural, que e deleita em fazer as creaturas felices. Fa-ei-me pois, ó melhor dos Reis, o dom e hum estabelecimento nas novas Colo-ias. Eu hoje sou pobre, e desafortunada; as se vós, grande Rei, despachais a mi-ha humilde supplica, eu naõ trocaria a inha sorte por qualquer vivente. Entaõ eu scolheria hum honrado mancebo que me uizesse amar, e viviria commigo os dias elices em a terra de meu bemfeitor, e de eu Rei.

» Todas as manhaás eu pedirei por vós ao upremo Senhor, que vos conceda a boa ude, e as mais doces satisfaçoens. Po-eis muito bem, Senhor, realizar o sonho e minha futura felicidade; deixai-vos a-rándar, meu Soberano, fazei o que eu esejo; eu abraço vossos joelhos. Eu vos nportunarei até que me concedais o que

» im-

» imploro, e digais, eu o quero. Falta-m
» tambem pedir a graça, e meu perdaõ pc
» esta temeraria carta, que sem a commun
» caçaõ de alguem, e meu proprio movimer
» to tenho tido o arrojo de pôr a vossos pé
» Vossa decisaõ, grande Rei, qualquer qu
» ella seja, espero com o profundo respeito
» e alta veneraçaõ, que convem a *Henriet*
» *Muller. Mecklembourg Schwerin.* 11 (
» Maio de 1782. »

Sobre esta carta foi Sua Magestade Prussia
servido responder o seguinte.

» MEu amado Conselheiro do Estado
» Werder. A minha intençaõ he, q
» tanto que *Henriette Muller* se casar c
» hum honrado homem, lhe seja assigna
» hum estabelecimento nas novas Coloni
» para responder á sua taõ natural, e taõ sig
» ficante carta. Tomareis nisso cuidado
» tempo, e lugar, e a informareis, esperar
» minhas graças, e intençoens a esse resp
» to, &c. »

Eu sou . . . . *Frederico*. Postdam 27
Maio de 1782.

Es

Esta sincera Donzella achou hum excel-
te homem com quem casou. Foraõ-lhe
gnados pelo Ministro dito noventa geiras
terra de lavrar, huma casa nova, com gran-
, cavalherices, e curraes cheios de gado,
.. Correio de Europa, de Junho de 1782.

302 Dizia hum... Que qualquer homem
inquente, por maior que seja seu crime,
nsiderado como humano, e propenso para o
l, he digno de toda a piedade. Correio
Europa, de Maio de 1782.

303 Indo o Rei de Suecia, debaixo do
me de Conde de *Gothland*, fazer huma via-
m a *Petersburg*, a Imperatris da Russia lhe
z os mais brilhantes obsequios, que se pó-
considerar. Presenteou-o aquella Soberana
m o que se segue. Huma exquisita porçaõ
pelles de rapoza negra, as mais estima-
s, que valiaõ sessenta mil cruzados. Hum
ignifico sortimento de todas as fabricas da-
elle Imperio, de hum grande preço. Hum
rviço de meza, de perçolana, avaliado em
nta mil cruzados. Huma bengala com pomo
ouro guarnecido de brilhantes. Huma ban-
, bordada de perolas finas, avaliada em
nto e trinta e dous mil cruzados. Huma

Cruz

Cruz da Ordem de Santo Alexandre *Newski* de que a Imperatriz tinha uſado, ſobre a qua ha hum brilhante, avaliado em cem mil cruzados. A todos os Senhores de ſua cometiv regalou igualmente. Fez ſeus regalos aos Officiaes da embarcaçaõ, e mandou diſtribu pela equipagem da Galleria dez mil cruzado

O Conde de Gothland, retribuio á gene roſidade da Imperatriz, com os preſentes ſe guintes. Hum ſoberbo adereço, com o retra to do Rei, e guarnecido de hum brilhant Robim Oriental, do tamanho de hum ov pequeno de gallinha, o qual pelo ſeu reſplan dor, grandeza, e qualidáde, he a ſegund pedra de ſua eſpece, que ſe conhece na Eu ropa. Regalou ao Gram Duque, e Grand Duqueza, e a todos os Senhores do ſerviç da Imperatriz, &c. No mez de Setembro d 1777. Gazeta da Aaya.

304 Os Calveniſtas fizeraõ em França hu ma notavel guerra contra os Catholicos. M o Duque de Anju Irmaõ do Rei Carlos IX., General dos Catholicos, derrotou inteirame te o Almirante Coligne, Commandante do Calviniſtas, em Mirdlais, anno de mil qu nhentos ſeſſenta e nove. Neſſe meſmo ann

ven-

nceo ao principal cabeça dos Ognotes, o
incipe de Condé, ao qual matou com ſuas
oprias mãos, o Capitaõ da Guarda do Du-
e de Anju, &c.

305 Em certa occaſiaõ, diſſe o demonio,
r boca de hum energumeno, ſendo elle pai
mentira, huma verdade, e foi. Que já te-
riſcado da memoria dos homens a Fé de
riſto, embrulhado o genero humano, e
abſolutamente Senhor do Mundo, ſe Deos
naõ defendera tres couſas. Que era o bo-
na Sagrada Eſcritura, falſificar Cartorios,
lar dinheiro. No meſmo tempo hum ſogeito
e eſtava preſente, lhe procurou pór curioſi-
de, ſe o Rei . . . era vivo? Para que que-
s hum Rei, tendo hum que vos governa?
dinheiro he o Rei mais poderoſo, pois tu-
lhe obedece.

306 Querendo certo Mordomo Mór de
m Rei conferir hum Alvará de Nobreza a
m pertendente, parece lhe fàltavaõ todas,
parte das qualidades requiſitas, com tudo o
onarca, o mandou deſpachar. Advertindo-
e pois ſeu Secretario a difficuldade, o Rei
ſcretiſſimo, lhe reſpondeo. Bem advirto o
e dizes, e o que diraõ; porém pergunto,

que

que quer efte homem? Quer fer honrado
Ora deixa-o, que boa carga leva.

Na verdade diffe optimamente; porque en
tre todos os martyrios que ha nefta vida, h
a honra o mais fenfivel de todos. Se naõ con
feffe-o a mifera profiffaõ da arte Militar, or
de a troco de fe confervar a negra honra
quantas vezes lhes tem vendido gatos por le
bres! Ha de ver vir a balla, e naõ fe ha d
abaixar, porque he honra, que o paffe d
parte a parte! Haõ de faltar contra elle tres
ou quatro, e naõ ha de fugir, porque h
honra fahir em quartos da maõ de feus inim
gos! Devem pôr a vida, e eftragar a faude
por quem já mais os vio, ou o viraõ, e fina
mente, por quem lho naõ agradece, que h
a maior loucura! Em tudo haõ de preferir
fua vontade ao gofto alheio; porque he ho
ra cortar por fi, como fe naõ baftaffe o qu
por mim cortaõ os outros! Em fim taes do
dices nos tem mettido na fantezia a malva
reputaçaõ, e taes loucuras nos tem feito cre
que quanto quizerdes ter de honrado, tan
tereis de martyrizado. &c.

307 Quem mais duvida, mais aprende
porque duvidando a coufa, obrigo ao que

diz;

d ; que a fuftente , e declare em meu benefio , e fem lhe ficar obrigado , e elle fem a vaidade , me enfinou , &c.

308 He ordinariamente tentaçaõ de homens bizonhos que vaõ para Governos , lançarem-fe imprudentemente de repente no melhoramento do Eftado ; e depois fe achaõ como aquelles que fazem obras fobre paredes velhas , que ao primeiro trabalho daõ com tudo de aveffo. Por effa caufa hum célebre Miniftro , quando defpachava para Governo a alguem , lhe advertia logo : lembro-vos , que Sua Mageftade naõ quer a fua Provincia , Praça , Cidade , &c. melhor do eftado em que o achardes.

309 Dizia . . . Que os Principes , que ouvem para naõ apurarem o que ouvem , parece que fe deleitaõ com o mexerico , ou da malicia , e fe aborrecem da emenda : porque em qualquer calumnia hum de dous devem fer emendados ; ou aquelle contra quem fe fez a queixa , fe he verdadeira , ou o que a faz , fe he falfa. Porém ver queixumes , impofturas , accufaçoens , fem ver cutélos , defterros , e cordeis , he obfervar coufas contra toda a razaõ , e Lei Divina , de que os Soberanos

nos haõ de dar ſoberana conta ao Juiz Supremo, &c.

310 O ouvir dos Reis; ſó deve ſer de propoſito áquellas peſſoas a quem compete avizallo e muito acaſo ás outras, a quem de ordinario naõ o zello, mas o odio guia. Ouça muito embora o Principe a todos, com condiçaõ que a todos conheça; e ſe a todos naõ conhece, ouça ſó os bons, e os que tem nomeado para ſerem delle ouvidos. Menos inconvenientes he diante de hum Principe o elogio ſem cauſa, que a detracçaõ ſem juſtiça. Ouça o Rei com pezar as culpas alheias, e ſó dè do achado de ſua noticia, a ſua melhora; porque quem ouve com feſta, e agrado a falta alheia, lá moſtra ſua eſpece de impiedade (pois todos cahimos nellas) ou ſupponho que ſe ſatisfaz que haja culpas, que punir, ou onde eſconder as proprias. Sendo o mal dizer perigoſo, e penivel. Ainda naõ faltaõ mal dizentes, que fará ſe for aceito, e premiado dos Principes, &c.

311 Dizia hum... Que o Governador, que quer acertar com prudencia, naõ cuide, nem dè a crer a ſeus ſubditos, que vai a ſer ſeu amigo, ou inimigo, ſenaõ ſeu Governador.

De

I tal fórma o faça, que fóra das funçoens d seu cargo, pareça que tal homem alli naõ e á. De naõ ter amigos, se segue o naõ ter i nigos. Isto importa muito. Seria menor n l ser inimigo de alguns, que ter por amig a muitos; porque sendo de alguns inimig, quando muito fará fazer mal a esses alg ns, de que for inimigo: e o ser amigo de n itos, o obrigará a fazer muitos males, por e es seus muitos amigos. O que he mais nociv nos Governos saõ parcialidades, &c.

112 Conforme o axioma assima, mais se de dizer degradar, que despachar a hum G overnador, principalmente aos de Ultramar; rque sobre malquisto, fica intratavel, e bre. Antes lhe devem pagar os perigos dos ıres, desconto da viagem, incomodos dos mas, ausencia da Patria; e se for necessa-, até as saudades da mulher, e filhos, por r justo que a terra sustente, e accommode a ıem a rege, e defende.

Mas deve-se advertir que muitos poem cé-mente sua inteireza em naõ tornarem; boa ra esta izençaõ, se fosse perfeita: mas que ıporta se pelo amo, que naõ toma, pilha o iado, o amigo, e o intermetido, de modo,

que

que andando muitos a tomar, naõ ha coul
que escape por aquella regra, que de agu
encanada naõ se desperdiça gota, e da esp
lhada nenhuma se aproveita; e o peior he qu
estas taes tomadas miudas saõ as que mais
sentem, e menos valem. Pelo que men
molesto será ao Estado, hum regalo, hu
presente, que ao Governo se faça, que na
o continu-o estalecido que está correndo, di
fundindo para varios introduzidos na valia. E
te o forte sistema do bom Governador, qu
lhe será de honra, e proveito, &c.

113 O nome Grammatica, se diz da Gr
cia, porque os Gregos usaraõ no fallar dest
modos, e dividiraõ seu idioma em quat
classes: das quaes a mais sublime, regula
e concertada, era a dos Atticos, por ser e
seu districto a Universidade de Athenas, q
lhe deo o nome, como por exemplo, se di
sessemos; que se fallava em Coimbra ma
elegante, que em outra parte, naõ menti
mos. Logo porque os Gregos chamaõ á let
Gramma, juntando-se estes dous nomes
Gramma, e Attica, fizeraõ este nome com
posto, Grammatica, que he o mesmo que letr
dos Atticos. Alargando-se depois com o tem
po

, veio a significar o regulado estilo de fal-
, e escrever, &c.

114 Dizia hum bom juizo, que nunca o
undo era mais injusto, senaõ quando para
ns havia justiça, e para outros naõ.

315 Accrescenta mais o mesmo. Abstrahi-
o mundo de justiça, e razaõ, he inferno;
) Supremo Senhor naõ creou o mundo para
), senaõ para mundo, onde eu retenha os
mens, e apascente, que creou para o Ceo.
: como, se faltasse qualquer fruto da terra
m anno, e no seguinte houvesse abundan-
ı, mas corrupto, e pestilente. Por cuja cau-
os antigos pintavaõ a justiça virgem, para
notarem á pureza, e limpeza della.

Mas agora geme debaixo do tyrannico ju-
dos odios, paixoens, parcialidades, e in-
resses, em lugar desses generosos, e santos
fectos, &c.

316 Dizia hum Discreto. Que todos os
:ulos de ver ao longe tem dous vidros diffe-
:ntes, hum que faz as cousas grandes, e ou-
as mais pequenas. Os Principes sempre veem
; acçoens de seus Vassallos de longe, por
aver grande distancia da Magestade á plebe.
.quelles que junto dos Reis tem valimento,
saõ

saõ estes os oculos, ou que lhos ministraõ humas vezes lhos mostraõ com o vidro grande para os olhos, entaõ tudo o que veem he muito meudo, e pequeno; isto succede quando lhes daõ a ver as culpas, e defeitos de seus amigos; porém quando os merecimentos, e virtudes voltaõ destramente o oculo, e lhes parecem as minimas cousas elefantes; mas tudo ao contrario se executa, quando lhes mostraõ as obras dos que naõ gostaõ, &c.

117 As Leis penaes mais se fizeraõ para terror, e escarmenro, que para castigo, e para os homens se emendarem, e outros se absterem de cahirem em igual culpa. Deve-se advertir, que a justiça do Principe he diversissima da do Juiz; a este naõ toca mais que executar a Lei, e ao Principe o mandalla executar no modo mais conveniente, que vem a ser o moderalla, declaralla, interpretalla, suspendella, e ás vezes revogalla; porque elle he Senhor da Lei, e Lei viva sua alma. Ao Juiz pois compete fazer justiça com constancia, e ao Soberano com providencia: porque talvez succede que hum crime será mais damnoso notificado pela puniçaõ, que obrado pela malicia, ou fraqueza: como aconteceo a certo Ministro

ro, que fallando ao Monarca para que caſ-
ſſe certa culpa occulta, eſte lhe reſpon-
: » maior que ella, fora a minha culpa, ſe
ı pelo caſtigo a manifeſtaſſe, eſtando ſe-
eta. » Naõ faltaõ meios de ſe comporem
ouſas. Além de que, naõ ſe póde negar,
a Clemencia ſeja virtude certa; e ſendo-o,
uſto exercitalla, e ſe naõ póde fazer me-
em a empregar, que com os benemeritos,
Certo Author.

ı8 Dizia hum; que com beneficios,
, e agrados, naõ obrigamos tanto, co-
leſobrigamos com hum ſó mal, &c.

6 Dizia hum; que a cada Audiencia a
aſſiſtia (era Miniſtro) ſe lhe perdiaõ vin-
ıapeos, por dez ſentenças que dava, por-
os que as conſeguiaõ, como a naõ haviaõ
miſter, o abandonavaõ; e os que as le-
õ contra, muito peior.

o Nunca ninguem ſe obrigue a fazer
amizade por outro, do que delle ſe póde
rar, que faça por ſeus amigos. Aqui vem
uado o que diz Sá, e Miranda: *Quando te
niſter es ſeu: quando o has miſter es teu.*

ı No tempo que os Reis de Heſpanha,
pes, dominaraõ eſta Monarquia, houve

hum famoſo homem ſábio, D. Franciſco M
noel de Mello, e eſtando prezo na Torre v
lha, da outra parte do Téjo defronte de B
lem, compoz os livros ſegúintes, iſto h
parte delles. 1. *Politica Militar, em aviſos*
Generaes. 2. *Movimentos, ſeparaçaõ, e gue*
de Catalunha. 3. *Ecco Politico.* 4. *Maior*
queno. 5. *Primeira parte del Phenix de Afric*
Agoſtinho Filoſofo. 6. *Segunda, Agoſti*
Santo. 7. *As tres Muſas.* 8. *O Panthe*
9. *Carta de guia de Caſados.* 10. *A con*
dancia Mathematica. 11. *Antigas, e mo*
nas Hypotheſes. 12. *Labiryntho do form*
he huma Comedia. 13. *Os ſecretos bem g*
dados, ſegunda Comedia. 14. *De burlas*
ze *amor veras*, terceira Comedia. 15. *La*
poſſible, tragedia imperfeita. 16. *As fin*
mal logradas, Novella. 17. *Verano en*
tra, Novella das Novellas. 18. *O Entre*
de los Entremezes, Farça. 19. *D. Eſta*
Entremez. 20. *O Fidalgo Aprendiz*, Fa
21. *La caza de la fama*, Panegyrico. 22
Epiſtolas Portuguezas, com ſeis centuria
Cartas. 23. *As tres Muſas Portuguezas.* 24
ultimas tres Muſas Caſtelhanas. 25. *Art*
labiſtica. 26. *Arte Simbolatoria, e Tra*

s insignias Religiosas, Militares, e Politi- . 27. A Arte de escrever cartas. 18. Di- ria Sacra. 29. Espiritos Morales. 30. Da- l o Christaõ. 31. Alexandre, e Tobias. . As Cortes da razaõ. 33. As verdades pin- las. 34. Vida del hombre, e historia imper- ta. 35. Juizo de las maravilla de la natura- za. 36. O Gram Theodosio II. Duque de Bra- nça. 37. El Cesar de ambos Mundos. 38. O cito Portuguez. 39. Aparato Genealogico Reis de Portugal. 40. O livro de ouro. . Las disculpas del occio. 42. O Compendio expedientes. 43. O Tratado da verdadeira izade. 44. As Relaçoens historicas da expe- aõ dos Lusitanos na America. 45. Das al- açoens de Evora. 46. Descubrimento da Ilha Madeira. 47. Do Naufragio da Armada rtugueza. 48. Das batalhas do Canal. . Das novas Embaixadas do Oriente. 50. Do igresso Militar dos Parlamentarios, e Rea- as. 51. Os Manifestos do assassinamento al. 52. Dos primeiros inventos das Armadas Companhia do Commercio. 53. Da recupera- de Pernambuco. 54. A Estrea providente, satisfaçaõ aos confederados. 55. Dialogos oraes. dos Relogios fallantes, Cruzados,

Apolo, *e Neptuno*, &c. 56. *Escritorio ava*
rento. 57. *Visita das fontes.* 58. *Feira dos An*
nexins. 59. *O hospital das letras*, *que de todo*
mais se estima, *e outros mais*, &c.

Depois de seis annos de prizaõ, diz te
escrito mais de vinte e duas mil Cartas, &c.

322 Os Legisladores, que primeiro aos po
vos escreveraõ Leis, foraõ. 1. Moisès ao
Hebreos. 2. Solon aos Athenienses. 3. Ph
ronio aos Gregos. 4. Mercurio aos Egypcio
5. Numa aos Romanos. 6. Minos aos Cr
tenses. 7. Licurgo aos Lacedemonios. 8. F
lon aos Thebanos. 9. Apollo aos Arcade
10. Plataõ aos Magnesios. 11. Zoroastres a
Bricianos. 12. Deucalion aos Delphicos. 1
Saturno aos Italianos. 14. Phindon aos Cori
thios. 15. Hypodamo aos Milezios. 16. Z
nocrio aos Scitas. 17. Bello aos Calde
18. Falsas aos Cartaginenses. 19. Os Ma
aos Persas. 20. Os Druidas aos Gallos, &

323 Dizia certo Author. Que o Préga
se deve portar com modestia, com igualdac
arte, e inteireza, como se o pulpito foss
proprio Confissionario Sacramental. Este p
pito he Confissionario Moral, com a differ
ça, que no primeiro se dizem as culpas

e

o feguddo no-las dizem. No primeiro nos
:ufamos em fegredo, e no fegundo no-las
rehendem em publico. Neffe lugar deve a
dade, zelo, e inteireza, derramar-fe fo-
: os vicios publicos, e applicar-lhes os oleos
tos da fua reprehenfaõ, e feja difcreta; de
te que fiquem modificados os vicios do
ndo, e naõ inculcados, e corridos antes,
: manifeftos, &c.

24 Na fua idéa de hum Principe Politico
tteo Saavedra huma falfa, e peftilente prc=
içaõ, e he. Perfuadindo, enganadamente,
Reis, que na vida fe façaõ temidos, fe
tenderem fer amados, e obrem de tal for-
que comecem a fer amados na morte,
ndo acabarem de fer temidos na vida; co-
fe foffe poffivel fer amado por fuas virtu_
depois de morto, quem vivo, por fuas ri-
idades, foi odiofo, &c. A tal obra anda
Latim, mas traduzio-fe em Francez, e
iano.

25 Dizia... Que nos Principes as la_
nas eraõ como as do Crocodilo, que chora
ois de haver comido o homem. Chorou
xandre, por naõ haver mais mundos que
quiftar. Chorou Cefar na morte do grande
Pom-

Pompeo, e foi de alegria, fingimento, e hy
pocresia, por se ver livre daquelle obstaculo
e acerrimo competidor, e se fazer amar d
povo Romano, e chegar á dignidade de Im
perador, &c.

326 Sendo General das Tropas de sua Cu
nhada, a Imperatriz Rainha de Ungria,
Principe Carlos de Lorena, mandou á Cort
de Berlim huma partida, que naõ he forte
estando o Rei da Prussia em campanha cont
o mesmo Principe dito. Nomeou o Princi
para commandar esta partida ao General Ha
dick, com hum corpo de Tropa, que n
passava de tres mil homens, Cavallaria,
Granadeiros.

No anno de 1757 chegados a Berlim,
postaraõ nas partes mais essenciaes da Cid
de, e mandou o General hum Trombeta
Senado, com ordem que dentro de huma ho
devia pagar huma contribuiçaõ de trinta n
cruzados, se queria salvar a dita Cidade da
lhagem dos soldados. O Governador da C
te se picou da ordem ir encaminhada ao Se
do, e naõ a elle, e de proposito deteve
Trombeta até expirar a hora proposta.

O que observado pelo Commandante, f
labc

orar humas peças de campanha, que logo
ꝛraõ alguma perda, e arruinaraõ huma pon-
evadiça, e avançou a Cavallaria, e Gra-
leiros por outras, e com debil reſiſtencia
apoderaraõ da Cidade. A que acudio logo
'reſidente do Senado, que quizeſſe ſua Ex-
lencia ter a bondade de aceitar hum donati-
, e huma porçaõ para pagar á Tropa, e
ntaſſe a dita Cidade do ſaque. Neſte meio
ıpo a Familia Real ſe ſalvou por huma por-
occulta. Aceita a propoſta, os Magiſtrados
) poderaõ ajuntar no breve eſpaço que ſe
: dava mais que cento e oitenta e ſinco mil
zados, que foraõ aceitos, porque veio no-
a, que vinha hum corpo ſuperior em ſoc-
ro de Berlim, mandado pelo Principe Mau-
o *Anhalt Desſau*; e naõ lhe reſtava ſe naõ
er ſua retirada com brio, honra, e gloria,
haver derrotado a Corte do maior ſoldado,
e vio o mundo, e com formidaveis exerci-
: em campanha. Antes de partir fez derro-
humas fabricas de pannos, pertencentes
Monarca; huma fundiçaõ; botar no rio
ıitas peças, ballas, e granadas. Tinha
ındado logo vinte e ſinco machos carregados
cobre. Levou quatrocentos e vinte e ſeis
pri-

prizioneiros, e outras muitas coufas. E fe
com tanta ligeireza fua derrota, que no pr
meiro dia fez doze leguas. Nefta prefteza h
que confiftio fua felicidade; pois tudo ift
executou em oito horas. De forte, que quai
do o Principe dito chegou com o foccorro, f
fervio de teftemunha do eftrago. Sem ma
perda, que a de nove homens; em que ei
trou o General Baboczi, e vinte e oito fe
dos, &c.

327 Vindo hum Exercito de Mofcovitas
anno de 1760, em foccorro da Imperatriz Ra
nha de Ungria, de repente cahiraõ fobre
Corte do Pruffia, andando elle em campanl
com grandes Exercitos; que caufaraõ hu
formidavel eftrago, que a refpeito do que
Auftriacos affima fizeraõ, o deftes ultim
naõ foi nada, digamos affim.

Logo o Commandante, por livrar a Cid
de do faque, exigio huma contribuiçaõ
quinhentos mil cruzados, os quaes pagar
em letras de Cambio: mais duzentos mil cr
zados de donativo ás Tropas. Hum milhaõ e
dinheiro do Thefouro Real, feffenta peç
de artilharia groffas, hum grande numero
pequenas de varios calibres, armas para vin
mi

l homens, o outras muitas muniçoens: hu-
ı fundiçaõ, e moinhos de polvora foraõ in-
iramente arruinados. Levaraõ prezos tres
ɔroneis, hum Tenente Coronel, cento e
nta Officiaes, e quatro mil ſoldados, &c.

Raridade da Natureza.

328 Em huma Provincia de França, Fran-
e Conté, ha huma aldeia ao Oriente do
ocol, principal Cidade, a qual aldeia ſe
ıama *Leugne.* Tem pois eſta huma ſingular
verna de eſpaço de vinte e ſinco pés de pro-
ndo, e vinte e ſinco de extenſaõ. He eſta
ıma caſa de neve da maior abundancia, que
póde imaginar, donde ſe tira mais neve em
ım dia, do que ſe poderá tirar em oito dias
outros abundantes poços della. De ſua
ɔobeda pendem grandes pedaços de gelo,
ıe fazem boa perſpectiva aos curioſos. A
ıaior parte deſte gelo lhe provém de hum pe-
ueno regato, que occupa huma parte da ca-
erna, e eſtá de Veraõ congelado, e de In-
erno corrente. He o reportorio certo dos
amponezes; porque já eſtaõ cerros na obſer-
açaõ, que ſahindo da cova nevoas, he in-
allivel o dia ſeguinte chover, &c.

329 Na Próvincia de Bezanço, e Cidad de Ormans, ha hum ſingular poço, que cho vendo chuvas fortes, tresborda, e lança hun peixes, a que chamaõ Umbres, ſendo mu longe do mar.

330 Tambem na Provincia de Ferez, jun to á Cidade de S. Galmier, na Frãnça, h huma ſingular fonte, cuja agua tem goſto d vinho, e lançada nelle pouco o enfraquece Os habitantes uſaõ della para ſe purgarem, de formento para levedarem o paõ, &c.

331 Expondo a hum prudente Rei, qu certos homens eraõ atrevidos, e mereciaõ deſterro, por haverem tido a audacia de ſary rizarem a Sua Mageſtade. O ſábio Rei diz » Iſſo ſeria accreſcentar lenha ao fogo, e ſe » ria infamado entre gente eſtrangeira; quar » to mais, que elles o fazem por dous mot » vos, ou por verem a minha paciencia, o » porque emende a minha vida: Quanto a » primeiro, ſe em mim naõ ha o que elles m » impoem, em os naõ caſtigar, ſe exper » menta o meu ſoffrimento; e ſe ha, tenh » que lhes agradecer, pois procurarei emer » dar minhas deſordens. » Que ſábia, e adm ravel repoſta taõ pouco no mundo praticada &c.

332 O Infante D. Pedro, filho do Rei D. .õ I., foi Principe sábio, e virtuoso. De-s de seu Pai tomar aos Mouros Ceuta, fez ma longa viagem; pois esteve em Jerusa-n, foi á Corte do Gram Soldaõ do Egypto, cujo Monarca recebeo grandes honras, e divas. Igualmente as recebeo do Gram Tur-, em cuja Corte esteve; donde passou a oma, em que residia Martinho V., que o cebeo com affecto Paternal. Em todos os incipes de Italia encontrou igual benevolen-, generosa liberalidade, e estimaçaõ.

Passou depois a Alemanha, Ungria, e acia. Servio o Imperador Sigismundo nas ierras contra Turcos, com tal valor, e scien-ı Militar, que o Monarca lhe fez doaçaõ de arca Travisiana, na Italia, donde tomou o me de Marquez de Travizio.

Passou a Inglaterra, onde reinava seu Tio enrique IV., que o recebeo com pompa, e Iagestade. Fello Cavalleiro da insigne Ordem a Jarreteira. Voltou por terra para este Rei-o, vindo por Aragaõ, e Castella, ainda quelle Reino estava separado.

Morrendo seu Irmaõ D. Duarte, e dei-ando hum filho, elle governou o Reino com

muito

muito acerto, e prudencia, por ſer o ſobi
nho menino. Depois o caſou com huma fill
ſua, e lhe entregou o Reino, e ſe foi viv
para Coimbra, de que era Duque. Como
Rei era rapaz, e gente mal intencionada,
talvez que caſtigada por ſeus delictos, ſe ap
deraraõ delle de tal ſorte, que o odearaõ,
azedaraõ tanto contra ſeu Tio, e Sogro, q
mandando-o chamar a Coimbra, e vindo ell
com quatrocentos homens de ſua equipagem
o foi eſperar ao ſitio de Alfarrobeira, e alli
matou, e o que mais admira a cegueira d
quelles malvados, he eſtar aquelle taõ exce
lente Principe tres dias inſepulto, tendo ſe
Genro Rei, e ſua Filha Rainha! Poſto qu
entrando depois o Rei D. Affonſo V. a ter ma
conhecimento das couſas, conheceo o granc
erro que havia commettido, e fez caſtigar ac
que o induziraõ, &c.

333 No anno de 1760 Appareceo na Un
verſidade de París hum menino de ſinco ar
nos, que foi o aſſombro, e paſmo de tod
París. Era filho de Mr. de S. Paul, Cirurgia
mór do Hoſpital de Oſtendè, e tinha naſcid
em Montpiller. Chama-ſe Hypolito de S. Pau
lo.

O

O que fez toda a efpectaçaõ foi o antici-
do difcurfo, e viviffima intelligencia, com
e a natureza ornou huma taõ tenra idade;
is fendo introduzido na Academia, fe lhe
eraõ perguntas na lingua Latina, na Hifto-
Sagrada, e profana, antiga, e moderna;
Mithologia, Geografia Chronologia, Fi-
fofia, e Elementos Mathematicos. Refpon-
o a tudo com tanta promptidaõ, e viveza,
mo fe fora hum homem feito. De forte que
Academia de París, igualmente a de
ontpiller, e a de Leaõ, lhe paffaraõ honro-
s atteftaçoens de feu faber, &c.

334 No ano de 1761 o Engenheiro Mr.
aurent, Cavalleiro da Ordem de S. Miguel,
ventou hum artificial braço, com tal pro-
rçaõ, que havendo no Hofpital dos Invali-
s de París hum foldado, que lhe naõ havia
cado da guerra mais que hum pequeno coto
o braço, com efte artificial come, bebe,
ma tabaco, e efcreve. Sabendo Luiz XV.
efte invento, o quiz ver, e lhe foi o dito
ngenheiro aprefentado, e á Familia Real,
quem o Monarca honrou, e premiou, lou-
ando hum taõ nobre invento, que de alguma
orte alivia a natureza, e foccorre ás defgra-
ças

ças da guerra, &c. A Academia o examinou e lhe fez honrosos elogios, &c.

335 Indo, em Escocia, hum defunto enterrar, anno de 1772, com o acompanh mento de sessenta pessoas, ao passarem p hum sitio, que estava gelado, julgando o p deria sustentar, se metteraõ a elle; poré faltando este, e o lago era profundo, tod foraõ acompanhar o defunto por toda a eter dade, sem hum sequer escapar, &c.

336 No Bispado de Huxerra, em Berg nha, ha huma célebre ceremonia, digna saber-se; no tomar qualquer Conego de hu Canonicato Secular posse, fazem as cerem nias seguintes. Leva botas, e esporas, s brepeliz, boldrié, e espada por cima: sob o braço esquerdo a murça, e no pulso hur ave de rapina; e no direito hum chapeo plumas. Desta sorte o levaõ até a Capel Mór, onde assiste aos Officios Divinos. E e tá tomada a posse, &c.

337 Sofrendo com constante prazer hur serva de Deos algumas injurias, que lhe h viaõ occasionado outras Religiosas, digam assim, por inveja de sua docil virtude. Pica o demonio de sua brilhante paciencia, lhe d

se:

: » Anda que es huma vil, e de ruim casta; pois que fazendo-te tantas afrontas, capazes de abalar o mais placido coraçaõ, tudo aturas, como se a huma pedra se proferisse: olha pois, amigos tenho eu, capazes de irem fazer-me eternamente companhia, antes do que soffrer o minimo ponto contra a honra, &c. *M. Sor. de l'Antig.*

338 Dizia o célebre Cataõ, que lhe pesava de haver feito tres cousas. 1. O haver a a mulher declarado seus segredos. 2. O ter navegado por mar, podendo-o fazer por terra. . O ter passado algum dia sem alguma cousa prender, &c.

339 Na França, e na Provincia de Bresse, ez em 1772 hum habil Cirurgiaõ a huma mucer huma admiravel operaçaõ: tinha pois esa no pescoço huma especie de corno, que toos os mezes lhe crescia hum tanto, que era brigada a fazer cortar. Tirando-lho o Cirurgiaõ dito, achou que suas raizes provinhaõ de huma glandola tamanha como hum ovo de gallinha, &c.

340 Em 1772 estando-se executando huma Opera em a Cidade Commerciante de *Amstardam*, na Hollanda, de repente se levan-

tou

tou huma trovoada; e cahindo hum raio na di
ta Opera, matou sessenta pessoas, &c.

341 Dizia hum Author. Axioma. Ditosos
miseraveis ficaõ no fim do anno iguaes: par
todos houve Veraõ, e Inverno, frio, e cal
ma, &c. Assim, ou assim jantar, e cea. Pó
de-se fazer hum igual paralello, comparand
os mancebos com os velhos. Os mancebos poi
que se achaõ ordinariamente robustos, sobe
por huma ladeira com ligeireza, ao contrari
os velhos, que já fracos, pezados, e doen
tes vaõ de vagar, descançando aqui, e acolá
e por fim lá sobem como os moços.

O anno se figura nesta larga, e empinad
calçada. Os poderosos saõ os mancebos, o
velhos saõ os pobres; mas todos mais, o
menos lá chegaõ. Os prudentes comparaõ
tempo ao touro bravo, que apanhando a qual
quer homem, se se naõ faz morto, e humilh
até o chaõ, tem perigo de o touro o matar
porém fazendo-o, e naõ bolindo comsigo, or
dinariamente o boi passa ficando illezo. Est
mundo he roda de alcatruzes, huns para ci
ma, e outros para baixo; huns cheios, ou
tros vazios. Assim os homens, &c.

342 Que importa a huma Dama ser tod

tabo-

ıleta de Ourives, teſta de prata, cabellos
ıuro, olhos de eſmeraldas, faces de pero-
, boca de rubins, dentes de aljofar, e col-
e cryſtal? Dizia . . . . Pois mal o julga,
he chega a ſua hora de velhice, contra
m nem todas as precioſidades, que a vai-
e, e inconſtancia inventaraõ, poderaõ va-
ıada. Pois a prata ſe marêa, o ouro perde
ɔr, as eſmeraldas embaçaõ, as perolas
naiaõ, os rubins deſcoraõ, o aljofar ſe
le, e o cryſtal eſtala. Tudo em fim per-
naõ ſó a fórma, mas a ſuſtancia do que

43 Dizia . . . . Que os velhos tinhaõ hu-
certa comparaçaõ com o deſmamar dos me-
ɔs: eſtes pera as máis os deſgoſtarem do
e, untaõ os bicos dos peitos com azebre,
os enjoa, e naõ goſtaõ mais daquelle aſ-
ırado manjar: aſſim os velhos, tanto que
gaõ á idade avançada, jà deſgoſtaõ dos
eites dos mancebos, &c.

44 Naõ ſe dará, dizia hum Douto, hum
nſtante de eſpera ao homem, além do que
eſtá aſſignalado no livro da Vida, o qual
guarda na Torre do tombo do alto Ceo, de
ɔ naõ ha appellaçaõ, nem aggravo, &c.

345 Dizia hum Sábio : Que o tempo , amor , e o dinheiro , se naõ podem gasta salvo com quem muito o mereça , &c.

346 Affirmava hum Douto ; que os R deviaõ pôr na Coroa de suas Cabeças , : sábios , e prudentes Generaes , que sem da no de humas Coroas remediavaõ outras. P gente que sabe remediar as faltas de seu Pr cipe , sem aos vassallos consumir , he dig de grande honra , e louvor , &c.

347 Da afronta que se faz a quem ar mataõ os bens , deduziraõ os nossos a diz se : afronto , e arremato , &c.

348 Tinha hum Rei de França hum de: gracioso , e dizia as cousas com juizo. H dia , que elle disse cousas mais galantes , ao Monarca muito divertiaõ , elle gostan lhe disse : » O que esta noite eu ganhar ha » ser para ti. » Estando o gracioso no dia guinte ainda na cama , entrou pela porta den hum Ajudante da Camera do Rei , que era feiçoado ao mesmo gracioso , e lhe di » Sinto , amigo , o trazer-vos huma taõ » nesta nova , e desejara fosse mais agr » vel. » O pobre homem ficou assustadiss com a repentina ordem , e exclamou : » e

» -

guma palavra proferi picante, foi só para
vertir o Soberano, e naõ com tençaõ de
ffender alguem! Mas algum mal intencio-
ado me foi falsamente accusar; por cuja
zaõ me quererá mandar a desterro! Mas
n fim, amigo, proferi essa fatal senten-
a!» Naõ vos assusteis, amigo, lhe diz
ensageiro; pois naõ ha motivo para isso.
ós estareis (me persuado) bem lembra-
), que Sua Magestade vos prometteo hon-
m, que o que ganhasse a noite passada se-
a para vosso proveito. E como Sua Mages-
de só ganhou seiscentos mil reis, aqui vo-
s manda por mim, sinto naõ serem ao me-
os vinte mil cruzados, e lhos apresentou.»
to que o gracioso tal ouvio, parece que
ou de repente o discurso, se levantou as-
mesmo despido, e ao pescoço do amigo
garrou, e o veio conduzindo até á porta,
e disse: » Naõ vos acompanho até o Pa-
cio, por estar no indecente estado em que
e acho; mas promptamente me visto, e
e vou prostrar aos pés do Soberano, e a-
adecer-lhe sua generosa liberalidade, &c.»
19 Na posse que Felippe II. tomou deste
no, dizem que alguns Fidalgos concorreraõ

para a dita poſſe; tirando a juſtiça com q
pertendia a Senhora Dona Catherina, Fil
do Infante D. Luiz, e caſada com o Duc
de Bragança. Indo elles pedir recompenſa
Rei do ſeu zelo, eſte os remetteo á Meza
Conſciencia, que com conſciencia, e re
daõ proferio aquelle Tribunal a fatal Sent
ça; dizendo: » Que ſe elles concorreraõ
» ra Sua Mageſtade ſer Rei de Portugal
» elle era Senhor legitimo delle, fizera
» que deviaõ, do que Deos algum dia l
» daria a paga: porém ſe elles o tiraraõ a
» legitimo Senhor, mereciaõ ſer enforcad
» &c. » *Faria.*

350 Creou o Author Soberano huma p
ta com a ſingular prerogativa de qualquer c
tura, que lhe toque já ſe ſente, e encol
de que lhe foi poſto o nome de Senſitiva.

Entrando pois huma Duqueza em Fra
em hum jardim com ſuas criadas, e mais g
te, depois de hum paſſeio, obſervou a p
ta dita; e querendo pregar huma peça ás
ſervas, lhes diſſe: Eſta planta tem vir
de conhecer quaes moças eſtaõ donzellas
as que o naõ ſaõ; as que naõ eſtaõ virge
donzellas, em a tocando logo ſe encolhe

m

rtifica; porém as que saõ puras, e donzel-
, fica imovel. Eu que sou casada, e tenho
os, principio primeiro. Tocou, tanto que
ocou, logo se diminuio ao ordinario. Isto
sou summo desprazer, e susto ás pobres
das, que a pezar das frequentes instancias
Duqueza, nenhuma quiz tocar. O que foi
nde motivo de rizo, e ao mesmo tempo
strar quam difficultosa he a castidade, &c.
51 Sahindo eleito hum Papa, natural de
nosim, em França, os póvos daquelle dis-
to, julgando que o Santo Padre tudo po-
, lhe fizeraõ hum requerimento, dizen-
: que por serem seus naturaes, lhes havia
fazer huma graça, e era, que lhes havia
conceder duas colheitas no anno. O Santo
dre observando a loucura do requerimento,
pachou: Concedo o que se pede, com a
ndiçaõ porém que vosso anno terá daqui por
nte vinte e quatro mezes, &c.
52 Ha na Asia huns grandes Reinos, e
os nossos Portuguezes frequentavaõ, pelo
mmercio, a que chamaõ Brama, Siam, e
gû. Este Pegû engrandeceo muito, e seu
meiro Rei foi hum barqueiro, até mil qui-
entos quarenta e quatro, que o Rei dos
Bra-

Bramás, e Martavaõ, lhe veio pôr cerc
ajudado pelos Portuguezes, capitaneados p
hum Antonio Ferreira de Bragança. Para
que trouxe fetecentos mil combatentes em
tecentos navios. Ifto he, o Rei Pranginc
de Pegû, he que veio com efta força c
tra Bramás, e Martavaõ. Poz cerco á Cor
que durou feis mezes; nelles morreraõ m
de dez mil homens de parte a parte. Em
entrada por força a Corte, foi morto feu R
e cativos dous filhos, hum Branco, e ou
Preto, e Rainhas, cujos lhe levaraõ o ca
de triunfo, quando entrou em Pegû, e out
infinitos cativos. Fez queimar quatorze
cafas, e mil e feifcentos Templos, em
houve de defpojo feis mil eftatuas de Idol
quafi todos de ouro, e pedras preciofas; p
que aquelles cégos Gentios fazem grande
tentaçaõ deffas falfas deidades. Tres mil e
fantes, feis mil bombardas. Só o que co
ao Rei foraõ cem milhoens de cruzados,
Deixou Governador no Reino, e feu tribu
e fe foi triunfante.

Parece que triunfo igual fe naõ vio n
em o mundo. Mas quando Deos quer caft
os peccados dos homens, de preffa fe vol
fi-

tuna em adverſidade; e o que parecia agra-
el, de preſſa ſe acaba em funeſta tragedia;
oi o caſo. Governando a India o Conde da
ligueira D. Franciſco da Gama, pelos an-
; de mil e ſeiſcentos, o Principe Preto,
: vivia como Particular em Pegû, fugio, e
levantou com o Reino dos Bramás, e Mar-
aō, e Siam. Picado o Pegû do jugo, que
ielles póvos ſacudiraō, elegendo ſeu Prin-
e natural, mandou hum deſtro General ſeu
ido com hum poderoſo Exercito contra o
o Principe, que valeroſo reſiſtio, e derro-
ı o contrario inteiramente. Raivoſo o Rei,
ındou ſeu filho com muito maior poder; po-
n com infeliz ſucceſſo, porque foi muito
ior a perda, ſó de homens foraō mortos
is de duzentos mil, e muitos cavallos, e
efantes, de ſorte que o Principe, e ſeus
ſſállos ficaraō riquiſſimos, e animados pa-
grandes emprezas. Advertindo que o Preto
o já ſe intitulava Rei, como ſeus paſſados.
ıbido pelo Rei do Pegû da derrota do filho,
eparou hum formidavel Exercito de dezaſete
ntos mil homens, oitenta mil cavallos, e
il e quinhentos elefantes, e grande numero
: muniçoens; e entregando tudo ao filho,
lhe

lhe conferio o titulo de Rei de Siam: fi
pondo que a poder taõ forte, e numerofo n
da podia refiftir. Tudo treme á fama de t
formidavel Exercito, menos o Rei Pret
que valerofo accommette elle mefmo ao fil
do Rei, ambos em elefantes, e o de Si
lançou morto a terra o Principe contrar
Obfervando os Pegûs a perda de feu Princip
fizeraõ caras á retaguarda, e fugiraõ; por
o Rei de Siam os perfeguio de forte, c
poucos efcaparaõ, e lhe ficou hum infin
defpojo na maõ, e a feus foldados.

Exafperado o Rei de Pegû, e raivofo
morte do filho, e perda taõ confideravel,
lhe metteo na cabeça, que os Peguanos c
correraõ para a morte do filho, ou ao me
fe lhe naõ dava della. Converteo o amor c
antes lhe profeffava em furiofo odio. Ou
dia em que aquelle diabolico tyranno fez qu
mar mais de dez mil vaffallos, e outros t
tos lançados ao mar, ou rio Ganges, que i
pedio a navegaçaõ aos barcos. Obrigou-o
naõ femearem os campos, de que fe fegu
huma tal efterilidade, que infinitos perecer
á fome, outros fe comiaõ huns a outros
a fi proprios; e para fazerem effe amargura
boc

ocado, se valiaõ dos ossos dos defuntos; orque fez cortar todos os mattos, e arvores. onde se collige bem, que quando a Providencia quer affligir, e punir aos homens, lhes ega os entendimentos; porque a naõ ser assim, qualquer resoluto Peguano matando este bominavel tyranno, já cessava tudo; porém les loucamente lhe obedeceraõ; e como ele tinha intento de perder todo aquelle vasto nperio, com facilidade o conseguio; porque eguindo-se aos flagelos expostos, huma tremenda peste, despovoou tudo, &c.

353 No tempo que os Portuguezes frequentavaõ o Japaõ (que fica fronteiro á China, e só Hollandezes hoje commerceaõ com lles) observaraõ huns Missionarios Portuguees hum caso de admiraçaõ. Tendo pois o Imerador do Japaõ, na sua Corte de Meaco, ormado a tençaõ de se fazer adorar por Deos, collocar suas imagens nos seus falsos Altares, nno de mil quinhentos noventa e seis, sobreeio em vinte de Julho do mesmo anno hum atal terremoto, que levou atrás de si os Palaios Reaes, que deviaõ ser os Altares de sua bominaçaõ, seguio-se, ou precedeo antes um grande Cometa, logo huma chuva de

cinza,

cinza, e arêa, e ruinas de templos com mu
ta mortandade de gente. O mar ſe alterou,
entrou pela terra dentro, e derrotou por vi
te leguas muitas Cidades, Villas, e aldeias
com damno conſideravel, &c.

354 Henrique IV. Rei de França, foi e
cellente Rei, mui amigo do ſeu povo. Diz
eſte bom Rei aos Prelados, em dia de ſem
na, ſe eu naõ ouço Miſſa, por eſtar occup
do com os negocios do meu povo, he deix
a Deos por Deos. Mandando algumas Trop
para Alemanha, os ſoldados antes de ſahire
da França fizeraõ algumas deſordens, ro
bando algumas caſas dos paiſanos. Sabendo
o Monarca, fez chamar a alguns Officiaes d
meſmo Corpo, que ainda ſe achavaõ na Co
te, e lhes diſſe: » Parti com grande preſſa
» pôr freio a eſſes malevolos, e de que v
» encarrego dar conta. Que ſe ſe arruina
» meu charo povo, quem me ſuſtentará
» Quem ſuſtentará os cargos do Eſtado? Que
» pagará as voſſas penſoens? Viva Deos, q
» as injurias do meu povo, ſaõ as minhas. »

Apreſentando-ſe-lhe hum Official cheio d
feridas, que nas guerras tinha adquirido,
dando-lhe huma petiçaõ, que elle leo, e lh
reſpondeo, veremos.

Se

Se eu, Senhor, quando fui mandado para serviço de V. Mageſtade diſſeſſe o meſmo; nõ teria agora hum olho de menos, huma maõ, e hum pé. O Rei compadecido o deſpachou melhor do que elle pertendia.

Em muitas Cartas a Miniſtros, Governadores, e Parlamentos, que delle ſe encontraõ, em todas expreſſa: » Tende cuidado de meu povo; eſtes ſaõ os meus filhos: Deos me entregou a ſua guarda, e delles ſou reſponſavel. »

Foi antes de ſer Rei de França, Rei de Navarra, e Duque de Albret, e ſe fez Catholico Romano, abjurando a Seita de Calvino. Sendo taõ excellente Rei, por fim teve huma deſgraçada morte; porque indo no coche, no meio de Paris o mataraõ, &c.

355 Sendo o Rei de França Franciſco I. feito prizioneiro na batalha de Pavìa, e levado a Madrid por Carlos V., eſtando pois eſte Rei jogando hum dia com hum Grande de Heſpanha, a felicidade favoneou o Rei, e ganhou huma avultada ſoma ao contrario, eſte picado da perca, ao pagar-lhe, lhe diſſe com algum genero de deſprezo: » ahi tem, ſe» rá para ſeu reſgate. » Obſervando o Rei

eſta

esta altivez, e que se lhe faltava ao respeit
devido, lhe deu (que era de muitas forças
huma estocada pela cabeça, de cujo golp
morreo em poucos dias. Os parentes se que
xaraõ ao Imperador Carlos V., pedindo ju
tiça contra o Francez. Aquelle Monarca s
bendo o que tinha acontecido, disse: » Fra
» cisco I. fez o que devia, todo o Rei o h
» por toda a parte, e naõ deve ficar sem cast
» go todo o que se atreve a ultrajallo, &c.

356 Admirando *Milord Malboroug* (gra
de General Inglez, em serviço do Imperad
Carlos VI. na Flandes, depois da batalha d
Bleenheim) a bella cara, e ar guerreiro d
hum mancebo Francez prizioneiro, lhe disse
» Se a França tivesse sincoenta mil homen
» como tu no seu Exercito, ella naõ perderi
» a batalha: » Na verdade, Milord, ell
» tem em abundancia, diz o Granadeiro, mui
» tos homens como eu, naõ nos falta se na
hum como vós. » Destreza de juizo, que Mi
lord estimou, e soube premiar.

357 Sobre assento da platéa, na Opera d
París, tiveraõ dous fortes razoens, e hun
disse ao outro; se o apanhasse daqui fóra, lh
faria dar cem pauladas pelos meus criados. C
ou-

tro respondeo ; eu naõ sou grande Senhor ;
m tenho equipagem de criados ; mas se quer
: o trabalho de sahir daqui , eu mesmo terei
honra de lhas dar. Naõ aceitou , &c.

358 Varios Authores expoem estas regras
turaes , como verdadeiras , contra a opiniaõ
povo.

1. Póde a mulher conceber sete filhos de
uma vez , e naõ mais.

2. As crianças se sustentaõ no ventre do
ngue mais puro.

3. Naõ choraõ antes de acabar de nascer ;
primeiro choraõ do que riaõ.

4. Até os quatro dias naõ ri , e chorando
aõ deitaõ lagrimas.

5. Os ossos se naõ desencaixaõ do seu lu-
ar , quando a mulher pare.

6. Os dentes nascem com as crianças , ao
ahirem he que tem perigo.

7. Os dentes do homem os naõ consome o
ogo , e por outra parte qualquer defluxo os
orrompe.

559 Sentinella , conforme as leis da guer-
a , ella he huma pessoa pública , e está au-
thorizada para poder matar a qualquer que a
nsulte , e accommetta. Trás hum Author hum
exem-

exemplo do Rei de França, que acontece no anno de mil seiscentos e vinte e dous. N sitio que se poz a *Monpellier*, passando o Ma richal de Marillac a cavallo pela assistencia d Rei (Luiz XIII.) seu cavallo arrecuando, p zou o pé da sentinella, que dolorosa deu n anca delle, o que fez dar quatro saltos, d que o Marichal se picou; e accommettendo sentinella, lhe deu algumas bengaladas.

Mr. de Goas, de cuja Companhia era sentinella, tanto que lhes chegou a noticia mandou rendella, e levar o soldado á prizac Correo á Tenda do Marichal a desafiallo, pa ra a satisfaçaõ de seu soldado. O que sabid pelo Rei, mandou logo chamar o Marichal e o reprehendeo asperamente, dizendo que sentinella obrara mal, que o devia matar. Pro hibio-lhe as funçoens de Marichal de Camp por seis dias, e de mandar o ataque. O solda do foi condemnado pelo Conselho de Guerr a ser degradado das armas na frente do Reg mento. Sua Mageſtade lhe perdoou depois mas Mr. de Goas o naõ quiz na sua Compa nhia. *Memorias de Puissegur.*

360 Hum Cura de Aldeia tinha huma vo mui desentoada, e desagradavel, era hun

triste,

ſte, e lugubre. Huma velha da meſma Fre-
iezia tinha o coſtume de chorar quando elle
ntava. Procurada porque ſe laſtimava à ou-
r o Cura! Ah! diz, eu choro cada vez que
Cura canta, porque me tras á memoria o
eu pobre burro, que me morreo, e me ſer-
a bem, e era de grande ſoccorro! e a voz
: taõ ſemelhante, que quando o ouço, jul-
) ſer o meu pobre aſno!

361 Encontrando-ſe dous amigos, que ha-
a tempos ſe naõ viaõ, depois de ſaudados,
ſſe hum, eu me caſei. Boa nova, amigo,
z o outro. Naõ totalmente, amigo; porque
hei huma mulher muito altiva, ſoberba, e
capaz de ſe aturar. Peior eſtá eſſa, diz o
iigo. Naõ taõ ruim como ſuppondes; por-
ie trouxe quatro mil cruzados de dote. Eſtá
)m, iſſo conſola, torna o outro. Naõ tan-
, amigo; porque empreguei o dinheiro em
rneiros, e todos morreraõ de morrinha. Oh!
o he na verdade, diz o outro huma perda
:m ſenſivel! Naõ tanto, torna o outro;
)rque a lá, e pelles me dobraraõ o dinheiro.
om, bom, amigo, lucraſtes bem, diz o outro.
aõ tanto, diz; porque a caſa em que tinha
dinheiro ſe acaba de abrazar. Oh: eis-aqui
huma

huma grande desgraça ! Naõ tanto , amigo
porque alli pereceo juntamente minha mulhe
abrazada.

362 Fazendo Luiz XIV. Rei de França
a revista de suas Tropas , isto he , de sua
Guardas , encontrou hum soldado de mageste
sa , e agradavel figura. O Rei gostando delle
lhe tirou a espada da cinta , dobrou-a , e lh
tornou a dar. O soldado lhe disse respeituosa
mente : Quando , Senhor , se tira a espada
hum homem se lhe costuma a tornar a pôr n
bainha ordinariamente. Eu a quero , diz ell
alegremente , e lha tornou a metter na ba
nha. Eu , Senhor , tenho lido , que c
Predecessores de V. Magestade naõ enobre
ciaõ seus vassallos , se naõ mettendo-lhe a e
pada á cinta. O Rei lhe mandou no seguin
te dia hum Alvará de Nobreza.

363 Estando huma Senhora contando hu
ma historia ao lume , em casa de hum Fidalg
simplote , aconteceo saltar huma faisca de lu
me no vestido della , e naõ o soube se naõ de
pois de haver feito hum estrago formidave
Diz o tollo dono da casa : eu , Senhora be
a vi saltar , e pegar o fogo , porém naõ qu
ter a impolitica de interromper a sua historia.

364

;64 Disse hum simplote em huma compa-
a, que quando seu pai casou com sua mãi,
taõ idoso, que já naõ podia ter filhos.
erendo casar huma filha, lhe disseraõ al-
is, que era ainda muito nova para casar,
: respondeo: naõ he taõ nova como julgaõ,
s já ella pario hum filho.

;65 Hum Astrologo predisse a Gautier,
nde de Athel, que elle havia ser coroado
licamente em huma Assembléa do povo.
im lhe aconteceo; pois que desejando elle
biciosamente subir ao Throno, teve a im-
dade de assassinar injusta, e aitivosamente
:u sobrinho Jaques I. Rei de Escossia, es-
do na cama. Sabida esta taõ grande malda-
, foi prezo, e levado a hum teatro na pra-
pública de Edimburg, Capital da Escossia,
oroado com huma coroa de ferro, que an-
se tinha feito em braza, com este rotulo.
Rei dos traidores.

;66 Diziaõ duas Damas de authoridade
na á outra. Chega a Pascoa, nós devemos
er serias reflexoens, pois somos grandes
cadoras, e fazermos penitencia. Que de-
nos nós pois fazer para pôr em execuçaõ
justo projecto? Dizià huma. Que? respon-

 de

de a outra, façamos jejuar, os nossos cri
dos, e criadas.

367 Viajando hum Hespanhol pelo Bı
bante em Flandres, o accommetteraõ hu
poucos de caens, elle abaixando-se a hu
pedra para os fazer affastar, a achou t
agarrada no gelo, que a naõ pode tirar: e
clamou: maldita terra onde soltaõ os caen
e prendem as pedras!

368 Entrando huma Princeza em casa
Embaixador de Inglaterra, residente em I
rís, observou ella hum primoroso quadro,
que muito gostou, e o gavou ao dito Emb
xador. Elle cortez lho mandou de prese
te, e que tinha muito prazer em que e
se servisse delle. Ella mostrando-o ao Pr
cipe seu marido, que tal era o presente qu
Embaixador de Inglaterra a havia regalad
Elle depois de o admirar, disse: » tudo o c
» sobre isso, Senhora, posso dizer he, c
» ou esse Embaixador Inglez he bem toll
» ou eu o sou, &c. »

369 Conduzindo Pericles animoso a Arı
da dos Athenienses, sobreveio hum ecly
do Sol, que aterrou toda a Armada, atè
mesmo Piloto mór. Pericles sem se assust
.... ne

em gaſtar palavras, para os deſabuſar, pe-
ou na ponta de hum capote, e o poz ſobre a
ra do Piloto, cres tu, diz, » que iſto para
ti he huma grande farça ? » Naõ na verda-
e, reſponde elle; » mas para ti ſempre he
hum eclypſe, e o que tu viſte naõ differe
deſte ſe naõ na extenſaõ, porque a minha
capa he pequena, e a Lua grande, que oc-
culta aos homens huma parte do Sol. » Aſ-
m os animou.

370 No tempo da Republica Romana,
um Senhor morrendo, deixou a hum fiel
rvo humas terras, que elle com grande in-
ıſtria entrou a cultivar com tal exceſſo, que
ıõ ſendo muito avultadas, rendiaõ dobrado
: outras muito maiores de ſeus vizinhos: el-
s invejoſos o accuſaraõ ao Senado, que uſa-
ı de ſortilegios, ou feitiçarias.

Sendo citado para apparecer, e dar conta
› Senado do ſeu modo de proceder, elle ſe
reſentou com huma robuſta, e bem nutrida
ha, ſeus fortes bois, charruas, e mais inſ-
umentos da lavoura em bom eſtado. » Eſtes
ſaõ, Senhores (diz elle para os Juizes) os
meus ſortilegios, e fóra outros que aqui fal-
taõ, que ſaõ meus ſuores, fadigas, vigias,

» e trabalhos, que aqui naõ pude trazer. E
» ſes meus vizinhos, que me caluniaõ, na
» tem razaõ; como querem elles pois que a
» terras lhes produzaõ como as minhas, e
» enriqueçaõ, ſe lhe naõ fazem o benefic
» de as cultivar, como eu faço. »

Toda a Aſſembléa louvou ao Campone
e naõ ſó o abſolveo da accuſaçaõ, mas o a
mou a continuar o ſeu trabalho, &c.

371 Eſtando o Grande Affonſo de Alb
querque na Cidade de Ormús, Coſta da P
ſia, e Arabia, cujo Rei elle tinha feito t
butario a Portugal, e antes o era ao Sofi
Perſia, vieraõ dous Embaixadores do Rei
Perſia pedir ao Rei de Ormús o tributo coſ
mado; dando elle parte a D. Affonſo do c
paſſava, eſte diſſe que queria reſponder a
ditos Embaixadores, para o que mandou m
trar-lhe eſpadas, lanças, ballas, broque
&c. » Com eſta moeda paga ElRei meu
» nhor aos que pedem tributo aos ſeus vaſ
» los, &c. »

Os Embaixadores recolhendo-ſe á Cor
diſſeraõ ao Monarca o que paſſava; eſte
giando o Albuquerque, lhe mandou tirar o
trato, dizendo, que hum homem como
quel

ıelle era digno de o ter junto a ſi.

372 No tempo que Portugal poſſuia Co-
ıim, na Coſta do Malabar, que depois paſ-
u a dominio Hollandez, coſtumavaõ as náus
ıe vinhaõ para o Reino ir alli carragar a pi-
enta. Vindo pois huma embarcaçaõ de re-
o de Goa a dar ordem para ſe preparar a car-
ı para as náus, encontraraõ dous Corſarios
: ladroens inimigos. Entre os noſſos vinha
ım mancebo de Alter do chaõ, que diz Dio-
ı de Couto na ſua Decada, que tinha pena
: lhe naõ ſaber o nome, digno de memoria;
i o caſo, que diſſe elle a ſeus companheiros,
prolonguemos eſte que vem adiante, e dei-
tem-me dentro, que quando ſaltarem teraõ
menos que fazer. » Aſſim aconteceo, por-
e ſaltando elle dentro como hum leaõ, eſ-
da, e rodella, levou os Mouros até o maſ-
ɔ do meio, e quando os noſſos acabaraõ de
ltar, já elle tinha morto nove, que ſupera-
õ o reſto, e o outro fugio, &c.

373 Depois da ſanguilenta batalha em que
Principe de Bade, General do Imperador,
ɛrrotou totalmente os Turcos em *Salankemen*,
ıno de mil ſeiſcentos noventa e hum, obſer-
ndo hum Janizero, que hum ſoldado Ale-
maõ

maõ lhe havia apanhado o ſeu turbante, que na força do combate lhe tinha cahido, deſejando havello, naõ ouſava pedillo. Conhecido pelo ſoldado o ſeu intento, e entendia a linguagem Turqueſqua, lha deu generoſamente, dizendo: meu amigo, tu és ſoldado, e tambem o ſou, nós nos devemos tratar como irmãos. O Janizero alegre, e naõ querendo ceder ao ſoldado em generoſidade, pegando no turbante com huma maõ, e com a outra fez preſente ao ſoldado do ſeu moſquete, dizendo: *Se nós ſomos irmãos*, naõ tenho mais neceſſidade delle, &c. *Cantimir. Hiſt. Tar.*

374 Sonhos ſaõ couſas quimericas, porém ás vezes tem acontecido ſerem certos; porque contaõ, que eſtando hum ſoldado dormindo na trincheira de Landreci, ſonhou que ſe retiraſſe de preſſa, ſe naõ pereceria em huma mina, que hia arrebentar. Elle acordou aſſuſtado, retirou-ſe á preſſa; e tanto que elle ſe auſentou, o ſitio em que dormia foi pelos ares. *Cartas de Goteus.*

375 O meſmo affirma, que certo homem ſonhou que via huns caracteres de letra, que naõ entendia; porém acordado as eſcreveo em Francez, e indo ter com Mr. Saumiſe, Conſelheiro

heiro do Parlamento de Dijon, que era ſá-
, e entendia o Grego, cujas palavras eraõ:
terpetrou-lhas, dizendo: homem vai-te em-
a, naõ vez que a morte te ameaça! O
hador aſſuſtado deixou a caſa, e ella na
te ſeguinte deu conſigo em terra, &c.

;76 Eſtando hum Paroco procurando a
ıtrina a huns rapazes, diſſe a hum: onde
í Deos? reſponde elle prompto: em me
endo onde elle naõ eſtá, eu o ſatisfarei.
poſta, que fez admirar o Padre Cura, e
vou muito o ſubtil engenho do rapaz, &c.

;77 Jogando dous ſogeitos, hum delles
ıhou quinhentos mil reis ao outro. O que
ıhou tinha as máos perdidas de gotta. Di-
o que perdeo: eu me conſolaria, ſe a
õ mais vil do mundo me naõ ganhaſſe o
u dinheiro! Iſſo he falſo, reſpondeo o que
ıhou, porque conheço aqui na companhia
ma muito mais horrenda. Torna o que per-
ɔ, eu apoſtarei dez moedas em como naõ
de ſer. Apoſtou-ſe, tirou as luvas da eſ-
erda, eſtava em tal eſtado, que o contra-
confeſſou que elle tinha razaõ.

378 Eſtando hum Grande da Corte pará
ɔrrer, ſupplicou a ſeu Confeſſor, que oraſ-

ſe

ſe a Deos por elle que lhe fizeſſe a graça
lhe conceder vida, e tempo para poder pag
as ſuas diviaas, porque devia mais do que
nha. Eſſa propoſiçaõ, Senhor, diz o Padr
he boa, e Deos ouvirá voſſos rogos. Vir
do-ſe elle para hum amigo, que eſtava, l
diſſe: eſtou certo, amigo, ſe Deos me co
cedia a tal graça, eu nunca morreria.

379 Vindo em ſoccorro do Imperador Le
poldo, o Rei de Polonia, Joaõ Sobieski,
derrotando totalmente o numeroſo Exerc
dos Turcos, que ſitiava Vienna de Auſtri
junto com as Tropas do Imperador, anno
mil ſeiſcentos oitenta e tres. Eſte deſejou
cioſamente agradecer, e abraçar o dito R
mas eſtando em ceremonias, naõ ſabia o
mo o devia executar; e conſultando o gran
General Duque de Lorena, o como devia
ceber o Rei. Como, diz o Duque? A bra
abertos, que ſalvou o Imperio, &c.

380 He galante o epitafio, que ſe enc
trou em huma ſepultura de hum antigo Por
guez, junto a Chaves, por ſer em Latim r
carronico: diz pois. *Hic jacet Antonius*
res, Vaſſallus Domini Regis.

Co

Contra Castilhanos misso, occidit omnesque quizo.
Quantos vivos rapuit, omnes esbarrigavit.
Per istas ladeiras tulit tres Bandeiras.
Febre corruptus, hic jacet sepultu.
Faciant Castilhani feste, quia mortua est sua peste.

381 D. Joaõ II. do nome, foi Principe a ue chamaraõ perfeito. Tinha hum livro, que naõ soube delle, se naõ por sua morte, no ual punha os nomes de seus vassallos, que ziaõ acçoens de nome; quando lhe vinhaõ edir algum officio, ou mercê, costumava dier: já está dado. Depois examinava o seu aderno, e o que o merecia o levava.

Como seus predecessores tinhaõ dado tuo, dizia elle que só era Senhor de estradas.)epois de varias queixas dos póvos, que os enhores Donatarios os vexavaõ, fez Lei em ue ordenava, que nenhum Donatario tivesse nais jurisdiçaõ criminal, e lhes mandou Coregedores a devassar. Causa de grandes conjuaçoens, que contra elle se armaraõ, &c.

382 Fez este Rei que os Grandes recoheceseem, que havia hum só Soberano para

os

os governar a todos ; pois se fez respeitar.
Tendo elle já alguns indicios dos conjurados
que contra elle se uniaõ com o Duque de Vi-
seu seu Primo, e Cunhado. Foi hum dia des-
de Setuval para Lisboa, e adiantando-se da
sua guarda de cavallo, deraõ os conjurados
parabens a sua fortuna, pelo observarem a-
diantar-se, sem a guarda ter chegado, com
tençaõ de o assassinarem. Neste tempo o Re
(a quem Deos defendia) se lembrou do aviso
que hum lhe havia dado da conjuraçaõ, viro
o cavallo, e disse; *parai*. Isto o assustou,
julgaraõ todos, que Deos lhe havia revelad
aquella maldade, e que os mandava logo de
gollar. Naõ se moveraõ do lugar, até que
Rei mandou hum soldado da Guarda com or
dem para que o seguissem, &c.

Em lugar destes miseraveis se emmenda
rem destas horrendas conjuraçoens, a grand
clemencia, que o Soberano usou com elles
estando sciente de suas maldades, ao contrari
o fizeraõ, e se obstinaraõ cada vez mais at
irem parar á maõ da justiça, e algoz, &c.

D. Vasco Coutinho avisou ao Rei, que
Duque de Viseu o queria matar tal dia; ell
o fez depois Conde de Borba. Se aquelle in
feliz

iz Duque naõ tem taes penſamentos, elle
ia o Rei deſte Reino, como foi ſeu Irmaõ
Manoel o afortunado, &c.

Foi o primeiro, que fez cantar as Horas
nonicas no Paço. Todas as noutes rezava
joelhos os ſete Pſalmos penitenciaes. Naõ
penſava as Leis do Reino, nem conſigo.
i exactiſſimo na veneraçaõ das couſas Sã-
das: Mui ſentencioſo, e agudo nos ſeus
os; conſervar reſpeito, e honrar vaſſallos.
ndo hum filho, ſendo Principe, ao deixar
Reino a ſeu Primo D. Manoel, lhe encom-
ndou o dito filho D. Jorge. Aquelle bom
i o tratou com tal extremo, que em quan-
naõ caſou, domio ſempre com elle no meſ-
leito. O Rei D. Joaõ o tinha feito Duque
Coimbra. D. Manoel o fez depois Marquez
Torres Novas, Meſtre da Ordem de Sant-
go, e Aviz, e Senhor de Aveiro, tronco
ſte Ducado, com appellido de Alem-Caſ-
: com doze alabardeiros, ou Archeiros á
rta, como huma peſſoa, que naõ ſó era fi-
o de Rei, mas teve annuncios de o ſer, &c.

Caſou depois o tal D. Jorge com Dona
eatriz, neta do Duque de Bragança. A mãi
lle era a Senhora Dona Anna de Mendon-

ça,

ça, que morreo Commendadeira de Santo

Poz as armas Portuguezas no eftado e
que eftaõ, &c.

383 O Senhor Rei D. Manoel, Primo,
Succeffor do Rei D. Joaõ, teve o fobrenom
de filho querido da Ventura; porque fendo
mais novo de nove Irmãos, lhe cahio em r
partiçaõ a Coroa, que o infeliz Irmaõ Duq
de Vifeu, naõ foube adquirir, fe naõ a mo
te violenta, &c.

Seu Reinado foi verdadeiramente fecu
de ouro para Portugal; porque as riquezas,
preciofas coufas, que da India dos Portugu
zes haviaõ todos os Europeos, baftava pa
engrandecer a brilhante Coroa daquelle fam
fo Rei, quanto mais tantas Colonias, affi
na Afia, America, como na Africa, que
famofos heroes, que em feu tempo, lhe f
jeitaraõ ao feu dominio, &c.

Ordenou que os Ecclefiafticos foffem ize
tos de pagar os direitos Reaes.

Alcançou, que fe fizeffe a fefta da Vifit
çaõ de N. Senhora. A fefta de Santa Izabe
Rainha de Portugal; e a do Anjo Cuftodio.

Concedeo-lhe Alexandre VI., que pode
fem cafar os Cavalleiros das Tres Ordens M

lita

ares, e que os Reis fossem os Gram Mestres
llas. Mandou ao Papa famosos presentes,
magnificas vestes Pontificaes, todas borda-
perolas, e preciosas pedras de infinito va-
: as quaes foraõ roubadas pouco depois,
tempo de Alexandre VII., pelos soldados
Carlos V., que contra elle mandou, &c.
Sua devoçaõ, e piedade foraõ raras. Fun-
u mais de sincoenta Igrejas, e Mosteiros.
odas as sextas ferias jejuava a paõ, e agua.
os tres dias, e noutes da semana Santa assis-
na Igreja vestido de luto, e prostrado por
rra.

Acabou a Casa da Misericordia, que sua
mã, a Rainha Dona Leonor, tinha princi-
ado. A todos os Franciscanos deste Reino
andava vestir todos os annos.

Sua meza era verdadeiramente Real, e
agnifica, porém abstinente no uso della.
unca bebeo vinho, nem provou azeite. Gos-
u muito da caça, Musica, festas, e dan-
as. Sempre tinha Musicos no Paço; mas
anto mais gostoso estava de os ouvir, se
ortificava, e sahia a despachar, &c.

Mandou escrever a historia dos Reis, e
onrou muito aos que as escreveraõ, e pre-
miou

miou com largueza. Mandou fazer hum liv
de toda a Nobreza de Portugal, e para m
duraçaõ lhe fez pôr eſtampas, e os mand
tambem pintar no Paço de Cintra.

Reinou vinte e ſeis annos, deſtes emp
gou vinte e tres em conquiſtas, e feito
calculo das embarcaçoens, que foraõ de P
tugal á India, e voltavaõ carregadas de
mentas, cravos, canellas, nós, canfor
ſalitre, ouro, perolas, diamantes, &c.
he a cada anno treze. O que os Europeos
dos aqui vinhaõ buſcar, &c.

Tinha eſte bom Rei o coſtume de ve
todos os dias que ſahia fóra huma gala nov
ſahindo era com pompa, e Mageſtade, h
córos de Muſicos, elefantes, e outros a
maes, &c.

384 Tendo hum Grande em França di
renças com ſeu Cura, eſtando para morr
naõ quiz conſentir que o Cura o viſſe, e aſ
morreo. O Cura obſervando aquelle pro
der, julgou que naõ era digno de ſepult
Eccleſiaſtica, e o fez enterrar em hum j
dim. Mr. . . . Primo do defunto, ſe queix
do attentado do Cura, e pedio foſſe punid
&c. Correio da Europa.

38

385 Chegando hum navio da India a hum
ırto de Inglaterra , o Efcrivaõ do Navio
:les , partio pela pofta para Londres , a le-
r os defpachos aos Deputados da Compa-
ıia , que da mefma Afia trazia. Eis-que ás
:o horas da noute o accommettem tres la-
oens , hum avançou ao Poftilhaõ , amea-
ndo-o de morte fe dava hum paffo , e os
us accommetteraõ ao dito Efcrivaõ , e lhe
araõ fete mil e quinhentas libras Efterlinas ,
e he cada huma 3600. O mefmo Correio ,
Abril de 1785.

386 Nas Colonias Inglezas Americanas ;
'hite-Hiell , anno de 1784 , fez hum Preto
ıfas incriveis , fendo fó na execuçaõ ; quei-
ɔu feis cabanas de pretos , matou , e ferio
rios meninos , e duas mulheres velhas , fem
haver offendido. Fez diligencia para affaffi-
r o Feitor da Roffa , porém efte fe livrou
lle , atirando-lhe com felicidade huma pe-
a á cabeça , que o derribou , e o prende-
õ , depois confeffou ter tido grande defejo
matar o feu Patraõ. Já tinha morto varios
maradas feus ; pelo que foi condemnado a
ıeimar vivo , o que logo fe executou. O
efmo Correio.

387 Condemnou o Imperador Jozé II. a hum Barqueiro em trezentos Ducados, por haver jogado consideraveis sommas. Tamben hum Major foi riscado do serviço, e perda d seus bens, e pensoens, e applicados aos pobres, por haver jogado, e ganhado vinte mi cruzados ao Conde Moço . . ., cuja divida fo nulla.

Certo General, soube tambem o Imperador, que era tambem interessado com o Major, foi chamado, reprehendido, e ameaçado, que se tornasse para o futuro a desen quietar os filhos Familias, que devia esperar hum exemplar castigo, &c.

388 D. Joaõ o III. foi de tal Magestade e soberania, que era preciso ter os olhos baixos em sua presença, e ao mesmo tempo e mui gentil, e affavel. No principio do se governo largou aos Mouros as Praças de Arzila, Alcacer, e Azamor. Naõ só sustentou Conquistas da India, mas as augmentou muito. Foi o primeiro que á India enviou facinorosos; porém a náu que os conduzio naõ o ve mais della noticia. Estabeleceo o Tribun da Meza da Consciencia, e Santo Offici Deu entrada aos Jesuitas, vindo aqui, e d

qu

q para a India o grande Apoſtolo della S.
F ncifco Xavier, &c.
Reſtituio a Univerſidade a Coimbra, que
e va antes em Lisboa. Reformou as Reli-
g ens. Fez Evora Metropolitana, fez os Biſ-
p os de Miranda, Portalegre, e Leiria. Edi-
fi u muitos Templos. Hum hoſpital em Al-
n rim (onde coſtumava aſſiſtir) para ſoccor-
r dos que militavaõ em Africa, e viuvas dos
q lá morriaõ. Revogou a Lei, que manda-
marcar na cara os ladroens, dizendo, que
p oderiaõ emmendar, e naõ era juſto ficaſſe
parte que o homem tem mais delicada, o
l da antiga culpa. Determinou a preceden-
dos Condes, pela da ſua antiguidade da
cê. Sua mulher Dona Catherina, Irmã de
los V. foi varonil, e mulher forte; que
lla governaſſe ſempre, naõ teria eſte Rei-
a infelicidade de ſeu Neto D. Sebaſtiaõ ſe
erder em Africa, e ſeus Dominios, &c.
Quando o Xarife poz cerco a Mazagaõ,
ainha que governava pelo Neto, mandou
s de quatrocentas embarcaçoens de ſoccor-
e ſe defendeo valeroſamente. Neſſe tem-
hum Mauritano nobre veio a Portugal ſó
a ver, dizendo: » Naõ deſejo acabar a

» vida, sem chegar a ver taõ singular H
» roina. » Satisfeito da commissaõ, que aq
o cunduzio, disse: » Naõ podia ser men
» quem assim obrava, &c.

O desacato, que na sua presença hum ma
vado fez ao Santissimo Sacramento, e a mor
do Principe D. Joaõ seu Filho, Pai do R
D. Sebastiaõ, lhe abbreviaraõ a vida. Co
lhe levavaõ ás vezes o Neto D. Sebastiaõ p
ó divertir, pedio hum dia agua: o meni
disse queria tambem agua; e trazendo-lh
a naõ quiz; e trazendo seu copo sem tamp
e o do Rei com ella, he que a naõ quiz
ber, e chorou. O Rei observando isto, dis
» Cedo quereis Reinar. » Nunca mais o v
porque logo faleceo, &c.

Tinha este pio Rei taõ feliz memoria,
indo a Coimbra, e nomeando-se diante d
os Estudantes matriculados, nem hum só
esqueceo, e os nomeava por seus nomes,

Naõ fez acçaõ que naõ fosse acredora
titulo. Alguns lhe notaraõ o entregar elle
Praças aos Mouros; mas toda a culpa foi
Conselheiros, como depois confessaraõ.

Conta-se, que passando S. Francisco
vier á India, o Rei D. Joaõ lhe encomm
dar,

ra, que lhe enviasse huma exacta Relaçaõ
estado das cousas da India; e que o Santo
: mandara dizer, que o verbo *rapio* se con-
;ava naquelle vasto Estado, por todos os
dos, isto he, se furtava de todas as fórmas.
hou hum homem sábio, que áquella Asia
sou, entre gentes pias, e doutas, que a tal
ta era certa, e continha varias cousas mui
tensas, &c. Poderia ser, porque naquel-
tempo assim como o valor foi raro, assim o
sto, luxuria, e avareza excederaõ os li-
es. Consta de tradiçoens, que as Senho-
Portuguezas Nobres (e juntamente de Es-
uras) usavaõ de hum tal fausto, que nem
inhas; porque de portas a dentro tinhaõ a
entas criadas, e escravas para as servir.
ando sahiaõ fóra, era com todo este acom-
hamento. Diante hiaõ doze, vinte e qua-
, quarenta, conforme a grandeza da perso-
em, Escudeiros com thuribulos de ouro,
ios de aromas, e incensando os ares, ás
es os levavaõ as criadas: atrás do palan-
n em que a Senhora vinha, vinha toda a fa-
ia, e de guarda os soldados, que o marido
etinha. Nas estribeiras do dito palanquim,
chapeos de Sol guarnecidos de pedras
 pre-

preciosas. Isto he certo, porque ainda ha ci
zas do que foi; e com razaõ, e gravissim
fundamento o podia o Santo mandar dizer.

O que allego consta do livro do P. M. F
Diogo de Santa Anna, R. Agostinho, subst
tuto do Arcebispo de Goa, Governador, o V
neravel D. Fr. Aleixo de Menezes, depo
Arcebispo de Lisboa, de Braga, e Presiden
do Supremo Conselho de Hespanha, no tem
po de Felippe II. O qual (na grande fund
çaõ, e sem segunda do Mosteiro de Santa M
nica de Goa) respondendo á Crise, que m
tos faziaõ de terem as Religiosas a oito, e d
criadas, ou escravas cada huma, respond
com aquelle Santo Eremita de que trata o P
do Espiritual, que fazia milagres junto a R
ma, comendo, vestindo, dormindo, e d
mindo com suma abundancia, a respeito d
Monges da Palestina, que estavaõ em Ermo
porque tinha sido Mestre de Imperadores,
criado com delicias, &c. Que nas Freiras
Goa naõ era relaxaçaõ o terem tantas criad
antes grande reforma neste numero de serv
porque haveria alli tal, que teria em casa
seus Pais a oitocentas servas, &c.

He taõ grande, que em hum angulo d

ca

be o Mofteiro de Santa Clara de Coimbra;
em dentro mais de feis mil mulheres, fem
preffaõ, confufaõ, ou damno em país ar-
ntiffimo, &c.

Se a Rainha Dona Catherina governaffe
npre pelo Neto, como o Rei D. Joaõ III.
ixou determinado, ella naõ tivera o def-
fto de ver o Reino entregue a hum rapaz
quatorze annos, com máos Meftres, e
nfelheiros, fem cuidarem em o cafar, e
aõ caufa da fua perdiçaõ.

Todo o empenho deftes malvados foi o af-
tallo a que naõ deffe ouvidos aos juftos, e
itos confelhos do Avô. Sempre obedeceo à
i Aio D. Aleixo de Menezes. Deu hum dia
lem que fe lhe preparaffe hum potro novo,
a fahir a cavallo, que ainda naõ tinha fido
ntado. D. Aleixo fe oppoz, dizendo: que
5 devia expôr a fua vida, e montar em
m animal, que fe naõ fabia o que era. Inf-
i o Rei, que nelle havia de fahir, o Aio
npre inflexivel, vendo o Rei a obftinaçaõ
llę, fahio para huma falla collerico, e pro-
io algumas palavras de enfado, queixando-
da obediencia em que D. Aleixo o tinha.
ım Fidalgo, que naõ goftava de D. Aleixo,
ven-

vendo isto, se chegou ao Rei, e lhe disse beijando-lhe a maõ, que assim devia faze quem era Principe Soberano.

O Rei, cujo entendimento era raro, ob servando a maldade, e lisonja do dito Gran de, voltou atrás, onde deixava D. Aleixo e disse em voz alta: » Venho, D. Aleixo » buscar-vos, e dizer-vos, que mandeis pr » parar o cavallo, que muito quizerdes; po » que já aqui me beijou a maõ o lisonjeiro f » lano, e o nomeou, por vos haver desob » decido, &c. »

Estando huma occasiaõ fallando com hu Mouro nobre sobre as cousas de Africa, e lhe ponderava com prudencia as infelices co sequencias, que se seguiriaõ daquella empre projectada. Alguns Fidalgos, que estav presentes, querendo lisonjear o Rei, p verem inclinado áquella desgraçada jornad affirmavaõ o contrario. Elle que tinha ju claro, conhecendo a maldade, disse, olh do para o Mauritano: » Os Mouros fallaõ » mo Christáos, e os Christáos como M » ros. »

Era singular devoto da Mái de De quando se lhe apresentava algum papel,

q

e fallaſſe na Senhora, e depois fallaſſe nelle,
:endo ElRei N. Senhor, ordenava que ſe
:aſſe o Senhor; que naõ era juſto chamar-ſe
r tal titulo, onde a Mãi Santiſſima eſtava,
:.

Foi inimigo de vicios, e inclinado á miſe-
ordia. Fez Leis mui juſtas para reformaçaõ
coſtumes.

Taõ devoto do Santiſſimo, que em ouvin-
tocar logo ſahia a acompanhallo, deixando
do.

Era de forças extraordinarias. Nada o ad-
rava: nada julgava impoſſivel, e difficil.
ɪrmou o Conſelho de Eſtado. Fazendo o
ɜi Conſelho ſobre a jornada de Africa, diſſe
ɜo: » eu naõ venho conſultar ſe hei de ir,
ou naõ, mas o modo como devo ir. » Ob-
rvando hum honrado velho aquella tenacida-
de D. Sebaſtiaõ; » pois quereis, diz, ir
deveis tambem levar mortalha para enterrar
o Reino fóra de Sagrado. » Quantos annos
ndes, diz o Monarca, que parece que ca-
ıcais? » Eu, Senhor, reſponde, tenho oi-
tenta para vos aconſelhar, e vinte para vos
ſervir, e acompanhar. » Naõ lhe deu mais
ſpoſta, e depois tarde reconheceria o ſeu
ro, &c. Diz

Diz hum Grande a hum Sacerdote, que
mesmo Senhor estimava, isto he, o Rei
» porque naõ prendemos, Padre, este lou
» Rei? He tarde, diz o Padre; porque an
« cercado de lisonjeiros. Entaõ, torna o F
« dalgo, Pater noster Kyrie eleison pelo Re
« e pelo Reino, &c. «

Foi liberal com as Religioens, e hon
dor dos vassallos benemeritos, &c.

Morrendo D. Alvaro de Castro, filho
D. Joaõ de Castro, grande governador da I
dia, e o dito D. Alvaro tinha sido Almeiran
do mar da India, no tempo do Pai, o qu
era muito aceito ao Rei D. Sebastiaõ, cor
tal foi muito magoado o Rei pela sua perd
Em muitas noites observaraõ os Grandes, q
o seguiaõ, que os deixava, e hia á sepultu
do dito D. Alvaro, e nella estava fallando l
go tempo; voltava com sinaes de quem tin
chorado.

389 O Cardeal D. Henrique foi acclama
Rei pela derrota do Sobrinho, e foi de nota
sua coroaçaõ ser feita na Igreja do Hospit
Hum velho de sessenta e seis annos, que tom
governo de hum Reino, e achacado, taõ e
fermo, só no Hospital devia ser exaltado, &

Com

Como elle eſtava perplexo na eſcolha de
ıem lhe havia de ſucceder, para o nomear,
ıtraraõ os parentes a quererem ſer preferi-
ɔs. A Senhora Dona Catherina ſua ſobrinha,
mulher do Duque de Bragança. Felippe II.
ho de huma Senhora Portugueza. O Duque
; Saboya. O Principe de Parma. O Senhor
. Antonio Prior do Crato. A Rainha de In-
aterra. A Rainha de França, e o povo do
eino, que affirmava lhe pertencia nomear
ıcceſſor á Coroa, &c. Póde-ſe bem colligir,
ıe confuſaõ de oito Embaixadores dos Per-
ndentes, &c.

Quando o Senhor D. Antonio ſeu ſobri-
ıo veio do cativeiro da infeliz jornada de A-
ica, onde tinha ficado cativo, o Tio o rece-
ɛo com ɛgrado; mas depois que ſoube que
ıuelle Senhor pertendia legitimar o ſeu naſ-
mento, dizendo, que o Senhor Infante D.
uiz recebera ſua Mãi, com huma cara in-
ɔnſtante o mandou degradado fóra da Corte
inta leguas, e ao Duque de Bragança o meſ-
ıo, de ſorte que morreo ſem nada determi-
ar. Os Governadores, que ficaraõ governan-
o, deraõ ſentença por Filippe II.; e como
lle tinha o direito das Armas, e era poderoſo,
foi

foi o que prevaleceo ſobre os outros. Fundou
a Univerſidade de Evora, &c. Governou 1(
mezes, &c.

400 No tomar da poſſe deſte Reino, ob
ſervando o Senhor Filippe II. o amor, e agra
do com que os Portuguezes o recebiaõ: con
cedeo os privilegios ſeguintes.

1. Jurou guardaria a eſte Reino todos o
privilegios, que os Reis paſſados lhe conce
deraõ.

2. Quando houveſſe Cortes pertencentes
eſte Reino, ſeriaõ celebradas nelle.

3. Que o Vice-Rei, e Governadores de
te Reino, feraõ ſempre Portuguezes, ſalv
ſe for Filho, Sobrinho, Tio, ou Parente d
Rei.

4. Todos os cargos de Juſtiça, e Fazend
feraõ providos em Portuguezes.

5. Que todos os Officios, que no temp
dos Reis paſſados havia coſtume haver, fera
ſempre exercitados por Portuguezes; os quae
os exercitaraõ nas funçoens, quando os Re
ſeus ſucceſſores vierem a eſte Reino.

6. O meſmo ſe entenderá dos outros Offi
cios, e empregos de mar, e terra, aſſin
grandes, como pequenos, que agora ha,
houver de novo.

7. As

7. As guarniçoens das Praças seraõ Portu-
ezas.

8. O ouro, e prata de que se fizer moeda
ste Reino, será todo o que vier das suas
nquistas, e do mesmo Reino; naõ terá ou-
cunho, que as Armas de Portugal, sem al-
ma mistura.

9. Todas as Dignidades Ecclesiasticas se
raõ só a Portuguezes.

10. Naõ haverá terças nas Igrejas, nem
bsidios, e se naõ poderaõ alcançar para isso
ullas.

11. Naõ se concederá Villa, Cidade, Lu-
ar, nem Direito Real senaõ a Portuguezes;
vagando bens de Coroa, o Rei os naõ po-
erá tomar para si, mas os dará aos Portugue-
es parentes dos defuntos, ou a Portuguezes
enemeritos.

12. Naõ se innovará cousa alguma nas Or-
ens Militares.

13. Os Fidalgos venceraõ as suas Mora-
îas, tendo doze annos de idade. Sua Mages-
ade, e seus successores tomaraõ cada anno
uzentos criados Portuguezes, que venceraõ
s mesmas Moradîas; e os que naõ tiverem
oro de Fidalgos, serviraõ nas Armadas do
Reino.

14. Quan-

14. Quando os Reis vierem a eſte Reino naõ ſe tomaraõ caſas de apoſentadoria ao mo do de Caſtella, mas ao de Portugal.

15. Sempre os Reis teraõ junto a ſi hum Conſelho de Portugal, compoſto de hum Ec cleſiaſtico, hum Védor da Fazenda, hum Se cretario, hum Chanceller, e dous Ouvido res, todos Portuguezes, com os quaes o Reis deſpacharaõ as couſas pertencentes a eſt Reino: além diſſo haverá ſempre em Madri dous Eſcrivaens da Fazenda, e dous da Ca mera, para o que ſucceder; e quando venha a eſte Reino, os traraõ conſigo.

16. Todos os empregos de Juſtiça ſe pro veraõ como he coſtume.

17. Todas as couſas deſte Reino, nelle ſ terminaraõ, e executaraõ.

18. A Capella Real ſe conſervará ſempr no Paço de Lisboa, onde ſe celebraraõ os O ficios Divinos.

19. Seraõ os Portuguezes admittidos in differentemente, como aos Caſtelhanos, n Paço.

20. A Rainha ſe ſervirá com Damas Portu guezas, e as caſará com Portuguezes, ou er Caſtella.

21. Pa-

21. Para augmento do Commercio se abri-
õ os Pórtos Seccos de ambos os Reinos, e
ſſaraõ livres.

21. Dar-se-ha todo o favor para entrar em
ortugal o paõ preciso.

23. Sua Mageſtade dará trezentos mil du-
dos, cento e vinte para resgate dos pobres
ortuguezes, que ficaraõ cativos em Africa:
nto e sincoenta para depositos, e sincoenta
il para o trabalho da peſte, que affligia eſte
eino. Eſte Artigo (13) foi huma admiravel
ridade daquelle grande Rei.

24. Para as Frotas da India, defeza do
eino, e caſtigo dos Corsarios, se mandará
mar aſſento conveniente, ainda que seja á
ſta dos outros Eſtados, e maior despeza da
azenda Real.

25. Procuraraõ os Reis o eſtar neſte Rei-
o mais tempo que poderem; e se naõ hou-
er impedimento, nelle eſtará o Principe pri-
ogenito.

Depois prosegue, dizendo: todas eſtas
raças, mercês, e privilegios, tenho por bem,
ando, e quero, nem em todo, nem em
arte deixem de ter seu effeito em tempo al-
um: Suppro qualquer defeito, que de facto,

ou

ou de Direito neſtas couſas ſe poſſa oppo
Encommendo, e mando ao Principe meu F
lho, e a rodos ſeus ſucceſſores, que aſſim
cumpraõ. Iſto accreſcentou o Rei de ſua letr
aos privilegios, ſem que foſſe rogado, ou ac
vertido, que depois ſe obſervou, que fora
como humas Profecias, ou entrega da Coro
á Sereniſſima Caſa de Bragança. Se o fize
rem, como eſpero, da ſorte que exponho
ſejaõ bemditos da bençaõ de Deos Padre, F
lho, e Eſpirito Santo; da Santiſſima Virger
Maria, da Corte Celeſtial, e da minha. Se
naõ cumprirem, o que naõ creio, ſejaõ ma
ditos da maldiçaõ de Deos Noſſo Senhor, N
Senhora, dos Apoſtolos, da Corte Celeſtial
e nem creſçaõ, nem proſperem, nem paſſer
adiante, &c.

Se ſeus ſucceſſores cumpriſſem o que F
lippe determinava, inda hoje eraõ ſenhore
deſte Reino; porque em tudo ſe fez pelo con
trario depois, &c.

Inſtituio a Relaçaõ do Porto, e o Correio
Nunca benemerito (em ſeu Reinado) fico
ſem premio, e culpado ſem caſtigo. Tinh
horas ſeparadas, para deſpachar cada Reino
parte: Elle ſó eſcrevia mais que todos os Se

cre-

:tarios. Deu varios titulos aos Senhores Por-
guezes. Aos primogenitos do Duque de A-
iro, Marquezes de Torres-Novas. Conde de
onſanto. O Conde de Santa Cruz. Conde
Atalaya. Conde de Linhares. Conde de
ıſto. Conde da Idanha. Conde de Tarouca.
ɔnde de Caſtello-Rodrigo, &c.

401 Felippe III. vindo a eſte Reino, e
ɔrte de Lisboa, foi recebido com tantas feſ-
ʒ, e alegria, que o meſmo Rei Confeſſou,
e ſó naquelle dia ſe podia chamar Rei. De-
ɔrou-ſe em Lisboa ſete mezes, e ſe reco-
eo a Madrid ſummamente afeiçoado aos
ɔrtuguezes, como moſtrou nas mercês que
s Grandes fez; e faria mais, ſe a vida lhe
.õ faltaſſe, que foi em 1621, dous annos
:pois de ir deſte Reino.

Fez ao Marquez de Villa-Real Duque de
aminha; ao Conde de Caſtello-Rodrigo,
laquez do meſmo, Grande de Heſpanha,
ɔ Conſelho de Eſtado de Caſtella, e primei-
Vice-Rei de Portugal: ao Conde de Sali-
ıs, Marquez de Alemquer, Villa que ſem-
:e foi do Patrimonio das Rainhas: Deu o ti-
ılo de Condes de Lumiares, aos primogeni-
ɔs da Caſa de Caſtello-Rodrigo: o Conde de
Villa-

Villa-flor : o Conde de Sortelha : o Conde d
Caſtello-melhor : o Conde de Miranda :
Conde de S. Joaõ da Peſqueira : o Conde d
Villa-Nova de Portimaõ : o Conde de Vimio
ſo : o Conde de Cantanhede : o Conde d
S. Luiz de Faro : o Conde de Atouguia :
Conde da Calheta : o Conde de Penaguiaõ.

Em ſeu tempo, havendo hum grande fla
gelo de peſte em Lisboa, huma Imagem d
S. Sebaſtiaõ ſuou copioſamente, e logo ce
ſou a dita peſte, &c.

402 As drogas paraboticas ſaõ as melhor
da China : diz hum Viajante, que na Perſi
ha o melhor vinho, e agua ardente, os melh
res frutos ſecos, e de conſerva, os quaes
primeiro he a tamera, e o ſegundo a marm
lada : os melhores ferros : o tabaco, poſ
que naõ taõ olioſo como o do Brazil, he m
nos nocivo : preparaõ-no de enfuſaõ em algu
tempo em aſſucar, de que ha na Aſia mai
abundancia, que na America. Os queijos, v
dros, e prezuntos tanto da Perſia, como
China ſaõ ſelectos. O clima da India abun
em tudo, de ſorte que os Portuguezes, q
eſtaõ na India, nada neceſſitaõ ſenaõ cart
dos parentes para aliviarem as ſaudades, &c

To-

Todos os Artifices fazem na Asia as cou-
is sem muitos instrumentos, com summa fa-
lidade. Os mais selectos brocados, sedas,
llas, e pannos de algodaõ, se fabricaõ no
mpo em theares de cana, que acabada a o-
a, se queimaõ, e se fazem outros novos, &c.

Animaes bravos.

Em Goa, Tygres, e Cobras de capello;
verdes, e alguns lagartos, ou jacareos. As
bras fogem do alho: os tygres gritando-lhe
gem. No Canará, Bengala, e Siaõ ha ty-
es Reaes, tamanhos como grandes bois:
efantes, e bois do matto. Na Persia naõ ha
imaes bravos: na Arabia leoens, e tygres:
a China, e Japaõ extinguiraõ os animaes
avos, assim como os Persas os lobos, &c.
Os Chinas estimaõ os homens sábios. Os
edicos alli saõ juntamente Boticarios: se cu-
o enfermo, lhe pagaõ os medicamentos, e
abalho; se morre, nada, &c.

403 Vindo hum Irmaõ do Conde D. Nuno
lvares Pereira a persuadillo a que servisse a
astella, hum Fidalgo Castelhano, que com
le vinha, observando a constancia do fiel
ortuguez, proferio a sentença seguinte:

» Em fim, vós fois os mais honrados ho-
» mens do mundo, ou fejais vencedores, ou
» vencidos; porque fe venceis fendo taõ pou-
» cos, ou fe nós vencemos fendo tantos, to-
» da a gloria, e fama he voffa. »

404 Gabava-fe hum Official Militar, qu
era hum homem de grande qualidade; outr
que fabia fer elle filho de hum Correio, lh
diffe: tenho ouvido fallar do fenhor feu Pai
que era hum homem de letras, e que fempr
hia feu caminho direito, &c.

405 Outro paffava por Fidalgo, e hur
que fabia elle fer filho de hum Eftalajadeiro
lhe diffe: O fenhor feu Pai erà hum homei
muito de bem, que tinha a fua cafa aberta
e recebia nella a todos com muito agrado, &

406 Conta-fe huma arrogancia de hu
Hefpanhol: Nobre como o Rei, Catholic
como o Papa, e pobre como Job. Chegan
a huma eftalagem, onde, em huma Aldeia
França, naõ havia mais do que huma, al
noute: bateo, bateo, em fim depois de mu
ta bulha, chegou o Eftalajadeiro a huma j
nella, e procurou quem era? He, diz o di
D. Joaõ Pedro Hernandez Rodrigues de Vill
nova, Conde de Malafra, Cavalleyro de San

Jago

go, e Alcanrera, &c. O Francez, julgan-
de tantos nomes, que cada hum era hum in-
viduo, ao uſo do ſeu País, recolhendo-ſe,
fechando a janella, diz: naõ ha cá quartos
ra tanta gente, e ficou o ſenhor Mafra na
a, &c. Ao bom frio que fazia.

407 Madama de Noyer, conta nas ſuas
rtas: que vindo hum Cavalleiro de Provin-
a París pelo carnaval, foi com hum amigo
um balhe, veſtido de maſcara de diabo; e
indo, o companheiro o levou, e o deixou
a madrugada á porta da eſtalagem; depois
muito bater, veio huma criada abrir a porta
n luz; ella que era medroſa, e o vio na fi-
a do diabo, deu hum grande grito, fe-
u, e ſe foi ditar, dizendo tinha viſto o
bo. O homem eſtando eſtalando com frio,
ver ſe achava alguma parte onde ſe pudeſſe
arar; e vendo huma porta com hum bocado
rto, ſe chegou, e entrou, vio hum de-
to na caſa com duas vélas accezas, hum
re com hum livro na maõ a dormir, e hum
reiro de lume: Elle como naõ tinha dor-
o muito, aſſentando-ſe junto ao lume, lo-
lormio. Eis-que o Padre acorda vê a figura
liabo, exconjura-o, eſte eſperta, e olhan-

do para si, vendo-se naquella figura, refu
giou-se depressa na estalagem, onde achou
criada doente, publicando que tinha visto
demonio, e o tal sogeito custou-lhe bem
desabusalla, que era elle. No mesmo temp
se publicava no bairro, que o diabo viera pa
levar o fulano ...; e o que maior força faz
era o naõ ter sido o defunto de mui ajusta
vida, &c.

408 Aconteceo no Gram Cairo, Capit
do Egypto, que houve hum famoso incendi
e os Turcos pela má vontade, que aos Ch
stáos professaõ, lhes impozeraõ a culpa de i
cendiarios. Pelo que alguns mancebos Turc
se uniraõ, e foraõ pôr fogo á vivenda dos p
bres Christáos. Foraõ prezos os agressores
condemnados á morte por ordem do Bach
mas como eraõ muitos, compadecendo-s
ordenou fossem quintados, e sortiados.
que resultou huns sahirem condemnados a
na ultima, e outros açoutados publicamen
Hum em quem tinha cahido a sorte de mor
exclamou: » eu naõ sinto o morrer, diz,
» o que me affige, he quem sustentará m
» pais maltratados da velhice, e reduzid
» ultima miseria! e que a minha industria
» c

corria. » Hum dos que tinha tido a forte de
da, obfervando a affliçaõ, e inconfolavel
na que ao amigo conftrangia, lhe diffe, hu-
ano, e honrado: » amigo, eu naõ tenho
pai, nem mãi, a minha vida naõ he util a
alguem, toma efte meu bilhete, e dá-me o
teu. » O Bachá, e todos os circunftantes fe
es arrazaraõ os olhos de lagrimas, e excla-
raõ, viva, viva. O Governador naõ fó
es perdoou, mas fèz grandes mercês., &c.

409 Outra de outro Turco. Quando Luiz
IV. Rei de França mandou a Mr. do Quefne
m huma Armada contra Argel, em mil feif-
ntos oitenta e tres, os Argelinos ufavaõ a
uel deshumanidade de metterem os pobres
tivos Francezes nas bocas das peças, e ati-
: com elles fobre a Armada. Hum Capitaõ
urco, que havia eftado cativo em França,
conhecendo a Mr. de Chvifeul., Official
ancez, com quem tinha tido fua pratica, e
havia tratado mui humanamente, recorreo
Bey, pedindo-lhe a liberdade daquelle Of-
ial, que taõ generofamente o tinha tratado
feu cativeiro. Pedio, e inftou, tudo inutil;
obfervando que feu trabalho era infrutuofo,
a inflexibilidade do Bey, lançou-fe á peça,

on-

onde Chviseul estava já atado, e diz ao Arti
lheiro: » dá fogo, pois que eu naõ posso sal
» var a vida ao meu amigo, ao menos terei
» consolaçaõ de morrer com elle. » Esta ac
çaõ he sobre a natureza humana; porque
amigo, que soccorre ao outro com o seu di
nheiro, faz acçaõ humana; mas sacrificar su
vida, he de gráo mais superior. As lagrima
que dos olhos do Bey sahiraõ, o obrigara
naõ só a perdoar a vida do culpado, mas a l
berdade lhe dar, &c.

410 Devia hum Fidalgo Francez hum
consideravel somma ao Principe Conde de Soi
sons; veio pois procurallo, e humilde lh
supplicou, lhe quizesse fazer a esmola de lh
perdoar ametade desta divida, porque estav
mui pobre. O generoso Principe lhe disse
» esta ametade já me naõ pertence, pois vó
» tivestes o trabalho de a virdes pedir; poré
» já que da outra me dais a liberdade de di
» por, tende por bem, que eu vos faça mer
» della. » Assim ficou com tudo, &c.

411 No sitio, que os Alliados puzeraõ
Namur, anno de mil e setecentos, estand
guarnecida de Francezes, no Regimento
Inglez Amilton havia hum Official inferior
cha-

ıamado *Uniam*, e hum ſimples ſoldado, cha-
.ado Valentim. Eraõ pois eſtes dous accerri-
os Rivaes, ſobre ſeus amores particulares.
niam, que era Official de Valentim, o mor-
ficava quanto podia. Valentim tudo ſoffria
ɔm forte animo; algumas vezes ſe lhe ou-
ıaõ algumas queixas neſtes termos: » Eu da-
rei a vida para me vingar deſte tyranno. »
'endo-ſe paſſado algum tempo, foi a compa-
hia nomeada para o ataque de hum forte,
n que Uniam, e Valentim foraõ do meſmo
umero. Fazendo os Francezes huma ſahida
ɔra, foi Uniaõ ferido em huma coxa, e ca-
io do cavallo. Como os Francezes aperta-
ıaõ, e temendo o Official inferior o ſer piza-
ɔ pelos cavallos, gritou ao Valentim, di-
endo: Valentim, naõ me acodes neſta af-
icçaõ! podes deixar-me! abandonar-me!
.pea-ſe de repente o generoſo Valentim,
ıega ao Official, pega nelle, e o leva a tra-
ez de mil perigos, e pelo campo inimigo até
Abbadia de Salſime. Neſte ſitio veio huma
alla de artilharia, e levou Valentim, ſem
ffender a Uniam. Eſte Official eſquecendo-
e da ferida, ſe levantou arrancando os cabel-
ɔs de afflicçaõ, e lançando-ſe ſobre o defun-
to:

to : » ah! Valentim, rompendo os ares con
» ais, e foluços, Valentim! por amor d
» mim he que tu morres! por mim que t
» tratei com tanta barbaridade! Eu naõ pof
» fo, nem devo fobreviver-te, naõ, eu na
» quero! » Por mais diligencia que fizera
naõ foi poffivel feparar mais Uniam de Valen
tim. Levaraõ-no para a tenda, mas fempr
agarrado ao feu bemfeitor. A' força lhe cura
raõ a ferida; mas fempre no dia feguinte mor
reo Uniam de fentimento. Os foldados, qu
fabiaõ a fua defuniaõ, choravaõ como men
nos, obfervando efte fino amor do Official,
grato obfequio a feu funeral, &c.

Mr. Steele, que conta efta hiftoria, pro
poem efte Problema: Qual deftes dous foge
tos moftrou maior grandeza de alma; ou o qu
poz a vida por feu inimigo, ou o que lhe na
quiz fobreviver? Se o meu voto tiver lugar
digo, que Uniam deve efte entuziafmo d
virtude, que o inflammou, ao heroico de fe
inimigo, e o imitador nunca he tamanho co
mo o modello. He bem verdade, que Valen
tim era muito capaz de fazer o que fez Unian
&c.

412 Tendo deus Capitães Francezes, am
bos

s Fidalgos, ſuas differenças; e terminan-
-as pelas eſpadas, em lugar apartado (am-
s cheios de honra) o chamado *Saint An-
ol*, mais forte, e deſtro, deſarma o con-
rio, (*Lious*) fere-o, e logo lhe reſtitue a
pada, que lhe tinha tirado, com ſinaes de
nra, e eſtimaçaõ. Elles fizeraõ toda a dili-
ncia, para que eſte ſingular combate foſſe
culto. Naõ obſtante o General fallou nelle
Saint Andiol; o qual cheio de honra, diſſe,
ie a pendencia ſe terminara de parte a parte
m ventagem; affirma que eſtá ſatisfeito, e
ie ſeu adverſario he hum dos mais intrepi-
os, e valentes que conhece. Sabendo Lioux
que Saint Andiol dizia, nega que a tal con-
ſaõ ſeja certa, e que a acçaõ ſe paſſaſſe da-
iella fórma, e confeſſa que elle devia a vida
Saint Andiol, e ſe queixa que eſte Senhor
time taõ pouco a victoria, que alcançou,
ıra ſe querer roubar a gloria della, &c.

413 Contaõ as Hiſtorias Arabigas, que
ouve hum Principe chamado Hatem, que
oi o mais generoſo, que ſe conhece no
iundo. Os Monarcas ſeus vizinhos eraõ os
iais cioſos de ſeu bizarro, e galante modo de
ızer bem ao genero humano. Seu nome ain-
da

da hoje vive na fama daquelles póvos. Vive
antes de Mahomet. O Rei de Damafco qui
examinar fe a fama que delle corria era verd
deira, mandou huns grandes prefentes a H
tem, e ordem a feu Embaixador para lhe p
dir vinte Camellos de pello ruivo, e olh
pretos. Efta efpece he muito rara, e por co
fequencia de grande preço entre elles. Hate
fez as maiores diligencias pelos expreffad
Camellos, e a preço exceffivo pode confegu
cento, que goftofo enviou ao Monarca D
mafceno, e feu Embaixador cheio de prefe
tes: que obrigou a confeffar aquelle Mona
ca, que as obras de Hatem eraõ maiores, q
a fama, &c.

414 O Rei Damafceno, querendo torn
a tentar a Hatem, lhe tornou a mandar
mefmos Camellos carregados de preciofos e
tofos de ouro, e prata. Obfervando Hate
aquella acçaõ, generofo fem igual, mando
vir á fua prefença os que conduziaõ os Came
los, e lhes diftribuio naõ fó taõ preciofas t
las, mas os animaes taõ eftimados; de form
que o Rei exclamou, que fe dava por vencid
de taõ generofo Principe, &c.

415 Quiz tambem o Imperador de Cor
ftan-

ntinopla, (que naõ era ainda de Turcos)
aminar, e experimentar a generoſidade do
incipe Arabio, que tanto voava pelo mun-
 ſua brilhante grandeza.

Entre innumeraveis cavallos, que Hatem
ſſuia, tinha hum que elle muito eſtimava,
is a natureza naõ tinha formado outro mais
rmoſo, nem mais ligeiro, pois vencia os
ados na carreira. Naõ era menos célebre na
a formoſura, que ſeu dono por ſua brilhan-
 generoſidade. Querendo pois o Imperador
etter á prova a grandeza da alma de Hatem,
o mandou pedir. Para o que lhe enviou hum
rincipe de ſua Corte com magnificos preſen-
s; e como eſte Senhor chegaſſe de noute,
chuva, e Hatem naõ prevenido para taõ ſu-
ime Principe, e ſeus gados, e carneiros
tiveſſem muito longe nos paſtos, foi o Em-
ixador de Ceſar recebido pelo mais magnifi-
 de todos os homens, com aquellas demon-
raçoens, que a hum tal Senhor era devido.
omo pois era tarde para ir buſcar carnes, fez
atem matar o cavallo, que o Imperador que-
a, para hoſpedar o Principe. No dia ſeguin-
 lhe apreſentou as cartas do Imperador,
ntamente os preſentes. Quando Hatem ſou-
be

be o desejo do Monarca, ficou mortificadissi
mo, e respondeo ao Embaixador: se honten
á noite me houvereis prevenido dessa voss
commissaõ, eu naõ teria agora o desgosto d
naõ poder servir ao Cesar como elle desejava
e daria hum debil reconhecimento da minh
obediencia aos preceitos do Imperador; ma
o cavallo que procurais já naõ existe; porqu
faltando os provimentos de carne para voss
hospedagem, e os nossos gados pastaõ no
Prados daqui longe, &c. Mandou vir logo o
cavallos de melhor raça, e mais formosos,
enviou huma grande porçaõ ao Cesar, pedin
do ao Embaixador rogasse ao Imperador, qu
tivesse por bem aceitar aquella pequena offert
do seu affecto, sentindo no fundo de seu co
raçaõ o naõ poder dar gosto a Sua Magestad
de ver o melhor cavallo do mundo, &c. O
Imperador sabendo o que passou, o elogio
muito, e exclamou que aquelle era o mai
brilhente Astro da genorosidade, &c.

O Rei da Arabia Feliz, Numan, era mu
generoso, e fazia publicar, que quem qui
zesse mercês se encaminhasse a elle; nada en
tentava mais que fazer escurecer a fama da
maravilhas de Hatem, porém inutilmente

por-

orque eraõ tantos os pregoeiros de ſuas gene-
ſas façanhas, e beneficios ao genero huma-
, que ſabendo Numan eſta taõ brilhante fa-
a, lhe concebeo inveja, e deſejou extin-
uillo. « He poſſivel, repetia, que hum Ara-
bio, ſem Coroa, ſem Sceptro, que vaga
pela deſerta, ſe ponha em paralello com-
migo? » Augmentando-ſe pois cada vez
nais ſeu ciume, julgou mais conveniente o
erdello, do que vencello. Para o que man-
ou hum mancebo ſeu Cortezaõ, alentado, e
trevido, capaz de emprender qualquer fac-
aõ de confiança: » Vai, lhe diz, e traze-
me a cabeça daquelle odioſo rival, e tua re-
compenſa ſerá igual ao teu ſerviço. » Che-
ando pois ao ſitio onde Hatem vivia, ſe a-
hou embaraçado, pelo naõ conhecer. Eſtan-
o penſativo na conſideraçaõ do que faria, ſe
hegou a elle hum gallante mancebo, e de
gentil preſença, e o convidou a entrar na ſua
Tenda, e ficou paſmado da nobre civilidade
que nelle encontrou. Depois de o regalar com
huma abundante cea, ſe quiz o hoſpede au-
ſentar. Elle porém o naõ conſentio, e o con-
vidou para ficar alli alguns dias. » Generoſo
» incognito, exclama o hoſpede, eu eſtou
con-

» confuſo de taõ brilhante tratamento, que
» em vós tenho encontrado; mas hum nego-
» cio da ultima conſequencia me violenta a
» deixar taõ amavel companhia. » Seria poſſi-
» vel, reſpondeo o Arabio, que me fizeſſeis
» participante de voſſo projecto? Pois que
» tanto vos intereſſa, e ſois aqui eſtrangeiro,
» podervos-hia eu ſervir de alguma utilidade. »
O hoſpede reflectindo, que nada faria; por-
que além de naõ conhecer Hatem, eſtava em
perigo antre os ſeus, ſe reſolveo revelar-lhe
o ſeu intento. Vós, Senhor, conhecereis a
grande confiança, que da voſſa peſſoa faço,
pois vos vou a revelar hum ſegredo, que naõ
vai menos nelle que o perigo de minha vida.
» Sabereis pois que o Principe Hatem foi con-
» demnado á morte por meu Rei Numan da
» Arabia Feliz, per inveja, e me encarregou
» o aſſaſſinallo, eu me propuz a eſta perigoſa
» impreza; mas como poderei eu cumprir
» ſuas ordens, ſe naõ conheço a Hatem?
» Accreſcentai, Senhor, aos favores que me
» tendes feito mais eſte de mo moſtrardes. »
» Eu vos prometti ſervir-vos; diz o Principe,
» vós ides experimentar ſe eu ſou eſcravo da
» minha palavra: Eu ſou Hatem, deſcubrin-

do o peito, diz, feri, derramai meu sangue, possa minha morte contentar vosso Rei, e attrahir-vos a recompensa que esperais. Advirto-vos, que os momentos saõ favoraveis, naõ differais o executar as ordens de vosso Soberano, e parti logo; as trévas da noute vos roubaraõ á vigilancia da minha gente; se acaso o dia de á manhã vos apanha nestes sitios, estais perdido. »
Estas taõ amorosas palavras tiveraõ o effeito raio sobre Cortezaõ da Arabia Feliz. Ficou go immovel; e tornando a si, se lançou aos s do Principe, beijando-lhos, penetrado do rror de seu crime, e da generosa magnanidade de Hatem, exclamou: » naõ permitta Deos que eu ponha as sacrilegas máos sobre hum taõ generoso, affavel, e benigno Principe: encorra eu muito embora na desgraça de meu Rei, faça-me perecer, que morrerei contente, antes de executar taõ vil acçaõ. » Despedido do Principe, e chedo á presença do Rei, logo lhe procurou la cabeça de Hatem? Dando-lhe conta do ccedido, Numan exclamou: » He com justiça, ó Hatem! que te reverenceaõ como huma especie de Divindade! Os homens
» leva-

» levados por hum ſimples ſentimento, po
» dem dar ſeus bens aos outros homens; ma
» o ſacrificar a ſua vida, iſſo he acçaõ ſobre
» Natureza humana! »

Procurando-ſe a Hatem ſe encontrara al
gum homem mais generoſo do que elle? Se
guramente, reſpondeo. Caminhando hum di
ſó pela Deſerta, paſſei por junto da Tenda d
hum pobre Arabio, que me offereceo a ho
pedagem; como era tarde, aceitei a hoſpeda
gem. Eu tinha viſto voar á roda da habitaça
alguns pombos. Quando eu eſperava, que e
le me deſſe a comer algum arros, e ovos
mantimento ordinario deſta gente, achei hu
pombo aſſado: eu lhe gabei muito ſua gen
roſa bizarria. Diſpondo-me no dia ſeguin
para partir, e excogitando como recompenſ
ria taõ generoſo homem: eis-que vejo cheg
elle com dez pombos aſſados, para eu mett
no alforge para o caminho, rogando-me, q
perdoaſſe a pouquidade, pois eraõ os unic
que tinha. Iſto me affligio ſummamente, pc
via que era toda a riqueza do bom Arabio q
alli me offerecia; mas aceitei-o com toda a e
timaçaõ. Tanto que cheguei a caſa, mand
logo a eſte generoſo homem trezentos Cam

los

›s, e quinhentos carneiros. Vós, Senhor,
›ftes mais generofo do que elle, differaõ os
rcunftantes: » Vós vos enganais, pois em
eu mandar aquelle pequeno prefente nada
fiz, e aquelle homem magnanimo me deu
todas fuas riquezas fem me conhecer, e fem
efperança de recompenfa, &c. »

416 Eftando o Rei de Hefpanha Carlos III a
inda Rei de Napoles, aconteceo que huns
fcravos Turcos da guarniçaõ de huma Galle-
a, fe uniraõ, e ajuftaraõ tomar a fua liber-
ade, para cuja conjuraçaõ elegeraõ hum dia
e fefta, que eftava a maior parte da tripula-
aõ em terra. Mataraõ de repente effa pouca
ente que havia ainda a bordo, e cortaraõ as
marras, e fe fizeraõ á véla, e remo. Eftava
um pequeno foldado de fentinella, filho de
um grande Senhor Napolitano: hum dos
'urcos avançou a elle com huma faca, e o
ınçou ao mar, e logo cahio fobre elle, e o
ılvou em terra. Era o primeiro anno que em-
arcava o tal Senhor. Tanto que o Turco
que era efcravo do Pai) o poz em terra o
braçou com as lagrimas nos olhos, e lhe diffe:
Eu fou fempre voffo efcravo, ou para me-
lhor dizer de voffo Pai, meu bom Patraõ,

» que me tem tratado com tanta caridade : e
» finto bem pouco a liberdade que hia toma
» com os da minha Naçaõ , pois que ella he
» preço de vossa preciosa vida. Se eu mostra
» se o querer-vos salvar , seria o meio de e
» ter o desgosto , a afflicçaõ de vos ver per
» cer sem o poder remediar , e arrancar d
» suas crueis máos. » Sabida pelo Senhor ,
acçaõ taõ generosa de seu escravo , naõ
lhe concedeo a liberdade , mas muito grand
mercês. Sua Mageſtade Catholica , hoje d
Hespanha , sabendo a brilhante acçaõ , que
Turco havia obrado , e admirando a grande
daquella alma , o mandou chamar , e lhe di
se : » Qual queres , viver em Napoles co
» huma pensaõ vitalicia , ou ires para a t
» terra com huma porçaõ de dinheiro ? » El
elegeo a ultima , &c.

417 Cahindo em desgraça do Rei de I
glaterra , seu Ministro , o Cardeal Wolse
por consequencia todos os Grandes o aband
naraõ , e povo aborreceo. Hum unico home
que tinha sido seu familiar , e a quem o Ca
deal tinha dado a maõ , chamado *Fits* W
lians , se atrevia a fazer o seu elogio , e
convidou para ir para huma sua quinta , ou
menos

enos de ir lá jantar hum dia. O Cardeal sen-
'el a taõ grande zelo de seu antigo servo,
i, onde o banqueteou explendidamente, e
cebeo com as maiores demonstraçoens de re-
nhecimento a seu bemfeitor.

Houve quem o denunciou aò Rei de elle o
ceber na quinta, e o tratar assim. Man-
u-o chamar, e lhe disse de tom severo:
omo tiveste a audacia de receber em tua casa
Cardeal accusado de alta traiçaõ. Eu, Se-
or, naõ recebi o máu Cidadaõ, nem infiel
ssallo de V. Magestade, nem o Ministro des-
açado, nem o criminoso de Estado; mas sim
meu respeitavel, e antigo Patraõ, que me
u o paõ que possuo, e delle tenho a tran-
illidade de vida que gozo.. Eu abandonaria
sua desgraça este taõ bom Amo! Este ge-
roso, e magnifico bemfeitor!

Se eu, Senhor tal executasse, passaria pe-
mais ingrato dos homens! O Rei quadrou-
tanto a bondade, e amor deste homem pa-
com o seu bemfeitor, que logo alli o fez
bre, e em pouco tempo seu Conselheiro
vado, &c.

418 Observando hum Sultaõ huma formo-
mulher em hum eirado, que muito lhe agra-

dou, chamou huma efcrava, para faber quer
ella era: » He, Senhor, diz, mulher de vo
» fo primeiro Miniftro, chamada *Chenfenniffa*
» que he o mefmo que Sol das mulheres
» pois paffa com razaõ pela mais formofa de
» ta Corte. » Ifto obrigou a fazer o Sultaõ d
ligencia de lhe dar a faber o quanto a amav
O que lhe fazia obftaculo era o feu Miniftro
para o que o mandou chamar, e lhe encun
bio huma diligencia longe da Corte, para
affaftar; porque faõ os Orientaes extrem
mente ciofos das mulheres. Foi taõ precipit
damente a executar a fua commiffaõ, que l
efquecco em cafa a Ordem por excrito do S
berano. Logo que o Rei foube a aufencia
Miniftro, foi incognito a cafa delle; hum E
nuco o introduzio no quarto della, fem ell
faber; que ficou á vifta do Soberano, co
fóra de fi, temerofa naõ fabe o que fazer
via, pois era honefta, e naõ penetrava o
tento do Soberano, poz os olhos a terra; n
conhecendo o depravado intento do Sulta
fe animou, e lhe diffe com refoluçaõ, p
pondo-lhe efte inigma: » O nobre Leaõ
» julgaria vil fe tocaffe nos reftos do lobo
» efte Rei dos animaes defpreza o beber
» rega

regato, que o caõ com a sua lingua manchou. » O Monarca que percebeo o inigma,
:ou convencido, que pelo caminho que se-
:ia naõ aproveitava; e naõ querendo usar da
olencia, se retirou confuso, e a turbaçaõ
e fez esquecer huma chinella de ouro na dita
.sa. Neste tempo chega o Ministro a buscar
papel, e acha a chinella do Sultaõ, que co-
:eceo logo a idéa de o querer affastar da
orte. Perplexo foi á sua commissaõ, e vol-
ndo, cuidou logo em repudiar a mulher,
:m fazer estrondo, e naõ perder o seu cargo.
Deu á mulher cem peças de ouro, e lhe
sse, que tinha de preparar aquellas casas, que
sse ella estar alguns dias a casa de seus pais.
ua casta Esposa, que nada tinha que se lhe
:prehender, estava mui fóra de suspeitar o
ie passava. Nunca mais o marido appareceo,
epois de tempos bastantes. Huma taõ longa
isencia admirou a esta Senhora, e suspeita a
:us Irmãos. Estes picados foraõ procurar o
Iarido, e lhe disseraõ, que motivo tinha pa-
a haver abandonado tanto tempo sua Esposa:
e ella está culpada, nós lavaremos em seu
ingue o ultraje que nos faz. Eu paguei, diz,
vossa Irmã o dote que lhe prometti, nada
tem

tem que me pedir. Irritados desta proposta, o
accusaraõ para diante da justiça, a cujo Tri
bunal costumava sempre o Rei assistir. Nós
Senhor, disseraõ, alugamos a Feirouz hun
delicioso jardim; o qual era hum terreste Pa
raiso: entregamos-lho cercado de muralhas
plantado de mui formosas arvores, ornadas d
brilhantes flores, e cheias de frutos. Elle po:
por terra as muralhas, destruio as tenras flores
e devorou os mais bellos frutos. Pertende ell
agora restituir-nos o jardim despojado de su
gala. Perguntando o Juiz ao Ministro o qu
respondia áquillo, elle disse: » He verdade
» Senhor, qve eu abandonei esse lugar de de
» licias, a meu pezar, que tanto estimava
» mas passeando eu hum dia em hum delicios
» arvoredo delle, encontrei huma terrivel pe
» gada do leaõ; o terror preoccupou minh
» alma, e estimei mais ceder a este bravo an
» mal a posse do meu jardim, do que expo
» me á sua cólera. » O Rei percebendo a a
legória de seu Ministro, lhe disse: » Torn
» Feirouz a entrar no teu jardim, naõ duv
» des: he verdade, que o Leaõ lá poz o pé
» mas naõ pode tocar em algum fruto, e dell
» sahio cheio de vergonha, e confusaõ. !
» mais

mais ouve jardim mais formoſo, nem mais bem guardado de ladroens. « Eſtas palavras, ndo para os preſentes allegorias, eraõ enndidas do Sultaõ, e de ſeu Miniſtro. O qual eitou a Eſpoſa, e a eſtimou cada vez mais, c.

419 Invejoſos fizeraõ hum crime ao geneſo General Gaſſion, Francez, de que tiia hum grande numero de criados, de ſorte ie Luiz XV. ſe perſuadio diſſo, que lhe naõ aõ neceſſarios tantos criados, lhe diſſe hum a: He verdade, Senhor, reſponde o Mahal prompto, que eu naõ tenho preciſaõ de nta gente, mas toda eſſa gente neceſſita de im.

420 Vindo o Gram Turco Solimaõ para a onquiſta de Belgrado, nos confins de Unia: huns ſoldados de ſeu Exercito, roubaõ huma pobre mulher. Veio ella queixar-ſe Soberano, dizendo: » Voſſos ſoldados, Senhor, todo o meu gado, e por conſequencia a minha vida me levaraõ, pois naõ tenho outra couſa de que me poſſa valer; e iſto em quanto eu dormia. » O Monarca, ido-ſe, diſſe: » Vós dormieis muito, pois naõ ſentiſtes ladroens. » *Sim, Senhor*, eu

dor-

dormia na consideraçaõ, que vós vigiaveis no público, respondeo a mulher. O Gram Senhor gostou tanto da sutil reposta daquella camponeza, que lhe fez dar muito mais do que lhe tinhaõ roubado, &c.

421 Este mesmo Solimaõ, tomando o Castello de Buda na Ungria, achou na prizaõ o Governador, e General Nadaste, procurou a causa? os Alamaens lhe confessaraõ, que Nadaste os tratava de traidores, e pérfidos fracos, porque elles lhe instavaõ que capitulasse com Sua Alteza. O Gram Senhor louvou muito a Nadaste, e o mandou embora cheio de presentes, e condemnou á morte todos os que concorreraõ para a entrega da praça. *Historia de Foresti*, &c.

422 O Duque de Malbourough, foi hum famoso General Inglez. Fallando-se na presensa de Milord Bolingbrook da cruel avareza de que accúsavaõ o dito Duque, e repetia varios factos, a que apontavaõ por testemunha occular o dito Milord, que na Campanha tinha sido inimigo declarado do Duque. Respondeo honrado, naõ querendo manchar a gloria daquelle famoso General: » Foi Malbourough hum tal homem, e taõ insigne » que

que eu me esqueci totalmente de todos seus vicios, &c. »

423 Jantando Scha-Abas, Rei da Persia, n casa de hum seu valido; bebeo-lhe muito em, e depois quiz entrar no Serralho de suas mulheres; porém o porteiro lhe defendeo a ntrada, dizendo: » Em quanto eu estiver neste lugar, naõ entrará aqui outro bigode, que o de meu Amo. » Tu naõ me conheces, diz o Monarca? » Vós, Senhor, sois Rei dos homens, mas naõ das mulheres. » O Soberano gostou desta graça, e se retirou. Saben-o o valido o que havia o Porteiro passado com Rei, se foi lançar a seus pés, supplicando-he perdoasse a grossaria do seu Porteiro, por uja descortezia o acabava de despedir do seu erviço. » Elle no que fez, diz o Soberano, naõ obrou mal; mas já que o despedes de teu serviço, eu o tomarei para o meu. » Logo lhe fez dar hum emprego.

Generoso reconhecimento de hum Valido do Califa de Bagadad.

» Estando eu, diz, huma noute com o » Monarca, alli apresentaraõ hum homem li- » gado de pés, e mãos: o Soberano me or-

» de-

» denou, que guardasse este prizioneiro de Es-
» tado até o dia seguinte. Elle me pareceo
» muito irado contra o dito prezo. Procuran-
» do-lhe em minha casa, donde era; em Da-
» masco, e Bairro de Mesquita grande nasci,
» e me criei, responde. Deos lance mil ben-
» çoens sobre vossa Cidade, e particularmen-
» te sobre o Bairro, que habitais. A minha
» vida a devo a hum morador desse Bairro. Ha
» já annos que descontente o Califa do Gover-
» nador de Damasco, o depoz do imprego:
» eu acompanhei o novo Vice-Rei. No tem-
» po que o novo tomava posse, houve huma
» controversia entre o novo, e velho; e co-
» mo o antigo tinha tratado bem a Tropa, nos
» accommetteraõ com tanta violencia, que eu
» fui obrigado, para salvar a vida, a saltar
» por huma janella; e fugindo, achei no vos-
» so Bairro hum palacio onde me refugiei; e
» topando o senhor delle, lhe suppliquei me
» valesse em taõ apertado lance. Elle genero-
» so me occultou no interior de sua familia,
» onde estive hum mez muito bem tratado.
» Hum dia este bemfeitor me avisou, que es-
» tava para partir para Bagadad huma carava-
» na, isto he, multidaõ de gentes, e Mer-
» cado-

cadores armados, paramor dos ladroens. Se eu tinha desejo de tornar a ver a minha patria, naõ poderia encontrar occasiaõ mais favoravel. Eu fiquei mudo, sem ter animo para lhe representar a minha indigencia, e o deploravel estado em que me achava, sem provisaõ alguma, nem dinheiro para a fazer, e por consequencia obrigado a seguir a Cafila a pé, e morto de fome. No dia seguinte fiquei admirado da bondade daquelle magnifico homem, pois me apresentou hum soberbo cavallo, huma azemola de provisoens de boca, e hum escravo para me servir; adiantou-se mais sua admiravel generosidade: deu-me huma bolsa de moedas, e elle mesmo me encommendou aos da caravana, particularmente a alguns seus amigos. Este o grande beneficio, que na vossa Cidade recebi, e que ma faz taõ amavel. Toda a minha mágoa he naõ ter mais noticia do meu amavel amigo: eu morreria contente, se lhe podesse de alguma sorte (o quanto lhe sou affectuoso, e obrigado) mostrar o meu reconhecimento. Vossos desejos, Senhor, estaõ satisfeitos; porque eu sou o mesmo que em minha casa vos rece-

» bi:

» bi : naõ me conheceis ? Pelo tempo ter ſido
» muito , que tinha medeado , e as feições do
» roſto maltratadas pela afflicçaõ , faziaõ com
» que o deſconheceſſe ; porém examinando-o
» com mais attençaõ , e certos ſinaes que me
» deu , fiquei ſciente que era o meſmo. Logo
» o abracei com as lagrimas nos olhos , tirei-
» lhe as prizões , e lhe procurei , porque culpas
» o accuſavaõ diante do Monarca ? Inimigos
» deſprezaveis me malquiſtaraõ com o Sobera-
» no falſamente , e me fizeraõ partir com tan-
» ta precipitaçaõ , que nem da minha familia
» me pude deſpedir , e dar-lhe os ultimos a
» Deos. A ſorte que me eſpera ignoro. Se o
» decreto de minha ultima pena eſtá pronun-
» ciado , ſupplico-vos , que façais ſaber ao
» Monarca a minha infelicidade. Naõ , meu
» mui prezado amigo , vós naõ tereis perigo
» eu vo-lo aſſeguro , eſtais livre deſde eſte
» momento , vós ſereis entregue á voſſa fami-
» lia. Procurei os melhores eſtofos de ouro
» e lhe roguei que os offereceſſe da minha par-
» te a ſua amada conſorte : parti hoje meſmo
« aqui tendes eſta bolſa com mil ſequinos , ou
» hum conto e ſeiſcentos e ſincoenta mil reis
» Nàda ſe me dá incorrer na cólera do Califa ,

» com

com tanto que eu tenha a consolaçaõ de salvar a vida ao meu prezado amigo. Que me propondes, respeitavel amigo, diz o Damasceno, pois vós me julgais capaz de sacrificar huma vida, que em outro tempo com tanto cuidado salvei? Naõ, naõ, eu naõ aceito a vossa generosa offerta, procurai mostrar ao Monarca a minha innocencia, e caso que o naõ possais abrandar, eu mesmo irei de boa vontade offerecer a minha cabeça, para que della disponha, e finalize meus dias, levando a certeza que os vossos fiquem seguros. Por mais diligencia que eu fizesse, nada quiz aceitar. Achei o Monarca vestido de cor de fogo, symbolo de sua cólera; tanto que me vio longe, me procurou pelo prezo; e ordenou viesse o algoz, para o mandar executar. Eu lançando-me a seus pés, lhe disse: O prezo, Senhor, ...
» Estas minhas palavras o encolerizaraõ mais;
» e disse: eu juro pela alma de meu Avò, de
» te fazer morrer, em lugar do prezo, se o
» deixastes escapar. A sua, e minha vida es-
» taõ sempre ás vossas ordens; mas o que a-
» contece a esse respeito, eu teria grande gos-
» to, se V. Mageftade tivesse a bondade de
» ter

» ter a paciencia de me ouvir. Falla pois, e
» dize o que ha. O odio, e inveja ſe conjura-
» raõ, Senhor contra eſte bemfeitor: contei-
» lhe tudo. Elle naõ tem alma para taõ más
» calumnias, e impoſturas, que lhe armaraõ.
» O Principe, que tinha alma grande; por
» teu reſpeito, diz, lhe perdo-o, vai-mo
» buſcar. Eu lhe beijei a maõ por taõ ſingular
» fineza, e o fui logo participar ao meu ami-
» go, e lho apreſentei. Aquelle Monarca o
» honrou com huma rica roupa, que era coſ-
» tume dar-ſe a Grandes do Reino, dez caval-
» los formoſos, dez machos, e dez camel-
» los, todos de ſuas Reaes cavalharices; e
» dez mil ſequinos para o caminho, e huma
» Carta de recommendaçaõ para o Vice-Rei,
» &c. »

424 Em 1704 o Exercito dos Alliados, Alemaens, Inglezes, Hollandezes, e Hanoverianos, os primeiros do mando do General Principe Eugenio, Chefe do Imperador Jozè I., e os Inglezes os mandava o Duque de *Malbouronch*. O Exercito Francez, commandado pelo Marichal de Tallard, ſe hia incorporar com o Duque de Baviera. Sahiraõ-lhe os Alliados ao encontro, e desfizeraõ total-

mente

ente o Exercito Francez. Foi taõ exceſſiva a
:rda, que tomando huma partida hum cor-
io, que hia a París, affirmavaõ as cartas,
ıe paſſou de quarenta mil homens a perda en-
e mortos, e feridos, prizioneiros, e diſper-
s. Só prizioneiros foraõ treze mil, em que
ıtrava o meſmo Marichal de Tallard, &c.

425 Eſtando Carlos VI. Imperador de Ale-
anha, entaõ III. de Heſpanha, em a Cida-
: de Barcelona, porque lhe obedeciaõ Ara-
ıõ, Valença, e Catalunha, e os mais a ſeu
:imo Filippe V. Chegou de Toulon huma
rmada Franceza de vinte e ſeis Náus de li-
ıa, e igual numero de Fragatas, e hum
xercito de terra de vinte mil homens France-
:s, e Heſpanhoes, para porem ſitio á meſ-
a Barcelona. O Rei Carlos quiz ſahir, po-
m os fieis Catalaens lhes ſupplicaraõ os naõ
:ſemparaſſe; porque caſo que as couſas cor-
ſſem adverſas, elles ſe offereciaõ a ſalvallo
travez de ſeus inimigos. O Monarca obſer-
ındo taõ generoſo offerecimento, eſtimou
ais o paſſar por onde paſſaſſem aquelles fieis
ıſſallos, que o ficar fóra da praça ſem peri-
).

Chegado o Exercito (commandado pelos
Ma-

Marichaes de França, Duque de Noailles, Teffé, e o melhor Engenheiro de Franç Mr. Lapera) pozeraõ fitio ao Caftello d Monjuich; e depois de huma forte refiftencia e perda dos Francezes, o renderaõ. Abrira brecha nas muralhas da Cidade, e lançara muitas bombas, e incommodaraõ baftant mente; porém foffreraõ fortes fahidas dos Cat laens, que lhe mataraõ muita gente. As me mas galleras fizeraõ damno na Cidade; po que fe chegavaõ mais á terra.

Eis-que de repente chega huma Fraga Franceza, vinda do Occeano, e fe avizinha Commandante, e lhe diz: Aqui vem, Senho huma formidavel Armada Igleza, e Holla deza de fincoenta e tres Náus de linha em fo corro de Carlos III. Logo o Commandante mar fez final a toda a Armada para levar fe ro, e fe fez á véla em bufca do porto de To lon. O Exercito de terra, temendo os Ca laens com a chegada da groffa Frota, e fo corro taõ prompto, na noite feguinte levar todas as tendas, e bagagens como podera mas com tanta precipitaçaõ, que nem tem o medo lhes concedeo para encravarem cer e quarenta peças de bronze, doze de camp nha

ha, e as mais de varios calibres: vinte e se-
: morteiros de bronze com ſuas caixas de fer-
): ſinco mil barris de polvora: quarenta mil
allas de artilharia, de diverſos calibres, ſem
ontar as que ſe acharaõ na Cidade, e foſſos:
uas mil bombas carregadas: quinhentos bar-
s de ballas miudas: quarenta mil enchadas,
icaretas, e outros inſtrumentos de mover a
erra: doze mil pares de çapatos: dous mil
acos de farinha: tres mil ſacos de cevada:
uma grande porçaõ de trigo: duzentas eſca-
as de maõ: hum grande numero de carretas,
outros inſtrumentos de mover a artilharia.
icaraõ dous mil doentes, e feridos; e re-
eando o Marichal de Teſſé a furia, e cruel-
ade dos Miqueletes, deixou duas cartas, hu-
a para o General Inglez Milord Peterbo-
ough, e a outra para o General Hollandez
onde de Ulefeld, recommendando-lhes os
iſeraveis que alli ficavaõ, que uſaſſem com
lles de compaixaõ. Os ditos Generaes o cum-
riraõ caritativamente, &c. *Relaçaõ de* 1706.

426 No apertado cerco, que o numeroſo
xercito de duzentos e ſincoenta mil Turcos
oz a Vienna de Auſtria, houve huma fome,
careſtia de proviſoens extraordinaria, e mor-

reo mais gente por falta disso, que pelo ferro dos Turcos, anno de 1680. Foi taõ excessiva a falta, que se vendia hum ovo por 300 reis, hum paõ 400 reis, hum arratel de carne o mesmo; huma gallinha tres patacas, e hum perum por seis, &c. O Imperador Leopoldo, Avô do Senhor Rei D. Pedro III. sahio precipitadamente da Corte, e ficou commandando o Conde Estaremborg, Official de magnifico merecimento, o qual recebeo quanto lhe foi possivel, a furia Turquesca. Estando a Corte nesta consternaçaõ, e aperto com taõ numeroso Exercito, chegou em auxilio, e soccorro do Imperador o Rei de Polonia, com hum Exercito de trinta mil homens, gente escolhida; e unindo-se aos Imperiaes, cahiraõ sobre a multidaõ daquelles barbaros, em doze de Setembro do mesmo anno de oitenta, e os derrotaraõ inteiramente; naõ sem grande custo de mortos, e feridos. Principiou-se a acçaõ pelas seis da manhá, e acabou-se pelas seis da tarde. O Gram Visir, Commandante dos Turcos, fugio deixando toda sua bagagem, tendas, artilharia, e mantimento para dous Exercitos.

Se a noite se naõ avizinha, nem hum Turco

volta

olta á ſua patria. Perderaõ na batalha os Tur-
os ſeſſenta mil homens, e no alcance tres mil,
m que entraraõ muitos Bachás. Em dous me-
es que o cerco tinha durado, perderaõ os
Turcos ſincoenta mil homens.

O Exercito dos Alliados conſtava de cem
nil combatentes, perderaõ eſtes na acçaõ
uatro mil homens; entre elles o Senhor de
Potoski, Sobrinho do Rei de Polonia, e ou-
ros Cabos. O Eleitor de Saxonia foi ferido
e huma frechada pela cara, &c. Os Imperiaes
inhaõ morto ao Turco em varios encontros
quarenta mil; ſó em hum Rebelim, que elles
inhaõ minado, e hum Engenheiro lhe fez
ontra-mina, ao arrebentar fez ſeu effeito pa-
a a parte dos Turcos, e matou tres mil. A ri-
queza que ficou foi immenſa: ficaraõ tres mil
prizioneiros. O campo (por eſpaço de oito
eguas) eſtava todo juncado de corpos mortos,
le cavallos, e camellos. Entre os mortos dos
Chriſtãos, entrou o Principe Mauricio de
Croy, e o Theſoureiro mór do Rei de Polo-
nia. Achou-ſe no deſpojo dos Turcos o Real
Eſtandarte de Mafoma; mil Bandeiras, e Eſ-
andartes; ſincoenta mil Tendas grandes, e
pequenas; a barraca do Gram Viſir, e ſua

mobilia, foi avaliada em oitocentos mil cruzados: nella se achou a Caixa Militar com cincinco milhoens de ouro, Sello Real, Secretario, papeis, &c.

Os petrexos de guerra se avaliaraõ em tres milhoens: dezaseis mil carretas a tres cavallos cada huma: sinco mil quintaes de polvora: cento oitenta e duas mil ballas de ferro: duzentos carros de arros: sinco mil camellos: dez mil bois: dez mil bufalos: quatro mil quintaes de chumbo: seis mil quintaes de morraõ: dezoito mil granadas de bronze: duas mil de ferro: tres mil bombas grandes: sincoenta quintaes de pez, e rezina: de azeite de pedra para fógos artificiaes cem quintaes: sincoenta mil quintaes de salitre: trinta mil picoens, e pás de ferro: dez mil enxadas: quatro mil pelles de carneiro: sinco mil pessas de panno para barracas, &c.

Chegando o Embaixador Imperial (vindo de Constantinopla) ao sitio onde se abarracou o Gram Visir com as reliquias Turquescas, teve o desgosto de ver aquelle barbaro Karrá-Mustafá, fazer degollar dez mil Christáos, que tinha cativado em diversas occasioens, &c.

Ra-

'ara desgraça que aconteceo na Villa de Campo maior, anno de 1732 em 16 de Setembro.

427 Apparecendo huma espantosa trovoa-
1, que se julgava dividir-se em duas, huma do
ul, outra do Norte. Correo huma para outra,
)r modo de Exercitos que se accommettem;
ajuntando-se, entraraõ a chocar sobre o Ori-
)nte da Praça. Referiraõ pastores, que vi-
ō cahir sobre huma antiga torre do Castello,
es raios, e que o terceiro fez o estrago, que
)u a referir.

Pelas tres horas da noite se ouvio hum
)rrorofo estampido, que fez voar a torre
ande, em que estavaõ 5743 arrobas de pol-
)ra, com quantidade de granadas, e bom-
s atacadas; e foi tal a violencia, que até os
oprios alicerces arruinou: arruinou outras
atro torres mais pequenas, e só huma ficou
1 pé, ainda que arruinada de hum lado; e
i providencia Divina, o escaparem sincoenta
rris de polvora, que nella estavaõ, que a
garem fogo, nenhuma casa escaparia. He
:rivel o estrago, que a torre fez, cahindo
ɔre as casas, e sepultando seus moradores:
guns se acharaõ vivos. O Convento, e Hos-
pital

pital de S. Joaõ de Deos ficaraõ arruinados ; onde morreo hum Religioſo Sacerdote. O de S. Franciſco teve baſtante ruina , e morreraõ nelle tres Padres , e alguns feridos mortalmente. Levou o fronteſpicio , e ſinos da Matriz. O Hoſpital da Miſericordia tambem teve ruina. Só a milagroſa Imagem de S. Joaõ Baptiſta , Protector da praça , naõ teve perigo : talvez pode ſua interceſſaõ livrar a torre dita pois eſtava para a parte da ſua Capella. O Governador Eſtevaõ da Gama , e ſua familia ficaraõ illezos , ſó ſeu Irmaõ Diogo de Monro da Silva ficou ferido. Houve familias de qu naõ eſcapou peſſoa alguma. Mais de duzenta morreraõ , e muitos aleijados , e feridos , todos pobres.

Tanto que o Governador das Armas Cor de de Alva , teve noticia daquella infelicid: de , veio promptamente a Campo maior , mandou vir dous deſtacamentos de Elvas , Olivença , de cento e ſincoenta homens cac hum , para deſentulharem a Villa. O Cabic de Elvas , caritativamente enviou dous Con gos com cem moedas , para ſe acudir aos e fermos , e ſepultar mortos ; e trouxeraõ : meſmo tempo quantidade de medicamentos , pro

provisoens de boca, para soccorrer aquelles miseraveis, que ficaraõ arruinados.

As casas ficaraõ taõ danificadas, que estando no dia seguinte dous homens conversando, desabou huma chaminé, e os matou. Tanto que veio, e chegou a noticia de taõ triste nova ao Senhor Rei D. Joaõ o V. mandou logo postilhaõ com ordem ao General, que mandasse os mais peritos Cirurgioens, boticas, mantimentos, e que a Provincia acudisse logo com todo o preciso. Reedificaraõ-se as torres melhor do que estavaõ, e duzentas Casas, &c. *Montarroyo*, *Gazeta de Lisboa.*

428 Ordenando o Rei de Leaõ, D. Bermudo II. anno de 942, que se lançasse o Bispo de Sant-Iago D. Atheulfo, a hum sitio onde estava hum bravo touro, para o matar. O animal chegando-se ao Santo Bispo, taõ manso como hum cordeiro, pondo-lhe os cornos nas mãos, lhos deixou nellas, e se foi. Cujo espectaculo abrandou o Rei; e o Santo Bispo fez collocar os ditos cornos no Altar Mór da Sé do Principado das Asturias de S. Salvador de Ooviedo, para memoria daquelle prodigio.

429 Estando D. Pedro Alvares Cabral, Senhor de Bel-Monte, por Ministro Portu-

guez,

guez, Plenipotenciario na Corte de Madrid; anno de 1735, aconteceo que ſeus lacaios, e outros de outros Miniſtros, tiraraõ das mãos da juſtiça hum prezo, e o recolheraõ na caſa do dito Senhor. Elle tanto que o ſoube, deſapprovou tal proceder, logo os deſpedio, e o prezo ſe poz em ſeguro. Logo deu parte ao Preſidente de Caſtella, e que aquelle ſucceſſo lhe era mui ſenſivel: que o reſpeito, que elle profeſſava, e queria que ſeus criados tiveſſem o meſmo ás Juſtiças de Sua Mageſtade Catholica, lhe inſpirava eſta veneraçaõ. Naõ obſtante eſta confiſſaõ, dezanove criados do Miniſtro foraõ levados ás cadeias públicas. Logo que o Senhor Rei D. Joaõ V. recebeo taõ deſagradavel nova, mandou levar ás prizoens igual numero de criados do Marquez de Capecelatro, Embaixador de Heſpanha. Ordenou ao Senhor de Bel-Monte, que ſe auſentaſſe de Madrid, e o meſmo fez o de Heſpanha de Lisboa. As duas Coroas ſe pozeraõ em tom de guerra, e ſe pozeraõ em Alem-Tejo quarenta mil homens de Tropa. Envìou a Inglaterra D. Antonio de Azevedo, para conduzir todos os armamentos; e pedir a Sua Mageſtade Britanica hum ſoccorro. Logo ſe

pre-

reparou a Armada grandiosa, e chegou a Lisboa, commandada pelo Almeirante, ou General Norris; e vinte mil homens de desembarque, tudo ás Ordens de Sua Mageſtade Portugueza. Proveraõ-ſe as praças, e eſtava tudo em termos de rompimento: eis-que a mediaçaõ de Suas Mageſtades Chriſtianiſſima, e Britanica, e os rogos das duas Princezas das Aſturias, e do Brazil, huma filha de Sua Mageſtade Fideliſſima, e outra de Sua Mageſtade Catholica, pozeraõ tudo em ſocego, &c.

430 Reinando em Portugal o Rei D. Sancho II. perderaõ os Chriſtáos o Reino de Jeruſalem, depois de o haverem poſſuido por eſpaço de oitenta e oito annos, no de 1187. O Rei Guido deu a ultima batalha ao Gram Turco Saladino, e a perdeo, e ſeu Reino. O Rei Gottifredo o havia fundado. Reinaraõ nelle nove Reis, ſinco Balduinos, hum Fulcon, &c.

431 O Infante D. Pedro foi Principe ſábio, prudente, e virtuoſo. Depois de ajudar a tomar Ceuta aos Mouros, a ſeu Pai Dom Joaõ I., foi a Jeruſalem, eſteve na Corte do Gram Soldam do Egypto, e Gram Turco; e

de

de hum, e outro recebeo famofas honras, e
avultados prefentes. Em Roma o tratou con
paternal affecto Martinho V. Encontrou evi
dentes provas de benevolencia em todos o
Principes de Italia, e liberalidades.

Paffou a Alemanha, Hungria, e Dacia
Servio na guerra que Sigifmundo Imperado
tinha contra Turcos, com tal fciencia, e va
lor Militar, que o dito Monarca lhe fez merc
da Marca Traviziana na Italia, de que tomo
o nome de Marquez de Travizo. Paffou a In
glaterra, onde reinava feu Tio Henrique IV.
que o recebeo com grande pompa, e magefta
de. Alli profeffou a Ordem da Jarreteira. Vol
tou de lá por Aragaõ, e Caftella, &c.

Depois governou efte Reino com juftiça
prudencia, e virtude, por feu Sobrinho Dor
Affonfo V. Cafou-o com fua Filha, entre
gou-lhe o Reino, e fe foi viver a Coimbra
de que era Duque. Aquelles a quem aquell
bom Principe repremio por feus defregrado
procederes, lhe armaraõ tal falfidade, e ca
lumnias com feu Genro, e Sobrinho, qu
fendo rapaz, facilmente acreditou aquelle
embuftes; de fórma, que mandando chama
o Tio a Coimbra; e vindo com quarenta ho
mens

nens de ſua cometiva, os taes péſſimos vali-
los o capacitaraõ, que o Tio vinha contra el-
e, e lhe ſahio ao encontro com hum pé de
Exercito, e no ſitio chamado Alfarrobeira ſe
leu a fatal batalha de Portuguezes contra Por-
uguezes, em que o meſmo Duque foi mor-
o; e o que mais eſcandalizou toda a Europa,
oi o ficar aquelle célebre Senhor tres dias no
campo ſem ſe enterrar, tendo ſua Filha Raï-
nha, &c.

Na Provincia do Delfinado, em França, ha humas célebres couſas que notar.

432 Junto á Cidade de Grenoble eſtá hu-
ma Torre, a que chamaõ ſem veneno, por
naõ haver nella algum animal venenoſo; e ſe
acaſo o levaõ de fóra, logo morre, ou foge.

A duas legoas de Grenoble ha huma ar-
dente fonte, que lança chammas de cores
azuis, e encarnadas, de altura de meio pé:
queima palha, papel, lenha, &c. excepto
pó, e terra. O terreno he ſó de oito pés de
comprido, e quatro de largo.

Em Saſſenage ha duas cavernas em hum
Rochedo, que os moradores vizinhos chamaõ
cuves. Eſtando todo o anno vazias, ſó em 6
de

de Janeiro tem agua. He tambem célebre por seus bons queijos, e variedade de curiosidades, &c.

Perto desta mesma Cidade está huma montanha, na qual se encontraõ humas pedrinhas como lentilhas brancas, e pardas, que postas nos olhos os alimpaõ de toda a immundice, &c.

Junto de Cremius, e Tour du pain ha huma gruta de N. Senhora du *Baulme*, que tem trezentos pés de altura, e trezentos e sessenta de largura, e se vai estreitando, &c.

Junto de Calmar está huma fonte, que naõ obstante estar longe do mar, enche, e vaza muitas vezes no dia.

Duas leguas de Grenoble para o Norte está a Gram Cartuxa, que a S. Bruno fez doaçaõ Hugo Bispo de Grenoble. He residencia do Geral da Ordem. Recebem tres dias gratis a todo o Estrangeiro que alli chega. Naõ obstante estar aquella solidaõ cercada de rochedos, e precipicios, nada lhe falta; porque vaõ, e vem continuamente bestas carregadas de toda a sorte de provisoens de boca, &c.

433. Descubrio-se N. Senhora de *Mont-Serrat* em huma caverna, anno de 880. Está

perto

erto da Cidade de Cardona, no Principado
e Catalunha. He famoſo Sanctuario habitado
e Monges Benedictinos, e peregrinaçaõ de
uitos Romeiros, &c.

Filippe II. fez a Igreja de novo, e Filippe
II. acabou. Só o Altar Mór cuſtou quarenta e
nco mil cruzados. A Imagem da Senhora eſtá
o dito Altar Mór, allumiada por 90 alampa-
as de prata. O Theſouro he riquiſſimo, nel-
: tem huma coroa do Menino, e outra da Se-
hora de ouro finiſſimo, guarnecidas de bri-
iantes, que ſe eſtimaõ em quatrocentos mil
uzados, &c.

434 No Clauſtro dos Padres Agoſtinhos
a Cidade de Burgos, Capital de Caſtella a
'elha, ſe venera huma Imagem de hum Se-
hor crucificado; o Altar do Senhor ardorna-
ıõ os antigos Reis de Heſpanha com huma
nmenſa riqueza. Toda a abobeda eſta cuber-
ı com laminas de prata. Tem caſtiçaes de ou-
), e cruzes do meſmo metal, e de prata,
uarnecido de perolas, e diamantes. Guarne-
em os lados do Altar ſeſſenta grandes caſti-
aes de prata, &c.

435 Perto de Burgos eſtá a famoſa Abba-
ia de Las-Huelgas, na qual ha ſempre cento

e ſin-

e fincoenta Religiofas filhas de Principes, o
grandes Senhores. A Abbadeffa tem dezafet
Conventos, que governa. Difpoem de doz
Commendas, e he Senhora de quatorze Vil
las, e fincoenta Lugares. Chama-fe a Nobr
por excellencia; e o Rei Affonfo IX. de Caf
tella, que a fundou, fez todos os esforço
para a fazer memoravel, e unica no mund
todo; affim as bordaduras, e preciofidade
correfpondem, &c.

436 Os Venezianos houveraõ de Cathari
na Cornaro, Rainha, a Ilha de Xipre, ann
de 1489, dalli a oitenta e dous annos lha to
mou o Gram Turco.

437 Em 1772, eftando a cafa da Oper
de Amfterdam cheia de gente, fobreveio hu
ma terrivel trovoada; e defpedindo hum rai
fobre a dita cafa, matou feifcentas peffoas
Gazeta de Haya.

438 Eftando em Saulieu, vizinhança d
Bourdeaus, na França, anno de 1773, cent
e vinte meninos, e meninas para communga
rem a primeira vez, na Matriz, fe enterro
na dita Igreja, ifto he, abrio-fe huma fepu
tura para enterrar huma mulher, que havia fa
lecido de febre podre. O Coveiro encontro
hum

ım caixaõ ao lado da ſepultura de hum, que
ıha ſido ſepultado de maligna. Ao deſcer a
:ſunta ſe rompeo o caixaõ, e deitou tal hali-
de ſi, e taõ repentino, que todos os cir-
ınſtantes procuraraõ fugir da Igreja. Dos
:nto e vinte meninos cahiraõ muito enfermos
:nto e quatorze. Coveiro, Paroco, e mui-
s peſſoas, em numero de ſetenta morreraõ,
c. *Gazeta de Hollanda.*

439 No anno de 1752 falceeo o célebre
ardeal Pompeo Aldrovandi, de huma das
ais illuſtres familias de Bolonha. Cardeal do
ꞇulo de Santo Euſebio, creaçaõ de Clemen-
: XII., em 1734: Biſpo de Monte-Fiaſcone
Corneto: Membro da maior parte das Con-
regaçoens, &c.

Faleceo de oitenta e quatro annos, foi
ıuitos annos Nuncio em Heſpanha com gran-
e aceitaçaõ. Teve todos os votos a ſeu favor,
ıenos hum, para Papa; e as Cortes de Heſ-
anha, Portugal, França, Alemanha, e Na-
oles, Sardenha, e Polonia foraõ por elle.

Foi Prodatario, e Legado da Romanha.
)eixou a Sua Santidade huma precioſa Cruz
e eſmeraldas. A ſeus Teſtamenteiros os Car-
eaes Meſmer, e Mellini, outros legados.

Sua

Sua herança he de trezentos mil escudos, ou setecentos e sincoenta mil cruzados. Destes ha vinte e sinco mil em pedras preciosas, vinte e sinco mil em baxella, e o mais em dinheiro corrente.

Ordenou, que se pozesse esta herança a render até fazer huma soma de cem mil escudos, para se fazer huma famosa fachada na Igreja de S. Petrono em Bolonha sua patria; com outra soma se erigiraõ duas Academias na mesma Cidade, compostas cada huma de hum certo numero de Artistas, e destros Mestres para ensinarem a pintura, escultura, e huma manufactura de tappessarias de Flandres. Acabadas estas obras, e multiplicadas as rendas, a terceira geraçaõ de seus parentes em qualquer estado, e numero que forem, o poderaõ distribuir. Parece que este defunto Cardeal fez mais sacrificios á vaidade mundana, do que á caridade Christá: com tudo o seu zelo se naõ deve julgar temerario. Huma Eminencia pois que funda Academias, estabelece manufacturas, e orna Igrejas, naõ procura por este meio a subsistencia de tantos miseraveis, que nellas emprega, que por falta destas uteis obras seriaõ obrigados a mendigar? Naõ eterniza

iza ao meſmo tempo ſua memoria? E que
ıelhor podia elle empregar ſeu cabedal? Elle
ue o naõ deixou aos parentes, he certo que
lles naõ neceſſitavaõ delle. O capital lhe pa-
ecia ainda pouco para o diſtribuir em eſmolas,
uer que ſe acumule, e a caridade naõ he ſé-
aõ retardada; pois deixa á ſua terceira gera-
aõ a liberdade de o diſtribuir aos pobres de
eu tempo, &c.

440 Mandando o Senhor Rei D. Joaõ o
V. hum Embaixador a Suecia, levou eſte por
'onfeſſor, e ajudante nos negocios ao ſábio,
grande Latino o Padre Macedo. Acharaõ em
tockolmo por Rainha, e Senhóra daquelle
.eino huma menina de quinze annos, mui
iſta nas linguas, e ſabia, fallando ſingular-
ıente a Latina. O Padre dito goſtava muito
e praticar com ella; e conhecendo-lhe a bel-
ı indole, a foi diſpondo a abraçar a Fé Ca-
ıolica Romana. Capacitou-ſe tanto das ver-
ades do Chriſtianiſmo, que eſtavaõ total-
ıente abandonadas daquelle Reino, que man-
ou o meſmo Padre Macedo occultamente a
.oma, pedindo ao Papa lhe enviaſſe dous ho-
ıens ſábios, para lhe aclararem mais as luzes
vangelicas, cuja commiſſaõ o Padre cumprio

com grandes riſcos, que correo: os Padres foraõ, e ella ſe fez Catholica Romana. E como aquelles póvos ſeguem a ſeita Lutherana, e naõ querem Rei que naõ ſiga o meſmo ſiſtema, ella renunciou o Reino em hum Primo; reſervando huma tal porçaõ para ſua ſubſiſtencia; e ſe paſſou a Roma, onde viveo com fauſto de Rainha, pois tinha huma cometiva de quatrocentas peſſoas, além de muitas penſoens que a homens ſábios fazia diſtribuir pois naõ havia algum com quem ella ſe naõ correſpondeſſe por letras. Foi a Fundadora da célebre Academia dos Arcades. O Summo Pontifice, e os mais doutos Cardeaes a praticavaõ. Morrendo em 1688, o Papa lhe mandou a bençaõ *in articulo mortis*, e ella mandou pedir perdaõ de alguma picante liberdade que houveſſe proferido. Ainda naõ houve Imperador, Rei, ou Principe, que tiveſſe exequias como a dita Academia dos Arcades lhe fez.

O Padre Antonio Vieira Portuguez lhe prégou alguns Sermoens na meſma Curia Romana.

Diz hum Padre ſábio Heſpanhol, que vira huma Senhora ſem fauſto, penteando-ſe

ella

ella mesma ; sem enfeites das do seu genero ,
a manga cheia de tinta de muitas maximas , e
sábias cousas , que sempre estava a escrever :
a cara tinha visos de homem. Indo ella a Fran-
ça , o Rei lhe decretou hum Palacio para sua
residencia , onde assistio algum tempo. Como
as Senhoras Francezas tem o costume de beija-
rem na face , a dita Rainha se enfadou de tan-
to beijo , e disse com graça : *estas mulheres
cuidaõ que eu sou homem.*

Quando esta Senhora foi a França , tomou
por seu Estribeiro mór ao Maquez Mónaldes-
chi , Italiano. A este achou a Rainha falso ,
e infiel para com sua Ama , em cartas intri-
gantes , que se lhe encontraraõ. Naõ obstante
ella estar em Reino estranho , e o naõ ter se-
naõ no nome , ordenou que matassem o dito
Marquez. Decretou tres homens para a exe-
cuçaõ , e hum Padre Trino para o confessar.
Logo recusou confessar-se ; mas vendo a sua
Soberana inflexivel , se confessou , e encom-
mendou de coraçaõ a Santo Estevaõ , de quem
era mui devoto. Elle prevendo o mal que o
esperava tinha vestido huma saia de malha ,
porque dando-lhe hum huma estocada , naõ
penetrou ; e dando-lhe hum golpe na cabeça ,

e acudindo elle com a maõ, lhe cortou tres dedos della. Elle neffe tempo exclamou, dizendo: ah! que efte mundo he hum engano manifefto, e em mim fe moftra hum bom exemplo! que a Providencia naõ deixa a algum fem o caftigo merecido! pois eu com eftes tres dedos cortados fatyrizei ao meu Soberano natural o Papa Alexandre VII.; e efta morte em mim he jufta, pois confeffo haver feito outras maldades. A Rainha o mandou enterrar, e deu huma boa efmola para Miffas. Houve grandes problemas fobre fe ella podia fazer aquillo, eftando hofpeda en França; mas o que refultou foi ficar o pobre morto, &c.

441 Perto de Napoles eftá Putzol, onde eftá a fepultura de Virgilio, toda cercada d hera. Junto eftá huma famofa montanha tod furada por baixo pelos antigos, e lageada pc baixo. No meio do tal buraco tem huma Ca pella de N. Senhora. Alli junto eftá o lag Agnano. Sua agua he doce, e frefca em c ma, e falgada, e amarga no fundo. Perto e tá huma cova, que chamaõ da morte, porqu tudo o que lançaõ dentro morre. Havia al hum camponez, que por hum pequeno don tive

tivo nella entrava. Chegando huns Milords Inglezes, e querendo ver entrar o dito homem, elle o fez, e ſahio todo em ſuor, e eſteve ſeis minutos primeiro que entraſſe em ſi, e ſe pozeſſe em pé. Tirou de hum ſaco hum pequeno caõ, e o lançou a baixo por hum inſtrumento de páo feito expreſſo para aquillo. Depois iſſou aſſima morto na apparencia; logo lhe pegou pelos pés, e o lançou no lago; tanto que chegou á agua, logo ſahio para fóra, e partio como huma ſetta. He mui difficil o encontrar-ſe caõ; porque os animaes eſtaõ taõ timidos daquella experiencia, que em vendo gente deſconhecida, já ſe vaõ occultar nos boſques vizinhos, &c. *Viagem de huns Inglezes.*

442 Eſtando regulando os negocios do Imperio a Imperatriz Theofania, Viuva de Otam II., Mãi de Otam III., na Cidade de Aquiſgran, com os conſelhos, e prudencia de Erenfrido, Conde Palatino. O Imperador convidou ao dito Conde para jogarem o antigo jogo do Xadrez; o Ceſar era mui deſtro nelle, e naõ julgava houveſſe algum que o igualaſſe. O Conde poſto que ſe reconheceo mais inferior, aceitou, e pactearaõ, que aquelle que

por

por tres vezes ganhasse ao outro, poderia pedir-lhe o que lhe parecesse, e o vencido seria obrigado a conceder-lho.

O devoto Conde levantou os olhos ao Ceo, e pedio affectuosamente, lhe concedesse as tres victorias. Foraõ taõ bem ouvidas suas rogativas, que pondo-se a jogar, ganhou todas as tres vezes, com grande admiraçaõ do mesmo Monarca, que julgava naõ havia outro igual. Conhecendo pois que alli havia braço superior, lhe disse: pedi o que desejais, que estou prompto para vo-lo conceder. Suspenso o Conde por algum espaço, respondeo ao Soberano: » Ainda que, Senhor, pareça » confiado, e falto ao respeito, que a hum » taõ grande Monarca se deve, peço-vos que » me concedais por Esposa a vossa Irmã Ma- » thilde. » Muito elevada pareceo a Otam esta proposiçaõ do Conde, ponderando ser grande o excesso o querer por mulher huma Neta, Filha, e Irmã de tres Imperadores.

Mas naõ querendo faltar ao promettido, lha concedeo. Logo elle correo ao Mosteiro de Essem, onde a Princeza estava; e lhe deu a nova do consentimento de seu Irmaõ, e Mãi, e lhe apresentou o annel Esponsalicio.

Cha-

Chamaraõ à efte Matrimonio Raiz da Familia Santa; porque delle fahiraõ tres Filhos, e fete Filhas, que todos foraõ fingulares Principes, &c.

443 Querendo o célebre Pintor, e infigne Eftatuario Miguel Angelo Florentino, defenganar, e moftrar que era mui differente a opiniaõ, que delle fazia, e das fuas pinturas (sempre denegrindo-as) o famofo Rafael Sanctio de Urbino, pintou Baco, e hum Sátyro ao pé, ao qual cortou hum braço, e efcreveo feu nome. Ajuftou com o Meftre, e obreiros de huns alicerces, que fe hiaõ abrir para a factura de hum Palacio, que fingiffem ter encontrado aquella pintura antiga, e que a fizeffem conduzir ao Papa; para o que elle já a tinha defumado, para parecer mais antiga. Sua Santidade mandou chamar o dito Rafael, e lhe diffe: » aqui fe diz que efta pintura he boa, » vede fe affim he. » Depois de bem examinada, confeffou Rafael a Sua Santidade, que era perfeitiffima; e que a naõ eftar mutilada na falta do braço, naõ haveria dinheiro que a pagaffe. Miguel Angelo, que andava examinando os paffos, tanto que o foube appareceo com o braço, e o collocou com o feu nome.

me. Cuja vista confundio a inveja de Rafael, e confessou, a seu pezar, que elle era o mais insigne, &c.

Moderaçaõ de D. Lopo da Cunha.

444 Armando-se este Nobre Hespanhol de armas brancas para empreza da honra, anno de 1578, disse este Senhor aos seus criados, que o armavaõ, que o capacete naõ estava bem, e que lhe feria huma orelha: elles sustentaraõ que assim estava bem. Sem mais resistir, foi ao lugar onde o pedia a sua obrigaçaõ; e voltando a casa, ao tirar o capacete, veio juntamente com elle huma orelha: » Naõ » vos disse eu, diz aos servos, de hum tom » de doçura, que o capacete estava mal pos- » to ? » Sabendo deste maravilhoso lance hum Fidalgo Hespanhol fogoso, disse: Se me acontecesse igual cousa, havia cortar as orelhas a esses dous vilhacos. Isso era, respondeo o pacifico Lopo, vender a sua a vil preço, em lugar de comprar todas as linguas da fama, que celebraraõ para sempre esta singular moderaçaõ.

445 Lançando, por descuido, hum Pagem de hum Rei da Persia, sobre a cabeça do Mo-

Monarca, hum pouco de molho fervendo: elle se encolerizou, e condemnou o servo á morte; o que observado pelo condemnado, ho acabou de lançar todo em cima. O Rei admirado, lhe procura porque faz aquillo? » Eu quero, Senhor, que minha morte naõ faça mal á futura fama de Vossa Magestade. Vós passais por hum dos mais justos Monarcas deste Reino; perderieis por esse titulo, se a posteridade soubesse, que castigaveis de morte a hum de vossos domesticos, por huma taõ leve falta. » O Rei moderando-se, entrou em si, e teve vergonha da sua falta de moderaçaõ, e demaziada cólera. E observando o bom juizo do seu criado, naõ só lhe perdoou, mas lhe fez mercês.

446 Martinelle, Author grave, para dar a conhecer a força da melodia da Musica, traz estes exemplos. Tocando em Veneza o famoso Rabeca Stradella Napolitano, agradou tanto a huma Nobre Donzella, que logo lhe roubou o coraçaõ, e em pouco tempo o corpo; pois fugindo com elle para Roma, se casaraõ. Hum Nobre Veneziano, debaixo de cuja tituria ella estava, e a destinava para hum Nobre Mancebo; picado do furto, indu-

zio

zio o dito Mancebo a que foſſe a Roma, e ſe vingaſſe no ſangue do odioſo rival, da grande injuria que a ambos ſe havia feito. Chegando pois o dito Veneziano a Roma, eſpiava occaſiaõ de ſe poder vingar.

Sabendo que elle tocava a ſua ſingular rabeca em huma Igreja, ſe foi lá com tençaõ de o aſſaſſinar á ſahida. Entrou, ouvio hum ſolo, que elle tocou com tanta graça, e brilhante fermoſura, que ſe lhe mudou totalmente o coraçaõ, que o procurou, e ſe fez amigo com elle, &c.

447 Outro. Havia hum famoſo Muſico chamado Palma, tambem Napolitano. Devendo eſte huma grande ſoma a hum ſogeito, e naõ lha podendo haver, de repente lhe entrou em caſa com juſtiça querendo-o prender, e injuriou de palavras. Palma vendo-os ſe aſſentou ao cravo, e cantou huma aria com tal graça e melodia, que o credor naõ ſó o naõ executou, mas ainda lhe empreſtou outra ſoma maior.

Valor de hum Soldado.

448 No apertado ſitio, que o Rei de Cambaya poz a Dio, o Governador D. Joaõ Maſcare-

ırenhas eſtava deſejoſo de haver noticia do
ſtado dos inimigos, e praticou iſſo com va-
os Officiaes, para mandar alguem para ver
: ſe poderia tomar algum lingua. Ouvindo
ſta pratica Diogo de Naya, ſimples ſoldado,
ıe vivia do ſoldo, mas Fidalgo com eſpiri-
ıs dignos de ſeu illuſtre ſangue; eſte pois ſe
ıi offerecer ao Governador para a empreza
ropoſta. Lançado do muro abaixo, que era
: oitenta palmos, por huma corda, no ſilen-
o da noite, ſe foi ao campo dos Mouros, e
endo praticar dous homens, quiz avançar-
ıe; mas duvidou accommetter, temendo fu-
iſſe hum, e deſſe rebate; porém tomando
ı occaſiaõ conſelho, derribou a hum com
um bote de lança, e atracou o outro, e o
ouxe, que mordia, bradava, e forcejava,
:é que o levou, e achou a guarda de campo
ınto a hum poſtigo, onde o receberaõ com
ı lagrimas de alegria, e inveja.

O dito Naya Coutinho tinha pedido a
utro ſoldado o ſeu capacete, e com o force-
ır do barbaro, naõ reparou que lhe havia ca-
ido da cabeça; e vendo-ſe na praça ſem el-
:, teve a temeridade de tornar ao campo já
lvoraçado, e achar o capacete, e trazello a
ſeu

ſeu dono ſem perigo, &c. *Jacinto Freire Vida do D. João de Caſtro.*

449 Hum Cavalleiro Antonio Moniz Barreto (quando os Mouros vieraõ pôr ſitio a Dio) fez em Baçaim huma embarcaçaõ, e a preparou de gente, e armas, para ir ſoccorrer Dio, á ſua cuſta. Querendo embarcar-ſe com elle hum Fidalgo, Garcia Rodrigues, elle reſpondeo, que naõ queria na ſua embarcaçaõ quem lhe fizeſſe ſombra; porém Garcia lhe jurou que ſempre confeſſaria, que elle o havia levado na ſua embarcaçaõ, e que lhe paſſaria diſſo inſtromentos, ſe neceſſario foſſe. Com tanto eſcrupulo ſe tratavaõ naquelle tempo os negocios de honra, &c.

Ao ſahir com a embarcaçaõ do porto, gritou hum valeroſo ſoldado, e agigantado, que o tomaſſem, reſponderaõ-lhe, que naõ cabia mais gente. Elle animoſo agarra com os dentes na eſpingarda, e ſe lança a nado para a embarcaçaõ, o que obrigou ao Moniz a tomallo. Chegaraõ com grande cuſto a Dio, e eſtando o dito Moniz em hum Baluarte (quando os inimigos combatiaõ a fortaleza) chamado de Sant-Iago, eſtando ſó com o ſeu ſoldado, e outro, abrazados em fogo, detendo a furia

dos

os contrarios, querendo elle sahir a banhar-se em humas tinas de agua, que estavaõ expresso para isso, agarrou-lhe o soldado dito, e lhe diz: Moniz, deixais perder o baluarte d'ElRei? Vou saciar-me naquella agua, que estou ardendo em fogo, diz o Moniz. Se os braços estaõ bons para pelejar, o mais tudo he nada. Cuja advertencia o Moniz aceitou, e naõ pago do valor do soldado, que o trouxe depois para este Reino comsigo, e lhe alcançou despacho, e lhe dava sempre o honroso nome de soldado do fogo, confessando generosamente seu dezar para credito alheio, &c

450 Este mesmo Senhor mandou o Governador da India com huma Esquadra, D. Joaõ de Castro, em soccorro do Rei de Candia, na Ilha de Ceilam, que sendo Gentio, se queria fazer Christaõ. Neste mesmo tempo outro Principe da Ilha, o dissuadio, a que naõ abraçasse a Fé Catholica. Chegado Antonio Moniz Barreto á Ilha, se foi á Corte do dito Principe com cento e vinte soldados escolhidos. Lá achou tudo ao contrario do que se mandou dizer, e o accommetteraõ oito mil homens. Fez elle huma nobre falla á sua gente, e se veio defendendo dous dias, e duas

noutes,

soutes, matando muitos dos inimigos, naõ sem perda; mas o maior aperto foi na passagem de huma ponte, na qual elle, e nove valerosos soldados fizeraõ cára aos inimigos, em quanto os companheiros passaraõ, e depois fez derribar hum pedaço da ponte, e se vio salvo daquelle aperto, e chegou a Columbo com gloria de haver alcançado huma grande victoria naquella feliz retirada, &c.

451. Passando o mesmo D. Joaõ de Castro, a cavallo por huma rua de Goa, observou em huma casa hum cabido de armas muito bem limpas, e asseadas: parou o bruto, e procurou de quem eraõ aquellas armas? Acodio o dono, que era hum Francisco Gonsalves, soldado de fortuna, e lhe disse. Saõ minhas, Senhor: Elle o louvou muito de curioso, e alentado, e lhe mandou dar trinta pardáos, ou nove mil e seiscentos reis, para lhe alimpar a ferrugem, posto que em seu governo todo guerreiro, naõ crearaõ muita, &c.

452 Levado á presença de Alexandre Magno hum pequeno pirata, que andava roubando no mar. O Monarca o reprehendeo asperamente de andar roubando, e o queria mandar enforcar. Pois eu, Senhor, que sou hum pequeno

ueno ladraõ, por neceffidade, e que apenas
ıço mal a quatro gentes, devo fer enforca-
o, diz o pirata; e tu que tantos Reinos tens
ırtado, e tanta gente morta, deves fer lou-
ado? Alexandre goftou da repofta, que logo
fez General, e o levou comfigo.

453 Ajudar aos perfeguidos, he atalhar o
urço da ventura aos Poderofos, e parar a ro-
a da fortuna, quando vai defandando, e pre-
ipitado aos devalidos. *Quinto Curcio.*

454 Tomando hum Cavalleiro Maltez pa-
a a fua Guardaroupa a hum rapaz Turco;
unca efte fe quiz fazer Chriftaõ; e fe con-
ervou allı alguns tempos. Vindo o dito Se-
hor a Paris, o trouxe, e o levou hum dia á
)pera Real. Obfervando o Turco aquella ma-
nificencia, com que na Corte fe executa;
iiffe a feu Amo, que fe queria fazer Chriftaõ.
Porque caufa elle havia tomado aquella refo-
uçaõ, lhe diz, tendo elle inftado tantas ve-
zes inutilmente, que fe baptizaffe? He, Se-
ıhor, que eu penetro que gente que teve jui-
zo, e idéa para taõ feleta coufa fazer, o ha-
ria de ter para efcolher a melhor Lei, &c.

455 Tendo os Póvos do Limozin, em
França, hum Papa da fua naçaõ; perfuadi-
raõ-fe

raõ-se que elle tudo podia, e lhe fizeraõ huma petiçaõ, dizendo que seus Patricios lhe pediaõ lhes concedesse duas colheitas de frutos no anno. *Sua Santidade* observando a simplicidade do peditorio, poz por despacho, concedo o que se pede, advertindo porém, que vosso anno se comporá daqui por diante de vinte e quatro mezes.

456 Indo dous Procuradores em ferias para o campo, encontraraõ hum Cocheiro com quatro cavallos, hum muito gordo, e os tres magros. Dizem-lhe os ditos Procuradores por galantaria, porque está este cavallo taõ gordo, e os outros taõ magros? Elle que lhe sabia a occupaçaõ, disse: » Sabem porque, he » que este meu cavallo he Procurador, e os » outros saõ partes. » Elles se foraõ, picando os cavallos, muito bem pagos da sua curiosidade.

457 Estando os Francezes sitiando a Praça de *Yvoy*, no Paìs baixo, já brecha aberta, e o Conde de Mansfeld, Commandante da Praça, se dispunha a defendella com todo o valor: eis-que treze mil homens, que tinha de guarniçaõ, se conjuraraõ, e recusaraõ obedecer-lhe.

Ten-

Tendo inutilmente o dito Governador feito
odos os esforços, para os trazer á razaõ,
nandou vir á sua presença hum Official Fran-
ez, que estava prizioneiro, e lhe disse na
resença das Tropas »: Ide, Senhor, eu vos
concedo a liberdade, e vos tomo por teste-
munha do mal, que a guarniçaõ faz ao Im-
perador meu Amo, e a mim. *Yvoy* sitiada
á alguns annos pelo Duque de Orlians, foi
valerosamente defendida por hum Ferreiro,
Chefe de huma Tropa de paizanos, e se naõ
rendeo se naõ na extremidade, e com hon-
rosas Capitulações. E eu que me acho com
mantimentos, provisoens, e huma numero-
sa guarniçaõ, me vejo forçado pela perfidia
de meus soldados, e grande fraqueza, a re-
ceber as leis, que o inimigo me quizer im-
por. Todas as vezes que desta acçaõ fizer-
des memoria, naõ vos esqueçais de justifi-
car hum homem, que tendo experiencia de
guerra, se vê obrigado, sem o poder reme-
diar, a ceder á adversa fortuna. Será pois
contra aquelles que quizerem deteriorar a mi-
nha reputaçaõ. » Acabada esta falla, fez
amada, e entregou a Praça. *Mr. de Thou*,
c.

458 Derrotando aos Turcos, o Princip
de Bade, General das Tropas Imperiaes, en
Salenkemen, anno de 1691. Depois deſt
bem diſputada, e ſanguinolenta batalha, ti
nha hum ſoldado Alemaõ apanhado o turban
te, ou carapuçaõ de hum Janizero: eſte eſta
va com grande deſejo de o haver, diſſe algu
mas palavras a eſſe reſpeito, o Alemaõ qu
lhe entendia a linguagem, obſervando aquel
le empenho, lhe diſſe em Turqueſco: » To
» ma tu, amigo, es ſoldado como eu, nó
» nos devemos tratar como irmáos. » O Turc
vendo aquella generoſidade do ſoldado, na
quiz que elle foſſe dotado de maior grandez
de alma; dando-lhe o ſeu moſquete, que ſa
bons, diz: » pois nós ſomos amigos, naõ te
» nho preciſaõ delle. » Com huma maõ pego
no carapuçaõ, e com outra deu o moſquete
Hiſtoria Turqueſca de Cantimir.

459 Sitiando, na Flandres, huma Praça
o Principe de Condé, deſejou eſte famoſo Mi
litar queimar huma paliſſada, que no foſſo d
Praça eſtava; para o que offerecia ao que ſ
quizeſſe aventurar a executallo ſincoenta moe
das. O perigo era taõ certo, que nenhum ſ
animava a querellas ganhar. Veio hum ſold

do,

lo, mais animoso que os outros, offerecer-se
o Principe, para cumprir o seu desejo; naõ
ppetecendo por recompensa as sincoenta moe-
las promettidas, mas só o ser Sargento da sua
Companhia. O General, que observou em
um simples soldado sentimentos de valor,
onra, e desenteresse, lhe disse: » Vai, cum-
pre a empreza, que huma cousa, e outra te
darei. » Animado por esta promessa, se re-
olveo a desprezar a morte, e se expor ao pe-
igo. Desceo com archotes ao fosso, e a pezar
e muitos tiros de mosquete, que sobre elle
ispararaõ, e levemente o feriraõ executou o
ue se lhe tinha ordenado. Todo o Exercito o
ecebeo com as lagrimas de gosto, e inveja, e
ez mil encomios. O General lhe ficou taõ af-
eiçoado, que além do promettido, o fez Of-
cial. Quando elle logo chegou, reparou que
he tinha cahido huma pistola; e dispondo-se a
buscalla, lhe disseraõ os camaradas: » tu es
louco, queres tentar a Deos, pois elle te li-
vrou taõ milagrosamente de tamanho perigo,
queres tornar a metter-te nelle; anda que se
te daraõ outras pistolas milhores. Naõ, naõ
se me lançará em rosto, que estes marotos
se aproveitaraõ da minha pistola. » Voltou

ao foſſo, e trouxe a piſtola, tendo a felicidade, de cem tiros que ſobre elle diſpararaõ, nenhum o offender. *Cartas de Bourſault.*

460 O meſmo Principe de Condé tomava grande prazer em contar eſta hiſtoria da valentia, e generoſo deſintereſſe de hum ſoldado. Ordenando o meſmo a hum Tenente General, que lhe enviaſſe hum homem capaz de lhe examinar a ſituaçaõ dos inimigos com individuaçaõ. Elle lhe mandou hum capaz, porém a cara era feia. O Principe ſeguindo o Rifram *ſua cara defende ſua pouſada*, o repudiou, e mandou buſcar outro; vieraõ dous de boa cara, porém de obras nada. Enfadado, e deſgoſtoſo o Principe, recorreo ao primeiro, que o executou maravilhoſamente. Ficou taõ ſatisfeito o Principe, que diſſe ao ſoldado, que pediſſe, que lhe concederia a primeira graça que appeteceſſe. Elle lhe pedio que lhe concedeſſe o deſpedir-ſe do ſerviço. O General magoado de tal propoſiçaõ, lhe diſſe » Naõ falles em tal, amigo, eu te faço Ca» pitaõ, que o teu valor, e induſtria o mere» cem. A minha honra, Senhor, eſtá ani» quilada, vós me deſprezaſtes, eu naõ poſ» ſo ſervir mais ao Rei. » Como elle lhe ha-

via

via promettido, com grande pezar lha concedeo; mas onde quer que se achava naõ se satisfazia em exagerar, que havia perdido hum grande soldado, &c.

461 Desembarcando o famoso Luiz de Mello da Silva na Cidade de Mangalor, na India, no 1. de Março de 1559, com seis embarcações, e pouco mais de duzentos soldados escolhidos, derrotou a Cidade. No tempo que voltava, lhe sahiõ ao encontro hum Capitaõ Turco, no serviço do Camorim de Calecut, com treze embarcações, e dous mil homens, e travou huma aspera contenda; porque tres inimigas atracaraõ a Commandante Portugueza, que esteve em apertado perigo, e espantosas cutiladas. Por fim os inimigos que na nossa saltaraõ, todos foraõ mortos, e as tres embarcações, e outras tres mais ficaraõ, e as mais fugiraõ.

Morreraõ dos Christãos trinta, e dos inimigos mais de quinhentos. Entre os mortos dos primeiros foi hum virtuoso mancebo do appellido de Almeida. Seus criados o cozeraõ em huma colcha, e o lançaraõ ao mar. Deos permittio, por sua grande Providencia, que este Almeida fosse enterrado em terra de Christãos;

ſtãos; porque andando boiando ſeis dias ſobre as aguas, chegou ao Rio de Chale, onde eſtavaõ Portuguezes, que o enterraraõ em ſagrado taõ freſco, como ſe fora morto aquelle dia. Logo naõ ſabiaõ quem era. Paſſados dias ſe veio a ſaber; de que deraõ a Deos louvores pelo prodigio, &c.

462 Na hiſtoria do Marichal de Luxumburg ſe conta hum ſucceſſo de valor. Sendo ainda Conde de Bouttville, ſervia na Flandres, debaixo das ordens de Condé. Eſte obſervando em huma marcha, que alguns ſoldados ſahiaõ das fileiras, mandou hum Ajudante a fazellos entrar na fórma: todos obedeceraõ, excepto hum, que continuou. De que picado o Conde, correo a elle, e o ameaçou que faria ... &c. O ſoldado ſem ſe aſſuſtar lhe diſſe; que ſe elle executava o que dizia, elle o faria arrepender diſſo; elle colerico lhe deu algumas bengaladas, e o fez voltar á ſua fileira. Quinze dias depois ſitiando Furnes, encommendou o meſmo Conde ao Coronel da Trincheira, que lhe procuraſſe hum homem intrepido, capaz de huma acçaõ de confiança e que lhe daria duzentos mil reis de recompenſa. O ſoldado que havia levado as bengaladas,

ladas, era o mais alentado do tal Regimento; e como tal nomeado pelo Coronel, e mais trinta, que se apresentaraõ ao Conde. Foi, e fez a acçaõ que se lhe encumbio, com todo o brio, e valor; o General o recebeo nos braços dando-lhe mil louvores, e lhe deu duzentos mil reis. Elle os distribuio pelos trinta camaradas; eu naõ sirvo por dinheiro, diz, e se a empreza de que dei conta merece alguma recompensa, desejara-me fizessem Official. Virando-se para o Conde, lhe disse: Vós, Senhor, naõ me conheceis? Elle respondeo, que lhe naõ lembrava havello visto. Eu sou aquelle soldado, a quem destes aquellas bengaladas, e que vos disse vos havia de fazer arrepender. He verdade, meu amigo, que eu tenho hum summo desgosto de haver offendido hum taõ valeroso homem, com as lagrimas nos olhos, e abraçando-o. Logo o fez official, e em pouco tempo seu Ajudante de Campo, &c.

463 Os Hollandezes se rebelaraõ contra seu legitimo Senhor Filippe II., e fizeraõ huma Républica, que se augmentou muito com os despojos dos estabelecimentos Portuguezes no Ultramar; porque este Reino estava sujei-

to

to ao Dominio Hefpanhol. Querendo tomar a Praça de Moçambique, além do Cabo da Boa Efperança, chegaraõ a ella com huma Efquadra de oito náos, em Março de 1607, a tempo que o Governador D. Eftevaõ de Ataide naõ tinha mais que cento quarenta e finco homens de guarniçaõ. Defembarcaraõ dous mil homens em terra, e a combateraõ por tres mezes. Efte valerofo Capitaõ, naõ fó defendeo, mas offendeo muito aos contrarios, matando-lhe muita gente; de forte, que levantaraõ ferro faltos de mantimentos, e fe foraõ, &c.

464 No Gram Cairo, Capital do Egypto, houve em 1618, huma violenta pefte, que em tres mezes levou feifcentas mil almas, fem em aquella numerofa Cidade haver falta de gente. Quafi houve outra igual na Corte do Turco, em 1752, que a pefte levou quatrocentas mil peffoas, que fe contavaõ todas á porta de Andrinopli; e fe naõ conheceo diminuiçaõ em Conftantinopla, &c.

465 Eleito hum Pontifice, prometteo naõ receber Nepotes em Roma, ou fobrinhos, parentes, &c. Pozeraõ no Pafquin: *Defcendit de Cælis.* Alludindo que hum homem que eftava

eſtava izento de affectos terrenos, era ſogeito vindo do Ceo. Páſſados tempos, eſtando com eſcrupulos ſe os receberia, hum certo Confeſſor lhe deu o Machavelico arbitrio; que indo-os Sua Santidade receber fóra de Roma, já cumpria a promeſſa. Elle o poz por obra. Pozeraõ no Paſquim: *Et homo factus eſt*, &c.

466 No decimo quinto ſeculo ſe fez famoſo hum homem chamado *Nicolas Peſcecula*, ou *Peixe Nicolau.* Deſde menino ſe coſtumou a andar no mar; porque ſe coſtumou a peſcar oſtras, e coral no fundo dos mares de Cicilia. A's vezes eſtava no mar quatro e ſinco dias comendo peixe crú. Algúmas vezes hia á Ilha de Liparo a nado, e levava cartas em hum ſaquinho, e voltava com repoſta. Sabendo o Rei de Cicilia Federico a deſtreza deſte nadador, lhe ordenou ſe lançaſſe no Golfo de Caribides, perto do Promontorio *il capo de Faro*, para dar alguma noticia da diſpoſiçaõ do fundo daquelle mar. Obſervando o Rei a difficuldade da empreza, e que o homem repugnava executalla, pelas aguas correrem alli com muita violencia, o animou com grandes promeſſas, e lançou huma ſalva, e copo de ouro ao mar, e que o foſſe buſcar para ſi. Ar-

rojou-

rojou-ſe ao mar, e eſteve tres quartos de hora ſem ſurdir, de ſorte que já o julgavaõ morto: por fim veio aſſima com as peças ditas na maõ. Diſſe havia profundas cavernas, e nellas temeroſos monſtros, que muito o aterraraõ, e que as aguas corriaõ em baixo muito frias, motivos muito fortes para o obrigarem a naõ tornar alli. O Rei deſejando que elle tornaſſe a examinar mais, o animou com promeſſas grandioſas; e lançando outra taça de ouro muito melhor que a paſſada, foi, mas naõ tornou. Julgaraõ que algum monſtro o devorou, &c.

467 Paſquin, he o meſmo que ſatyra. Originou-ſe de huma eſtatua, em que ſe punhaõ as ſatyras, chamada Paſquin; e outra Marforio, em que ſe punhaõ as repoſtas.

Clemente VII. arruinou a ſua ſaude por comer muito melaõ, e chanpinhões. Tomou novo Medico, e mudando-lhe o regimen de vida, que o levou breve á ſepultura. Os que lhe eraõ contrarios pozeraõ o retrato do Medico, e eſta letra por baixo: *Ecce agnus Dei, ecce qui tolit peccata mundi*, &c.

468 Sahindo eleito o Papa . . . jurou naõ recceberia Nepotes. Paſſados tempos, veio hum

hum seu sobrinho visitallo. Diz o Pasquim: *Ecco là Croce tosto venerà la Procissione.* Eis-aqui a Cruz, logo virá a Procissaõ. Parece foi profetica a exposiçaõ pasquinada, porque em pouco tempo recebeo todos os parentes, e fez o contrario do que jurou, &c.

469 Acabando de ser feito Cardeal hum Ecclesiastico, que nem merecimento, nem talento tinha, pozeraõ no Marforio huma cabeça com hum grande chapeo, e as armas do tal Cardeal. Diz o Pasquim: Eis-aqui hum grande chapeo para huma taõ pequena cabeça.

470 Subindo Luiz XII. ao Throno da França, alguns malevolos lisonjeiros o aconselhavaõ que se vingasse de huns sogeitos, que lhe haviaõ feito algumas injurias, sendo Duque de Orlians. Elle generoso respondeo: Naõ pertence ao Rei de França despicar as injurias do Duque de Orlians.

471 Dizendo-se a Mr. Colbert, famoso Ministro de Luiz XIV., que hum certo Poeta, Henaut, havia feito contra elle hum célebre Soneto: Ministro indigno, &c. Respondeo (naõ o querendo ler) falla elle contra o Rei? Sabendo que naõ. Neste caso deixai o Poeta em paz, que suas satyras o castigaraõ.

472 Encommendando-se a hum famoso Prégador, que pedisse do pulpito esmóla, para huma Donzella, que queria ser Freira. » Peço, Senhores, á vossa benigna caridade » para huma virtuosa Moça, taõ pobre, que » naõ póde fazer voto de pobreza. »

473 Prégando hum novo no officio, o fez de sorte, que enfastiou a todo o Auditorio. Ao descer do pulpito, lhe disse huma mulher; v. m. prégou das Bemaventuranças, e disse serem oito, porém esqueceu-lhe huma; pois qual he ella, diz o Padre? A nona he, torna ella: Bemaventurados os que naõ ouviraõ a v. m., &c.

474 Fázendo o Panegyrico de hum Santo outro Prégador, o exaltou tanto, que naõ havia no Paraiso quem os igualasse; e a cada passo repetia, onde o poremos. Hum dos ouvintes enfadado de tanta repetiçaõ, se levantou do banco, e disse: ponha-o, meu Padre, no meu lugar, que eu me vou, e se ausentou, &c.

475 Prégando hum Sermaõ de tarde, na Quaresma, o dividio em trinta periodos. Estendendo-se muito, hum dos ouvintes se levantou; diz outro, onde vai, senhor? Vou, diz,

diz, bufcar o meu barrete de de noite. Com effeito foi taõ extenfo, que muitos enfadados foraõ indo huns atrás de outros. O Prégador que era de vifta curta, naõ reparou, e foi continuando, até que hum rapaz da Sacriftia fe chegou a elle, e lhe diffe: aqui eftaõ as chaves da Igreja, quando acabar fechará a porta della. Pois a gente foi-fe? Sim fenhor; pois eu tambem me vou, &c.

Fim da primeira Parte.

Pag.	regr.	ERROS.	EMENDAS.
1.	13.	alegrar-ſe com os pezares.	lea-ſe com os prazeres.
17.	8.	mel.	mobil.
40.	15.	os ſequazes.	os loquazes.
66.	2.	o Ceo.	o ocio.
108.	14.	Pria.	Piza.
ibid.	21.	Cicilia.	Cilicia.
124.	24.	Cova.	Cava.
126.	17.	Gallerias.	Galleras.
128.	25.	Barbass.	Barbaços.
139.	21.		Eſtavaõ já taõ coſtumados os lagartos.
140.	17.	Eletria.	Eletrix.
141.	8.	Suecia.	Suevia.
144.	ib.	as maons.	as más.
149.	1.	celebre.	celbre.
152.	7.	Galleria.	Gallera.
155.	10.	celebre.	celbre.
159.	9.	onde eu retenha.	onde retenha.
ibid.	10.	que creou para o Ceo.	lea-ſe, os quaes creou , &c.
167.	20.	30 mil cruzados.	deve ſer 530000 cruzados.
176.	2.	60 peſſoas.	600 peſſoas.
198.	5.	lha deu.	lho deu.
199.	22.	as luvas.	a luva da eſquerda.
208.	2.	hum barqueiro.	Banqueiro.
213.	14.	do Avô.	da Avó.

227.

Pag.	regr.	ERROS.	EMENDA.
227.	5.	Mafra.	Malafra.
229.	19.	Mr. Chviſeul.	M. Choiſeul.
230.	1.	Chviſeul.	Choiſeul.
239.	11.	Cortezaõ.	o Cortezaõ.
258.	9.	Eſtaremberg	Eſtaramberg.
ibid.	10.	o qual recebeo.	rebateo.
260.	4.	Secretariõ.	Secretaria.
266.	26.	quarenta homens.	quatrocentos.